



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Rute Luisa Gordalina de Sousa Violante

RECLUSÃO VIGIADA: DA ESCURIDÃO À LUZ

Projeto fotográfico autoral

Orientado por:

Nuno Faria, Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Projeto apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar

para cumprimento dos requisitos necessários

à obtenção do grau de Mestre em Fotografia

Dedico este Projeto aos meus pais que me ensinaram que para voar, primeiro temos de
fazer crescer as raízes e à minha avó Teresa.

RESUMO

Projeto de fotografia autoral realizado em torno do edifício do ex-presídio militar de Santarém.

Este projeto apresenta-se como uma exploração imagética do espaço arquitetónico enquanto veículo de reconstrução e redenção do ser humano.

Neste projeto explora-se também a questão da vigilância inerente às prisões de estrutura panóptica, numa perspectiva crítica e utilizando o espaço “Presídio” como uma metáfora para outras realidades sociais.

Este projeto visa também um enriquecimento do papel atribuído à fotografia, aludindo ao poder da mesma no contexto das prisões.

Sendo um projeto de natureza conceptual, apresenta contudo uma componente de fotografia experimental.

Palavras-chave: Fotografia; prisão; panóptico; vigilância; memória; poder; luz; reclusão; camera obscura; pinhole; panorâmica

ABSTRACT

Authorial photography project done around the building of the former military prison of Santarém.

This project is presented as an imagistic exploration of architectural space as a vehicle for rebuilding and redemption of mankind.

This project is also exploring the issue of care required by the panoptic structure of prisons, from a critical perspective and using the space "Prison" as a metaphor for other social reality.

This project also aims to enrich the role assigned to photograph, alluding to the power of it in the context of prisons.

Being a project of conceptual nature, yet has a component of experimental photography.

Keywords: Photography; prison; panopticon; surveillance; memory; power; light; imprisonment; camera obscura; pinhole; overview

AGRADECIMENTOS

Nuno Faria (Professor e Orientador deste Projeto), por me ter ensinado a “ver” a fotografia sob um novo olhar e pelos valiosos contributos ao longo da realização deste Projeto.

Liliana Gonçalves, por me ensinar a ser resiliente.

Luís Carvalho, por me apoiar de forma simples e discreta e pela sua presença enquanto figurante em ambos os projetos.

Nuno Lima e José Pedro Sifredo, meus sócios, por me terem apoiado trabalhando muito mais durante o período de realização deste projeto, permitindo-me concluir esta etapa.

Vasco Baião, por me obrigar a questionar tudo o que penso que sei.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
AGRADECIMENTOS	xi
ÍNDICE GERAL	xiii
ÍNDICE DE FIGURAS	xv
LISTA DE TABELAS	xx
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xx
I. INTRODUÇÃO	1
II. OBJETIVOS	3
III. CRONOGRAMA	5
IV. BREVE HISTÓRIA DO PRESÍDIO MILITAR DE SANTARÉM.....	11
A. ESTRUTURA ARQUITETÓNICA – O MODELO PANÓTICO.....	13
V. ESTUDOS SOBRE A LUZ	21
A. GEOMETRIA SAGRADA	21
B. LUZ E ESCURIDÃO; PRISÃO E LIBERDADE	27
C. RECLUSÃO.....	32
VI. A VIGILÂNCIA	43
A. A FOTOGRAFIA E AS PRISÕES	50
VII. PROJETOS E AUTORES DE REFERÊNCIA.....	57
A. DONOVAN WYLIE.....	57
B. CORNELL CAPA.....	59
C. ANDREAS GURSKY.....	61
D. EDWARD BURTYNSKY	67
E. BRUNO BARBEY	71
F. PETER MARLOW	74

G.	LU-NAN.....	79
H.	DAVID LEVENTI	83
I.	RICHARD ROSS	86
J.	SUSANA GIRÓN	89
K.	STEVE DAVIS	92
L.	CANDIDA HÖFER	95
VIII.	O TEMPO E A LUZ	100
A.	CAMERA OBSCURA	100
B.	PINHOLE.....	104
IX.	RELATÓRIOS TÉCNICOS.....	107
A.	HIGH DYNAMIC RANGE E PANORÂMICAS – AUMENTO DA AMPLITUDE DE UMA IMAGEM.....	107
1.	HIGH DYNAMIC RANGE (HDR).....	107
2.	PANORÂMICAS.....	111
B.	PINHOLE.....	118
X.	IMAGENS FINAIS.....	123
A.	O OLHAR OBJETIVO SOBRE O EX PRESIDIO MILITAR DE SANTARÉM (reclusão vigiada).....	126
B.	O OLHAR PANORÂMICO	134
C.	O OLHAR SUBJETIVO SOBRE O EX PRESIDIO MILITAR DE SANTARÉM (da escuridão à luz).....	134
XI.	CONCLUSÃO.....	143
XII.	BIBLIOGRAFIA.....	147
A.	DOCUMENTOS CONSULTADOS NA INTERNET:.....	151
B.	RECURSOS AUDIOVISUAIS:.....	161
XIII.	ANEXOS.....	163
A.	PROJETO RESILIÊNCIA	163

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Autor desconhecido, Presidio militar de Santarém - Postal em processo de leilão	11
Figura 2 – Autor desconhecido, Presídio militar de Santarém – vista aérea	13
Figura 3 – Malfaison e Kuchman – Maison de Force de Gante	15
Figura 4 - Bentham, Jeremy; Projeto para uma prisão panóptica, 1791	15
Figura 5 – Prison de Pentonville, inaugurada em 1842	17
Figura 6 – La Petite Roquette, Paris, 1830	18
Figura 7 – Autor desconhecido, La Petite Roquette, Paris	21
Figura 8 – Estrela de Davi	22
Figura 9 – Hexagrama	22
Figura 10 – Selo de Salomão	22
Figura 11 – Geometria sagrada – numerologia esotérica	26
Figura 12 – Violante, Rute - ex Presídio Militar de Santarém, 2014	27
Figura 13 – Violante, Rute - Taxista sentado no chão do aeroporto de Istambul, 2013	27
Figura 14- Violante, Rute – Coluna iluminada pelo sol, Hagia Sophia, Istambul, 2013	28
Figura 15 – Autor desconhecido, Catedral de Granada	31
Figura 16 – Violante, Rute - Hagia Sophia, Istambul, 2013	31
Figura 17 – Violante, Rute - Igreja de S. Francisco, Leiria, 2012	33
Figura 18 – Violante, Rute - Mesquita, Istambul Oriental, 2013	33
Figura 19 – Violante, Rute - Hagia Sophia, Istambul, 2013	33
Figura 20 – Violante, Rute - Hagia Sophia, Istambul, 2013	34
Figura 21 – Violante, Rute - Igreja Matriz, Santa Maria da Feira, 2014	34
Figura 22 – Violante, Rute – Oração a meio do dia, jardins de Istambul, 2013	35
Figura 23 – Violante, Rute - Santuário de Fátima, 2012	36
Figura 24 – Violante, Rute - Eremita – Arthur’s Seat, Edimburgo, 2014	37
Figura 25 – Violante, Rute - Masmorras, recriação histórica, Castelo de Edimburgo, 2014	38
Figura 26 – Violante, Rute - Masmorras, Recriação histórica, Castelo de Edimburgo, 2014	39

Figura 27 – Violante, Rute – “Zoom burst” de símbolo religioso islâmico, Hagia Sophia, 2013....	40
Figura 28 – De La Tour, Georges - “Maria Madalena com a lamparina”, 1640	41
Figura 29 – Violante, Rute - Instalação artística – “Caldas Late Night” – C. Rainha, 2013.....	43
Figura 30 – Violante, Rute - E.P. Leiria – jovens – Projeto Resiliência, 2013	44
Figura 31 – O modelo panóptico e o conceito de Dharma	48
Figura 32 – Keizer, Carl de - Krasnoyarsk, Russia, 2001	50
Figura 33 – Bertillon, Alphonse - Auto retrato - Mug Shot, 1900	51
Figura 34 – Photo credit: Bettmann/Corbis - Mug Shot - Al Capone, 1931	51
Figura 35 – Cornwall, Debi – “Beach chairs on Guantanamo's Windmill Beach”	55
Figura 36 – Cornwall, Debi - “A kiddie poll at Guantanamo Bay”	55
FIGURA 37 – Wylie, Donovan – “The Maze” - Outside the H Blocks at the Maze – Northern Ireland, 2003.....	57
Figura 38 – Capa, Cornell - Attica, New York; Attica Correctional Facility, 1972.....	59
Figura 39 - Capa, Cornell - Attica, New York; Attica Correctional Facility, 1972	60
Figura 40 - Capa, Cornell - Attica, New York; Attica Correctional Facility, 1972	60
Figura 41 – Gursky, Andreas - Stateville, Illinois, 2002.....	63
Figura 42 – Gursky, Andreas, "99 Cents", 1999	63
FIGURA 43 – Gursky, Andreas -Workers at a cane furniture factory in Nha Trang, Vietnam.....	65
Figura 44 – Gursky, Andreas - "May Day V", 2006	66
Figura 45 – Burtynsky, Edward - "Manufacturing #17, Deda Chicken Processing Plant, Dehui City, Jilin Province, 2005"	67
Figura 46 - Burtynsky, Edward - Old Factories #1 Fushun Aluminum Smelter - Fushun City, Liaoning Province, China, 2005.....	68
Figura 47 - Burtynsky, Edward - Old Factories #9 - Fushun Aluminum Smelter, Fushun City, Liaoning Province, China, 2005.....	68
Figura 48 - Burtynsky, Edward - Manufacturing #10A, Cankun Factory, Xiamen City, 2005 (detail of original diptych).....	69
Figura 49 - Burtynsky, Edward - Manufacturing #11, Youngor Textiles, Ningbo, Zhejiang Province, 2005.....	70

Figura 50 – Burtynsky, Edward . “Manufactured landscapes” documentary – cover image (a film by Jennifer Baichwal) - Zeitgeist Films – 2006	70
Figura 51 – Barbey, Bruno – Seven days in Myanmar, 2013	71
Figura 52 - Barbey, Bruno - City of Odessa. The monastery of Alexandriskiy. 1988	72
Figura 53 – Barbey, Bruno, Morocco. Rabat. During festivities of the Throne Day. March 3rd, 1996.....	72
Figura 54 – Barbey, Bruno - Brasil, Rio de Janeiro, Carnaval 1973.....	72
Figura 55 – Barbey, Bruno - South Vietnam, Town of Phucat. The Drug problem with American soldiers in Vietnam, 1971.....	73
Figura 56 – Barbey, Bruno - Cemetery of Bab Sagma at sunset. 1984.....	73
Figura 57 – Barbey, Bruno - Moulay Idriss, Marrocos,1993	74
Figura 58 – Marlow, Peter - 'The English Cathedral', Published by Merrell Publishers. Peter Marlow photographed all forty two Anglican Cathedrals over a three year between 2009 and 2012	75
Figura 59 – Marlow, Peter – Ethiopia, Addis Ababa, Trinity Cathedral, 2000.....	76
Figura 60 – Marlow, Peter - Arlington House in Camden Town; A hostel for the homeless, 1982	76
Figura 61 – Marlow, Peter - Italy. Piedmont project. Superga Church on top of the hills overlooking Torino. A simple room for pilgrims inside the monastery, 2003.....	77
Figura 62 – Marlow, Peter - GB. London. Greenwich. The Millenium Dome. The construction of the central showpiece, the Tower of Babel, engineered by Atelier One, 1999	78
Figura 63 – Marlow, Peter - GB. London. Greenwich. The Millenium Dome. The construction of the central showpiece, the Tower of Babel, engineered by Atelier One, 1999	78
Figura 64 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990.....	80
Figura 65 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990.....	80
Figura 66 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990.....	81
Figura 67 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990.....	81
Figura 68 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990.....	81
Figura 69 - Lu-Nan - Prison camps in Northern Myamar, 2006 - Father injecting heroin and Mother feeding heroin to her daughter.	82
Figura 70 - Lu-Nan - Prison camps in Northern Myamar, 2006.....	82
Figura 71 - Lu-Nan - Prison camps in Northern Myamar, 2006.....	82

Figura 72 – Leventi, David - Haarlem Prison, Netherlands, 2011	83
Figura 73 – Leventi, David - La Fenice, Venice, Italy, 2008.....	83
Figura 74 – Leventi, David - Stateville Correctional Center, Crest Hill, Illinois, 2010.....	83
Figura 75 – Leventi, David - Teatro di San Carlo, Naples, Italy, 2009.....	84
Figura 76 – Leventi, David - Arnhem Prison, Arnhem, Netherlands, 2011	84
Figura 77 – Leventi, David - USA. Illinois, Stateville Prison. F house,	85
Figura 78 – Ross, Richard - Architecture of Authority Published by Aperture Foundation 2007 .	86
Figura 79 – Ross, Richard - Holding Cells, Joint Task Force Guantanamo, Cuba, 2006	87
Figura 80 – Ross, Richard - Second-Floor Corridor, Santa Barbara High School Santa Barbara, California, 2006.....	87
Figura 81 – Ross, Richard - Dormitory, mental institution Havana, Cuba 2006.....	87
Figura 82 - Richard Ross - Bath Istanbul, Turkey 1999.....	88
FIGURA 83 – Ross, Richard – “Gathering light” - Eastern State Penitentiary Philadelphia, Pennsylvania, 1996.....	88
Figura 84 – Ross, Richard – From the book “Juvenile in Justice” - Published in 2012.....	89
Figura 85 – Idem	89
Figura 86 – Ibidem	89
Figura 87 – Ross, Richard - From the book “Juvenile in Justice” - Published in 2012	89
Figura 88 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014	90
Figura 89 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014	90
Figura 90 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014	90
Figura 91 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014	91
Figura 92 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014	91
Figura 93 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014	91
Figura 94 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002.....	92
Figura 95 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002.....	93
Figura 96 – Idem	93

Figura 97 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002 -	93
Figura 98 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002.....	94
Figura 99 - Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002.....	94
Figura 100 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002.....	94
Figura 101 - Idem.....	94
Figura 102 - Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002.....	95
Figura 103 – Höfer, Candida – Biblioteca do Convento de Mafra, 2006	96
Figura 104 – Höfer, Candida – Teatro La Fenice di Venezia, Rome 2011-2013	97
Figura 105 – Höfer, Candida - George Peabody Library of Baltimore, 2010.....	97
Figura 106 – Höfer, Candida - Zoologischer Gärten, Hannover II, (data não referida).....	98
Figura 107 – Höfer, Candida - Zoologischer Gärten, Hamburg I, 1990	98
Figura 108 – Höfer, Zoologischer Gärten, Madrid I, 1995	98
Figura 109 – Höfer, Candida - Zoologischer Gärten London, 1992	99
Figura 110 - Candida Höfer, Zoologischer Gärten Paris II.....	99
Figura 111 – Autor desconhecido, representação de uma câmara escura	101
Figura 112 – Explicação da fórmula que traduz o fenómeno da câmara escura	102
Figura 113 – Figura representativa da forma como os pintores recorriam à câmara escura enquanto ferramenta de trabalho.....	102
Figura 114 – Autor desconhecido, (A hole in one of the boards casts the inverse image of a tree outside across a peeling sanatorium wall).....	103
Figura 115 – Barnard, George - View from the top of Lookout Mountain, Tennessee, Albumen prints, 1864.....	112
Figura 116 – Acessório para Pinhole digital (para Nikon).....	119
Figura 117 – Carvalho, Luís - Imagem de Making of deste Projeto, 2014	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Problemas encontrados na realização da técnica HDR's e respectivas soluções e/ou decisões	110
Tabela 2 - Problemas encontrados na realização das panorâmicas e respectivas soluções e/ou decisões	117
Tabela 3 - Valores utilizados para o processo de Pinhole	120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HDR - (High Dynamic Range) – Técnica que permite realizar imagens de elevada gama dinâmica

ISO - (ISO System) – Escala normativa da velocidade da película, no que diz respeito à sua sensibilidade à luz. Atualmente, aplica-se ao sistema de medição da sensibilidade do sensor digital à luz.

f/ - Designação para a referência ao valor de abertura de diafragma de uma objetiva. Nalguns casos, aplica-se na caracterização de uma objetiva, como referência da sua abertura máxima.

«NÃO HÁ SILÊNCIO BASTANTE

Não há silêncio bastante

Para o meu silêncio.

Nas prisões e nos conventos

Nas igrejas e na noite

Não há silêncio bastante

Para o meu silêncio.

Os amantes no quarto.

Os ratos no muro.

A menina

Nos longos corredores do colégio.

Todos os cães perdidos

Pelos quais tenho sofrido:

O meu silêncio é maior

Que toda solidão

E que todo o silêncio.»

- Hilda Hilst - 1

1 <http://www.hildahilst.com.br.cpweb0022.servidorwebfacil.com/separata.php?id=12&categoria=10>

I. INTRODUÇÃO

No final de 2012, pouco antes de iniciar o mestrado, realizei um projeto denominado “Nova Fé” em Fátima, dedicado à forma como as novas gerações vivem e sentem Fátima.

Durante o 1º ano de Mestrado (2012/2013), realizei o Projeto “Resiliência” (em anexo), no qual illustrei através de sequências tríplicas o desenrolar do processo de resiliência humana no contexto de uma Prisão, numa perspectiva conceptual. No referido projeto, foi dada especial ênfase à “fé” e a elementos e objetos de cariz religioso, sendo estes fonte de esperança, fé, sofrimento e nalguns casos “redenção”.

Ainda em 2013 e após terminar o 1º ano do Mestrado, organizei uma Expedição Fotográfica a Istambul na qual me debrucei sobre a fé no contexto da religião Islâmica, imagens que utilizo também na fundamentação teórica deste Projeto, como forma de ilustrar o poder do processo de “reclusão” e a força da “fé”.

No Verão de 2014, noutra Expedição Fotográfica Internacional também da minha responsabilidade, desta vez na Escócia, tive a oportunidade de fotografar uma recriação histórica de masmorras, no Castelo de Edimburgo, o que reavivou algumas questões e ideias que fui criando sobre uma possível relação entre a reclusão religiosa e a reclusão prisional.

Ao visitar por questões profissionais, dois conventos em ruínas durante o ano de 2013, pude surpreender-me com as semelhanças arquitetónicas com a prisão que tinha fotografado nesse ano.

Na tentativa de aprofundar o tema e unir estes dois focos (prisões; religião) surge este Projeto, como uma confluência do que tenho vindo a “questionar”.

A minha mente diz-me que não sou crente, o meu “olhar” de fotógrafa às vezes diz-me algo diferente. Coloco essas interrogações ao espectador, em forma de imagens, confrontando-o com uma visão individual e pessoal destes conceitos.

Numa primeira análise, o ex Presídio seria um objeto de estudo interessante em termos fotográficos essencialmente pelas suas características arquitetónicas pouco comuns, sendo um edifício de rara beleza.

A presença de uma luz imensamente bela e “tranquilizante” tornava fundamental a exploração da dicotomia luz vs escuridão que me remeteu para questões filosóficas ricas e

abrangentes. A luz como renascimento, reconstrução humana, liberdade, absolvição, metamorfose, iluminação, cura, espiritualização, equilíbrio, essência divina, redenção (entre outros múltiplos e infinitos significados) e a escuridão representando o sofrimento, a reclusão, a prisão, a destruição, a morte, a doença, o desequilíbrio, a ausência de fé, o pecado (etc...).

A dicotomia luz vs escuridão tornou-se fundamental para estabelecer um possível paralelismo entre a reclusão prisional e a reclusão religiosa.

Apesar de eu não ter tido formação religiosa, a curiosidade e o fascínio moldam o meu olhar artístico, numa procura de um sentido maior para a própria explicação da “fé”. O meu trabalho enquanto fotógrafa (numa vertente não comercial) tem sido marcado pelo conceito de “fé”, ainda que nem para mim exista uma explicação lógica para essa “presença” constante.

Sendo o ex Presídio um edifício de arquitetura panóptica, o conceito de “vigilância” intuía-se muito relevante neste projeto, remetendo para o controle, para o olho que tudo vê, para as estruturas sociais “semelhantes” em que, mesmo em liberdade, nos encontramos presos e controlados pelo sistema.

No seguimento da exploração dos conceitos de reclusão, fé, luz e escuridão anteriormente referidos, dei início a este Projeto, que foi sofrendo alterações e reajustes à medida que ia avançando, fotografando e pesquisando.

II. OBJETIVOS

- A. Capturar imagens que sirvam de acervo fotográfico do edifício do antigo Presídio e do seu estado geral de preservação, especialmente porque o mesmo sofrerá uma remodelação, podendo perder alguns traços e elementos originais.
- B. Desenvolver imagens num espaço-prisão sob uma perspetiva conceptual e autoral
- C. Explorar a dicotomia “luz vs escuridão” numa perspetiva semiótica, traçando uma analogia entre a reclusão prisional e a reclusão religiosa
- D. Identificar e percecionar símbolos religiosos (geometria sagrada) presentes no edifício como significativos (numa relação com os conceitos anteriormente referidos)
- E. Enfatizar a questão da vigilância em sistemas prisionais de estrutura panótica no sentido de estabelecer uma relação com a vigilância a que estamos sujeitos noutros contextos sociais nas sociedades modernas
- F. Concetualizar um “novo olhar” sobre o edifício Prisional (através do caso específico do ex Presídio de Santarém) baseado num projeto imagético

III. CRONOGRAMA

NOV. 2013 - FEV. 2014

Definição do objeto de estudo

Nesta fase julgou-se essencial a tomada de decisões sobre a possível continuidade do projeto “Resiliência”, realizado no 1º ano do Mestrado de Fotografia, na UC de Produção artística, cadeira anual também orientada pelo Professor Nuno Faria

- Restabelecimento de contactos e reunião com o Diretor do estabelecimento prisional de Leiria sobre a continuidade do projeto de forma mais aprofundada e no âmbito do Projeto de Mestrado
- Reorganização do Projeto dada a impossibilidade de fotografar no E.P. de Leiria, devido a alegadas falhas de segurança nas sessões do ano anterior para a realização das sessões fotográficas que permitiram a exequibilidade do Projeto “Resiliência”
- Possibilidade de redirecionar o Projeto para o ex Presídio militar de Santarém, dado facto do mesmo estar abandonado e de constituir um interessante objeto de estudo em diferentes disciplinas e especificamente em termos fotográficos pelas características arquitetónicas raras que apresenta
- Pesquisa sobre o edifício do ex Presídio Militar de Santarém
- Contacto com a organização “Viver Santarém” (empresa municipal) com a perspetiva de solicitar autorização para uma primeira *repérage* e eventuais sessões fotográficas subsequentes

MARÇO 2014

Início do trabalho prático – Reunião e *repérage*

No dia da 1ª reunião com uma responsável da empresa “Viver Santarém”, foi-me dada

também a possibilidade de efetuar uma 1ª *repérage* ao local, não acessível ao público em geral.

A responsável camarária acompanhou-me nesta visita, na qual aproveitámos também para conversar um pouco sobre a história do edifício e sobre o seu futuro restauro, já iniciado nalgumas alas.

O acesso ao piso mais elevado foi-me vetado (cúpula – centro da estrutura em forma de octógono) e recebi também várias recomendações ao nível da segurança já que no 1º andar, as estruturas podem ruir, não estando asseguradas as condições básicas de segurança.

Considerações sobre a *repérage*:

- Os diferentes corredores do edifício apresentavam grandes contrastes em termos de luminosidade, com excesso de luz nas entradas e défice de luz nos primeiros planos próximos da cúpula central
- A zona mais elevada da estrutura central estaria inacessível, tornando-se impossível fotografar a partir de lá para a zona inferior, viabilizando-se apenas a opção oposta, fotografar de cima para baixo em perspetiva contra-picada
- Para se efetuar uma imagem panorâmica de 360º no 1º andar, surgiriam algumas dificuldades devido ao facto de alguns corredores terem entradas de luz e outros estarem muito escuros
- Para se realizar uma panorâmica no octógono central no andar inferior, o espaço seria exíguo e os quadrados formados pelos vidros das janelas tornariam a “distorção” da imagem mais evidente

ABRIL 2014

Reunião + 1ª sessão fotográfica

- Tendo solicitado ajuda para a pesquisa bibliográfica sobre a história do edifício (à empresa “Viver Santarém”), fui informada de que não dispõem de bibliografia sobre o assunto tendo-me contudo sido cedido o nome e o contacto de um cidadão escalabitano que dispõe de um largo arquivo fotográfico sobre a cidade de

Santarém, com fotografias antigas que documentam a cidade em várias décadas, acompanhando a história da cidade

- Na 1ª sessão fotográfica, efetuei uma primeira abordagem ao edifício, estudando as questões relacionadas com a luz. Apercebi-me nesta primeira sessão do quão labiríntico o edifício se afigura, dada a semelhança entre corredores. A dada altura nesta primeira visita que fiz sem acompanhamento, perdi a noção da zona onde estava, demorando algum tempo a encontrar a saída e a situar-me.
- Foi-me possível também presenciar a entrada de luz pelas janelas da cúpula central por volta das 12h00/12h30, enchendo a zona central do edifício de luz e calor, penetrando aos poucos nas zonas frias e escuras.
- A presença constante de pombos dentro do edifício, a entrar e a sair pelas janelas e pela claraboia, confere ao edifício uma alma mística e poética

MAIO 2014

Pesquisa bibliográfica + sessão fotográfica + definição de abordagem teórica

- Pesquisa aprofundada de apoio bibliográfico para sustentar a base teórica do projeto
- Leitura da obra “*Vigiar e Punir*” de Michel Foucault, para traçar a coluna vertebral do projeto, sendo esta uma obra de referência no campo da história das prisões e dos sistemas de punição e vigilância, assim como da análise aprofundada dos mesmos numa perspetiva filosófica e crítica
- Recolha de materiais bibliográficos sobre o estabelecimento prisional de Coimbra e o de Lisboa (ambos com estrutura idêntica à do ex Presídio de Santarém)
- Nesta fase foi também delineada uma estrutura para o Projeto, tendo em vista uma abordagem teórica que fosse ao encontro das imagens captadas e do que observei na 1ª visita ao edifício
- Recolha e arquivo de documentos digitais sobre prisões, geometria sagrada e reclusão religiosa e/ou prisional
- Pesquisa aprofundada de livros dedicados ao tema da reclusão religiosa e da importância da dicotomia luz-escuridão neste contexto. Leitura de vários livros católicos e orientais em busca de seções sobre estas temáticas

- Sessão fotográfica com especial enfoque na dicotomia luz-escuridão com captação de momentos em que a luz invade o edifício na zona central

JUNHO 2014

Arquitetura Prisional + definição dos objetivos do Projeto

- Procura de livros dedicados à arquitetura de edifícios prisionais (em especial – de estrutura panóptica)
- Procura de referências teóricas sobre o octógono e sobre o símbolo presente na estrutura central em ferro
- Análise e reflexão sobre as questões mais importantes da estrutura do edifício e da forma como as mesmas se relacionam com a fase seguinte de captura de imagens
- Decisão de tentar captar uma panorâmica de 360 graus na estrutura central do edifício – no 1º andar – já que o andar mais elevado se encontrava com o acesso vedado
- Pesquisa sobre panorâmicas de 360 graus, assim como especificidades técnicas
- Estudo sobre HDR's (High-dynamic-range) e revisão dos conteúdos da UC ministrada pelo Professor Márcio Vilela no 1º ano do Mestrado, na disciplina de fotografia digital, na qual tivemos de realizar HDR's e panorâmicas
- Análise de possíveis problemas técnicos na realização destas técnicas e possível solucionamento dos mesmos
- Definição dos objetivos gerais e específicos inerentes a este Projeto

JULHO 2014

Sessão fotográfica para realização de HDR's e panorâmica de 360 graus

- Sessão fotográfica com recurso a tripé para a realização de imagens HDR de forma a solucionar a questão do elevado contraste e consequentes problemas de sobreexposição ou subexposição nas zonas mais claras e mais escuras dos corredores, respetivamente

- Realização da panorâmica de 360 graus na cúpula central situada no 1º andar, de forma a enfatizar o facto de o edifício ser labiríntico e dos corredores serem todos demasiado semelhantes. A panorâmica tornou-se um registo de suma importância neste projeto já que estas prisões foram construídas com esta configuração tendo como objetivo fundamental a criação de um sistema de vigilância poderoso e infalível.

AGOSTO 2014

Texto escrito + procura de referências autorais sobre estas temáticas

- Nesta fase, julgou-se fundamental começar a escrever e a congregar a informação anteriormente recolhida
- Organização do ficheiro principal; construção da bibliografia; organização e utilização das citações a introduzir nas várias seções
- Pesquisa em livros e na internet de projetos fotográficos e autores que se relacionassem com este Projeto e que servissem de referência e inspiração técnica e/ou artística
- Recolha de imagens relevantes de outros autores, assim como respetivas fontes
- Justificação da escolha das referências autorais escolhidas

SETEMBRO 2014

Escrita + Pós-Produção + Sessão fotográfica

- Continuação do trabalho de escrita da parte teórica do Projeto
- Aprofundamento de alguns tópicos
- Reanálise da parte teórica do projeto com ligeiras alterações ao índice inicial
- Realização de pós-produção – sobreposição de imagens de acordo com os trâmites da técnica HDR, assim como criação da imagem panorâmica – 1ª tentativa em monitor não devidamente calibrado

- Repetição do procedimento - HDR's e panorâmica de 360° em monitor calibrado de acordo com as normas
- Sessão fotográfica para com especial destaque para pormenores

OUTUBRO / NOVEMBRO 2014

- Aprofundamento da temática da arquitetura Prisional e dos sistemas panóticos de vigilância
- Nova leitura do livro “*Vigiar e Punir*” de Michel Foucault na parte referente ao sistema arquitetónico panótico, suas características e objetivos
- Inclusão de novas referências autorais agora pertinentes tendo em conta algumas orientações conceptuais
- Escrita de capítulo dedicado à questão da vigilância
- Relação entre Prisões e Fotografia; a importância da fotografia enquanto registo e a importância da fotografia enquanto instrumento de vigilância
- Pesquisa sobre a técnica Pinhole para formato digital; 1ªs experiências caseiras de Pinhole
- Aquisição de acessório adequado para Pinhole digital
- Sessão fotográfica dedicada maioritariamente à técnica de Pinhole, procurando um novo olhar sobre a reclusão, neste caso, sob uma perspetiva subjetiva, assim como à realização da 2ª panorâmica de 360° realizada na torre de vigilância central do piso inferior
- Escrita das seções em falta (Camara obscura» Pinhole)
- Formatação do documento final de acordo com as regras de formatação oficiais para Projetos de Mestrado no Instituto Politécnico de Tomar
- Anexos
- Edição final das imagens
- Explicação das decisões tomadas para apresentação final das imagens
- Introdução e Conclusão
- Revisão de todo o documento, retificações e finalização

IV. BREVE HISTÓRIA DO PRESÍDIO MILITAR DE SANTARÉM

Apesar da sua construção ter decorrido entre 1870 e 1890, a obra do Presídio Militar de Santarém terá sido terminada apenas em 1895 tendo por missão o cumprimento das penas aplicadas a militares e militarizados, assim como desenvolver medidas tendo em vista a sua reintegração.



Figura 1 - Autor desconhecido, Presidio militar de Santarém - Postal em processo de leilamento

2

“O Presídio Militar de Santarém foi criado por Decreto de 25 de Abril de 1895, posteriormente derogado pelo Decreto de 30 de Dezembro de 1896 que fixou as suas funções e organização. O Presídio Militar ficou provisoriamente instalado na Cadeia Distrital de Santarém, cedida pelo Ministério da Justiça ao então Ministério da Guerra. Constituía missão do Presídio Militar dar cumprimento às penas de presídio aplicadas aos militares e militarizados das Forças Armadas e dos corpos especiais de tropas em consequência de condenação judicial no âmbito do Código de Justiça Militar ou do Código Penal, bem como desenvolver medidas adequadas à reintegração dos presos. (...) Em 31 de Dezembro de 1998, através do Decreto-Lei nº 416 o prédio do Presídio Militar de Santarém foi desafetado do domínio público militar passando a estar de novo sob a tutela do Ministério da Justiça. De acordo com o Despacho nº 2983/2001, do Chefe do Estado-Maior do Exército, em 1 de Janeiro de 2001, o Presídio Militar foi transferido

2 www.delcampe.net

para Tomar passando a chamar-se Estabelecimento Prisional Militar e mantendo as mesmas funções.”³

Quando em funcionamento, o Presídio obrigava ao isolamento em celas individuais à noite e trabalho de dia.

O corpo central do edifício em forma de “charola” (andor da procissão com 4 braços) remete-nos para uma ambiência “religiosa”. Toda a configuração do espaço nos transporta para esse contexto. De acordo com alguns registos sobre o edifício, o terceiro piso seria uma igreja cupular, centro espiritual onde curiosamente residia a fé do legislador. A analogia com “Deus” é tão forte quanto aterradora: *“(…) o ponto central deste(s) edifício(s) é um corpo central em forma de charola (onde se localizam a igreja e anfiteatros) do qual irradiam várias dependências onde se localizam as celas dos presos. A própria delimitação do espaço, tem inerente a si uma carga religiosa muito forte, bem patente neste corpo em rotunda, que culmina no terceiro piso com a igreja de cobertura cupular (...) centro espiritual onde residia a última fé do legislador na regeneração futura do preso.”⁴*

Esta descrição do edifício será desdobrada nos capítulos em que analiso a questão da dicotomia “Luz vs. Escuridão” e o conceito de “reclusão”, capítulos maioritariamente ligados a uma análise religiosa, ainda que estabelecendo uma analogia à reclusão prisional. O próprio regime penitenciário obrigava a uma reclusão individual durante a noite e trabalho comunitário durante o dia, realidade bastante presente nalguns conventos e mosteiros: *“(…) obrigava a um regime Penitenciário que envolvia segregação celular durante a noite e comunidade de trabalho durante o dia.”⁵*

Atualmente o edifício é designado como Casa de Portugal e de Camões, aí albergando diversos serviços como a Universidade Sénior ou Serviços ligados à C.M. Santarém.

Recentemente deixou de ser administrado pela empresa Municipal “Viver Santarém” e passou a ser tutelado pela Câmara Municipal.

“No séc. XXI o Município de Santarém deu início ao processo de aquisição do edifício, tendo este passado a ser designado como Casa de Portugal e de Camões. Alberga o Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão, cujo legado do seu acervo

3 <http://arqhist.exercito.pt/details?id=154178>

4 <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/73587/>

5 <http://aminhasantarem.blogspot.pt/2010/12/presidio-militar-inicio-do-seculo-xx.html>

*peçoal à cidade, constituído por mais de 30000 livros, documentos manuscritos, medalhas e obras de arte.”*⁶

A. ESTRUTURA ARQUITETÓNICA – O MODELO PANÓTICO

O edifício do ex Presídio Militar de Santarém apresenta uma estrutura panótica, estrutura esta cuja conceção está intimamente ligada ao modelo de vigilância total, introduzido por Jeremy Bentham, filósofo e jurisconsulto inglês, no século XIX.

Este edifício *“Integra-se no tipo de prisões cujos edifícios centrais apresentam uma forma estrelada de cujo centro radiam as diferentes alas.”*⁷



Figura 2 – Autor desconhecido, Presídio militar de Santarém – vista aérea

8

Em Portugal existem três prisões com estrutura semelhante, correspondendo ao modelo panótico-radial: Penitenciária de Lisboa, Penitenciária de Coimbra e ex Presídio militar de Santarém.

A Penitenciária de Coimbra apresenta uma estrutura idêntica à do ex Presídio de Santarém, pelo que me basearei em estudos sobre a mesma para explicar a estrutura arquitetónica do ex Presídio.

⁶ <http://www.santaremdigital.com/penitenciaria-distrital-de-santarem.html>

⁷ Idem

⁸ Silva, Zeferino, arquivo pessoal (Fotografia gentilmente cedida por cidadão escalabitano, colecionador de fotografias antigas)

*“A prisão de Coimbra seria então construída entre 1876 e 1901 de acordo com um projeto-tipo de penitenciária-distrital, de autoria do Engenheiro Ricardo Júlio Ferraz (1824-1880), projeto esse que viria, depois, a ser devidamente adaptado. O seu propósito inicial era ser uma cadeia distrital e comarcã, no entanto, por volta de 1884, foi publicada legislação que regulamentava o funcionamento de sistemas prisionais, muito adaptável às prisões que então se construíam em Coimbra e em Santarém.”*⁹

A estrutura do Presídio de Santarém é bastante idêntica à da Penitenciária de Coimbra, sendo que a característica mais marcante e identificativa de ambos os edifícios é o octógono central com uma cúpula em ferro. *“Quanto ao edifício central, caracteriza-se por um grande octógono central, marcado por uma monumental cúpula, de estrutura em ferro, a partir da qual se desenvolvem quatro alas, desenhando uma planta em cruz latina. No entanto, nos pisos inferiores, as restantes quatro arestas do octógono formam, igualmente quatro alas, mais baixas e mais curtas, dando corpo, então a uma disposição radial.”*¹⁰

No piso inferior dessa cúpula, localiza-se o centro de vigilância panótico, envidraçado: *“Logo abaixo da cúpula central, sob o lanternim, localiza-se o panótico, também com uma forma octogonal. Está agarrado aos paramentos por uma estrutura de ferro, sugerindo uma mais que evidente analogia zoomórfica, aracnídea. Eufemisticamente apodado de Capela, o posto de vigilância acaba por cumprir o seu papel com uma eficácia totalizadora, sendo, com efeito, tentador compará-la com a onnipresença da vigilância divina, tão glosada pelas doutrinas de base católica.”*¹¹

Bentham foi o pai do sistema de vigilância panótico apesar da anterior construção de estruturas semelhantes em forma de semicírculo. Como exemplo disso, temos a “Maison de Force” em Ackerghem, datada de 1775 e da autoria de Malfaison y Kuchman. Esta e outras estruturas foram amplamente estudadas por John Howard, reformista e uma referência incontornável na história das prisões.¹²

⁹ <http://www.santaremdigital.com/penitenciaria-distrital-de-santarem.html>

¹⁰ Martins, José Miguel “Penitenciária de Coimbra: Permeabilidade e inserção no espaço urbano”, Dissertação de Mestrado integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura, 2011, pág. 49

¹¹ <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisional-de-coimbra/>

¹² Pevsner, Nikolaus, “História de las tipologias arquitetónicas”, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1980, págs 191-195

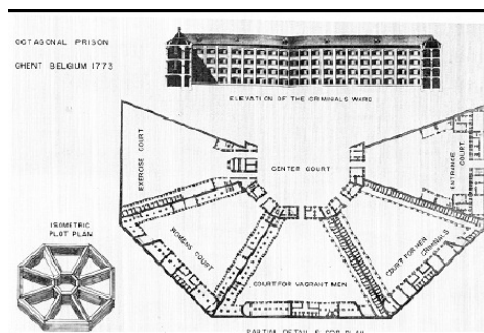


Figura 3 – Malfaisan e Kuchman – Maison de Force de Gante

13

Alguns desses projetos surgiram noutros contextos, por exemplo, em edifícios que serviriam de hospícios, hospitais ou escolas. Voltando a Bentham. Este reformista dedicou-se enfaticamente à renovação e melhoramento do sistema prisional, defendendo a necessidade de prevenção e punição dos delitos em detrimento da pena de morte.

“Assim, apresentou um regime penitenciário que assentava essencialmente em três pilares – a doçura, o rigor e a severidade”.

Algumas das alterações introduzidas por Bentham implicavam maior critério, “(...) *educação religiosa, trabalho regular organizado (...)*”, melhores condições de vida para os reclusos (alimentação), “(...) *isolamento parcial para evitar o contágio moral e inspeções periódicas (...)*”.

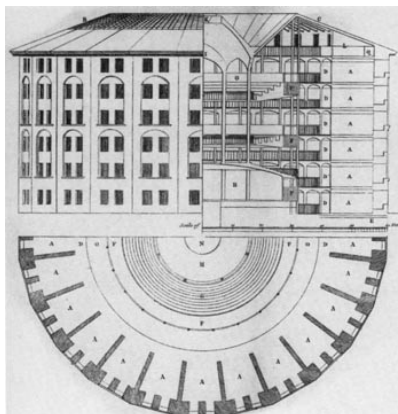


Figura 4 - Bentham, Jeremy; Projeto para uma prisão panótica, 1791

14

“Toda uma problemática se desenvolve então, a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior

13 <http://antiguaprisionprovincialcoruna.wordpress.com/tag/barcelona/#jp-carousel-90>

14 <http://antiguaprisionprovincialcoruna.wordpress.com/tag/barcelona/#jp-carousel-87>

(geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado – para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los (...)”¹⁵

O panóptico foi criado como uma casa de inspeção sendo aplicável a escolas, fábricas, hospitais e em especial a prisões.

*“O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar de tudo ver permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem.”*¹⁶

Este suposto sistema disciplinar perfeito levanta questões muito interessantes, nomeadamente no que diz respeito à questão da vigilância que desenvolverei mais à frente.

*“O panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel (...) em suma, o princípio de masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas (...) a visibilidade é uma armadilha.”*¹⁷. O corpo dos reclusos está preso mas o que está sob observação e “manipulação” é a mente.

*“While the panopticon ostensibly keeps the body entrapped, it is in fact targeted at the psyche: in this mechanism ‘the soul is the prison of the body.’”*¹⁸

Dois dos edifícios mais conhecidos e famosos com esta estrutura são a Prisão de Pentoville e a Prisão de “La Petite Roquette”.

¹⁵ Foucault, Michel “Vigiar e punir: nascimento da Prisão” (tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987

¹⁶ Idem

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Koskela, Hille. “‘The gaze without eyes’: video-surveillance and the changing nature of urban space.” 2000. University of Helsinki. 25 Sept. 2008 <<http://www.geog.psu.edu/courses/geog497b/readings/koskela.pdf>>.

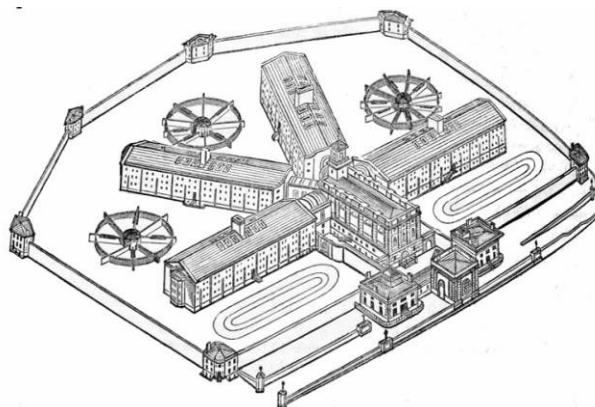


Figura 5 – Prison de Pentonville, inaugurada em 1842

19

Uma questão relevante prende-se com o facto de os reclusos serem obrigados a assistir à missa (diariamente) em pequenos cubículos, escondidos uns dos outros. O padre via-os a todos mas eles não se viam uns aos outros.

“Prisoners were forbidden to speak to each other and when out on exercise would tramp in silent rows, wearing brown cloth masks. In chapel, which they had to attend every day, they sat in cubicles, their heads visible to the warder but hidden from each other.

Mental disturbances were common. An official report admitted that 'for every sixty thousand persons imprisoned in Pentonville there were 220 cases of insanity, 210 cases of delusion, and forty suicides'.”²⁰

Os desequilíbrios psiquiátricos eram comuns nas prisões, desequilíbrios causados muitas das vezes pelas condições a que estavam sujeitos.

Ainda assim, estas prisões deram origem a muitas outras semelhantes nos anos seguintes.

*“Pentonville became the model for British prisons; a further 54 were built to similar designs over six years and hundreds throughout the British Empire.”*²¹

¹⁹ http://en.wikipedia.org/wiki/HM_Prison_Pentonville

²⁰ Idem

²¹ Ibidem

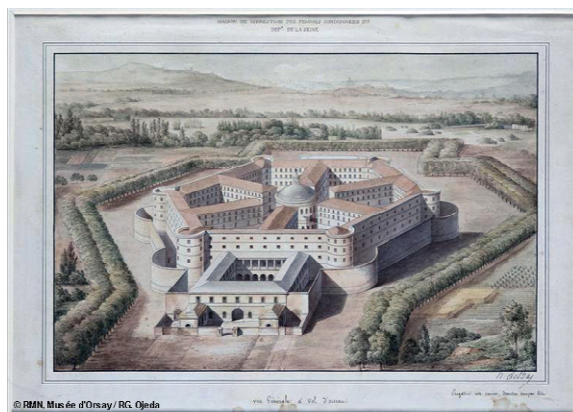


Figura 6 – La Petite Roquette, Paris, 1830

22

O impedimento do contacto dos reclusos entre si, impedia que o sistema prisional se transformasse numa escola do crime. *“The goal of this new system of punishment for youths was to prevent them from falling again into a life of crime and to form them into acceptable members of society so that they could return after their time had been served.”*²³

Os reclusos de La Petite Roquette eram praticamente impedidos de manter contacto com outros seres humanos (inclusive com a família). Apenas o padre, o diretor prisional e o médico tinham contacto com os reclusos. O médico, apenas se necessário: *“Boys in La Petite Roquette and other similar facilities in Paris at the time were prevented from seeing their parents over the entire duration of their incarceration because of “rehabilitative purposes”. The only people whom the young criminals came into contact with were the director of the prison, the chaplain, and a doctor if needed... These were the only human contacts the boys made.”*²⁴

Alegavam que a solidão, aqui exacerbada devido às questões de isolamento a que os reclusos eram sujeitos, era uma boa forma de originar introspeção e regeneração; *“La soledad era considerada como la mejor manera de introspección y regeneración.”*²⁵

Esta reclusão era totalmente vigiada, como anteriormente frisado com o objetivo de assegurar o funcionamento automático do poder. *“Daí o efeito mais importante do*

22 <http://criminocorpus.hypotheses.org/16>

23 <https://www.mtholyoke.edu/courses/rschwart/hist255-s01/thenardier/theresa/roquette.html>

24 Idem

25 evsner, Nikolaus, “História de las tipologias arquitetónicas”, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1980, pág. 200

*Panótico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.”*²⁶

A arquitetura aqui assume um papel primordial criando uma organização na qual o opressor se torna onnipresente, sem que seja necessário o recurso à violência para assegurar o seu poder. *“Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetuam segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência.”*²⁷

*“O peso das velhas “casas de segurança”, com sua arquitetura de fortaleza, é substituído pela geometria simples e económica de uma “casa da certeza”.*²⁸

A possibilidade de Bentham se ter baseado num zoológico para a criação do modelo panótico é assustadora. A descrição deste zoológico remete-nos de imediato para as prisões que tenho vindo a referir, dada a semelhança estrutural. O panótico pode criar um zoológico para seres humanos: *“Bentham não diz se se inspirou, em seu projeto, no zoológico que Le Vaux construíra em Versailles: primeiro zoológico cujos elementos não estão, como tradicionalmente, espalhados num parque: no centro, um pavilhão octogonal que, no primeiro andar, só comportava uma peça, o salão do rei; todos os lados se abriam com largas janelas, sobre sete jaulas (o oitavo lado estava reservado para a entrada), onde estavam encerradas diversas espécies animais. Na época de Bentham, esse zoológico desaparecera. Mas encontramos no programa do Panótico a preocupação análoga da observação individualizante, da caracterização e da classificação, da organização analítica da espécie. O panótico é um zoológico real; o animal é substituído pelo homem, a distribuição individual pelo grupamento específico e o rei pela maquinaria de um poder furtivo.”*²⁹

Será importante referir que o panótico também foi pensado de forma a poder representar uma máquina de fazer experiências, sendo o ser humano, a cobaia. *“(…) o Panótico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar (...) Experimentar remédios e verificar os seus efeitos. Tentar diversas punições sobre os prisioneiros, segundo seus crimes e temperamento, e procurar as mais eficazes.”*³⁰

²⁶ Foucault, Michel “Vigiar e punir: nascimento da Prisão” (tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987

²⁷ Idem

²⁸ Ibidem

²⁹ Foucault, Michel “Vigiar e punir: nascimento da Prisão” (tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987

³⁰ Idem

V. ESTUDOS SOBRE A LUZ

A. GEOMETRIA SAGRADA

A geometria sagrada é energia em movimento, é uma sinfonia de ritmo e ordem, supostamente perfeita. É uma dança que nos remete para a própria criação do mundo, estando na base de algumas teorias associadas.

«Sacred Geometry gives you the opportunity to take a big picture look at yourself and your place in the world. (...)It is a universal language of truth, harmony, beauty, proportion, rhythm and order from the dance of sub-atomic particles to spiraling galaxies, and the concepts of wave theory, Zero point and Holographic fields, advanced systems of healing, Bio Feedback, The Fractal Universe, The geometry of DNA, Nature, Art and Sacred Architecture and the ‘wind on which LOVE travels»³¹

O presídio Militar de Santarém insere-se no conjunto de edifícios prisionais portugueses que arquitetonicamente apresenta uma estrutura radial, partilhando esta estrutura com o Presídio de Lisboa e com o de Coimbra.

A estrutura arquitetónica panótica pode assumir diversas formas, todas elas com ligações à geometria sagrada.

No caso por exemplo da Prisão “La Petite Roquette”, umas das Prisões panóticas mais referenciadas, a mesma apresenta uma estrutura em estrela de seis pontas, ou seja, o núcleo central desdobra-se sem seis corredores que por sua vez ligam ao muro exterior.



Figura 7 – Autor desconhecido, La Petite Roquette, Paris

32

³¹ http://www.fengshuiseminars.com/sacred_geometry.html

³² <http://www.memoirevive.org/madeleine-dechavassine-31639/>

A estrela de seis pontas é um símbolo com múltiplos significados, tanto sagrados como satânicos, tudo dependendo da perspectiva e da forma como é entendido e utilizado.

Quando iniciamos uma pesquisa sobre o hexagrama, os resultados parecem infinitos. Aparece de forma transversal em todas as religiões e filosofias, na arquitetura e até em forma de constelação no céu.

A sua forma é de dois triângulos sobrepostos, um com a base na zona inferior e o outro invertido, formando assim uma estrela.

Esta forma por sua vez desdobra-se noutras semelhantes, assumindo também outras nomenclaturas e significados.



Figura 8 – Estrela de Davi
33

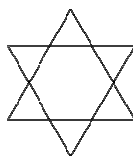


Figura 9 – Hexagrama
34



Figura 10 – Selo de Salomão
35

*“The forms of sacred geometry do not represent things. They represent processes. Pictures and models of things, after all, are all frozen. They are not at all alive. For sacred forms to be sacred, we must see them as snapshots of the processes of life.”*³⁶

Certas formas representam processos inerentes à própria vida.

No caso da estrela de seis pontas, os dois triângulos simbolizam o espírito que desce à matéria e a matéria que se eleva ao espírito.

33 http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_de_Davi#mediaviewer/File:Star_of_David.svg

34 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hexagrama#mediaviewer/File:Hexagram.svg>

35 http://www.novaera-avorecer.net/o_selo_salomao.htm

36 <http://www.gaiamind.com/triangle.html>

“(...) para se representar estes dois princípios em actividade, o simbolismo deve ser invertido: o espírito que está no alto desce à matéria para trabalhar sobre ela, e a matéria que está em baixo eleva-se ao espírito para ser elaborada.”³⁷

Torna-se simples a aplicação desta teoria a um edifício prisional, se pensarmos no espírito a descer aos reclusos (matéria) para trabalhar sobre ela e a matéria (reclusos) elevando-se em simultâneo.

“Since biogeometry is a physical expression of living energy, two like geometrical energy fields would not only attract one another, they would influence each other to the point where information is exchanged.(...) a pilgrim walking into a cathedral, a pyramid or even a stone circle is attracted to and exchanges information with that host environment. So, perhaps it is not surprising that such sites are associated with the alteration of consciousness and healing, because the energy generated by their geometric structures interacts with people at a fundamental, biological level. And considering the Latin root of ‘religion’– religion, meaning ‘reconnect with source’– people are literally having religious experiences at these sites of veneration.”³⁸

Selo de Salomão ou Estrela de Davi, um nó eterno sem princípio nem fim ou simplesmente dois triângulos sobrepostos. Aqui a diferença não será relevante, ambos encerram em si próprios significados abundantes em termos semióticos que se aplicam em larga escala neste contexto. O símbolo é acima de tudo poderoso, representando a união de duas forças, de duas energias que complementando-se simbolizam um potencial energético, quântico, físico, sagrado, geométrico, biológico, etc....

“The six pointed star is a very ancient symbol and one of the most powerful.”³⁹

“The interlacing triangles or deltas symbolize the union of the two principles or forces, the active and the passive, male and female, pervading the universe... the two triangles, one white and the other black, interlacing, typify the mingling of apparent opposites in nature, darkness and light, error and truth, ignorance and wisdom, evil and good, throughout human life.”⁴⁰

O símbolo representa acima de tudo a unidade, composta pela dualidade existente em tudo no universo.

Aqui o espaço-lugar como uma ponte de ligação à fonte primordial.

³⁷ “Aïvanhov, Mikhaél Omaraam, “A linguagem das figuras geométricas”, Coleção Izvor, Publicações Maitreya, pág. 65

³⁸ <http://www.bring4th.org/forums/archive/index.php?thread-5761.html>

³⁹ Idem

⁴⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=BeMe85m4eRo> (citação da Enciclopédia de Freemasonry)

O uso deste símbolo pode também ser encontrado na maçonaria categorizando-se aqui como um símbolo poderoso para a concretização de determinados rituais.

*“The six pointed star is used in Masonic work and is also found in other well known secret orders.”*⁴¹

É no Judaísmo contudo que encontramos a ligação mais forte a este símbolo, ou a mais comum, tendo-se o mesmo tornado inclusive num símbolo oficial do Judaísmo.

*“The most famous thereof is the Star of David, (Shield of David, Solomon's Seal, or Seal of Solomon) a traditional Jewish symbol and recognized as the symbol of Judaism. It is also known colloquially as the Jewish Star. With the establishment of the State of Israel the Jewish Star on the flag of Israel has also become a symbol of Israel.”*⁴²

A sua forma judaica mais marcante foi o distintivo amarelo que os judeus foram obrigados a usar como identificação das suas origens na época da II Guerra Mundial.

A Igreja Católica também faz uso deste símbolo, havendo mesmo teses que sustentam este símbolo como um resumo geométrico da própria Bíblia.

*“The Star of David appears on every page of that book as its guiding mandala, and the contents have been described by some readers as the “missing link” between Christianity and Judaism. That missing link is the sacred marriage.”*⁴³

O símbolo denominado a “Estrela de Davi” ou a “Estrela dos judeus” aparece na arte suméria, bizantina, fenícia; na cultura Maia, romana, europeia (Itália, Vaticano, Romênia, Turquia) e, ainda, no Tibete, no Líbano, no Islã, na Mongólia, na Arábia, no Egito, em Marrocos.⁴⁴

É um símbolo que atravessa a religião, a cultura, a ciência e a história transversalmente, podendo ser encontrado um pouco por todo o mundo.

Voltando às prisões panóticas e ainda no contexto da estrutura arquitetónica e da sua relação com a geometria sagrada, existem prisões panóticas com muitas outras formas: estrela de 5 pontas; em forma de cruz, entre outras.

O edifício do ex Presídio de Santarém apresenta uma estrutura octogonal, no que diz respeito ao edifício central. O octógono representa o renascimento e a ressurreição, daí estar tão associado ao batismo em termos genéricos.

⁴¹ <https://www.youtube.com/watch?v=BeMe85m4eRo> (citação da Enciclopédia de Freemasonry)

⁴² <http://www.adonim.com/numbers/number6.html>

⁴³ <http://www.gaiamind.com/starbird.html>

⁴⁴ <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/estrela-davi/>

"Eight and the octagon represent resurrection and rebirth, because Christ rose from grave 8 days after entry into Jerusalem. Thus they became symbols of baptism, the spiritual rebirth of a person, and many baptistries and baptismal fonts are octagonal." ⁴⁵

Analisando este símbolo à luz de uma estrutura prisional, também é fácil perceber o quanto uma reclusão pode significar uma renovação, uma transmutação. O símbolo em termos geométricos é um ponto intermédio entre o círculo e o quadrado. *"The octagon draws on the symbolism of the number eight, emblematic of renewal. Eight-sided forms were felt to mediate between the symbolism of the square, representing earthly existence, and the circle (standing for heaven or eternity)."* ⁴⁶

O oito, em termos genéricos também significa "equilíbrio", harmonia e ordem cósmica, remetendo-nos para os 8 imortais (Budismo).

"Eight is an important number in terms of realizing balance, and although it isn't always illustrated by a star, it appears in the eight-paths in the way of Buddha and eight immortals in Chinese tradition. Its universal symbolism is one of balance, harmony, and cosmic order. Its pattern is associated early astronomy, religion, and mysticism. It is symbolic of both stars and humanity's earliest attempts to understand and communicate the order and unity inherent in Creation, nature's rule." ⁴⁷

Será de suma importância referir que a estrela de oito pontas terá sido inspirada no selo de Salomão, o que nos remete para todos os significados a ele associados.

"By the middle-ages, the eight-point star is widely used as a symbol in Islamic art. (...) The phrase "seal of the prophets" is also used in the Koran and has particular ideological meaning for Muslims. (...) The design of the Muslim khatam was likely inspired by Jewish version, which is the Seal of Solomon." ⁴⁸

E assim como o selo de Salomão simboliza entre outras coisas, o equilíbrio na dualidade, também os octogramas nos remetem para essa dualidade e para o seu "equilíbrio".

"Octograms formed from overlapping squares often emphasize duality: yin and yang, male and female, spiritual and material. Squares are often connected with the physical world: four elements, four cardinal directions, etc. Together, they can mean both positive and negative aspects of the four elements, for example, and balancing them." ⁴⁹

⁴⁵ <https://www.dartmouth.edu/~matc/math5.geometry/unit8/unit8.html#eightandbaptism>

⁴⁶ <http://ldssymbols.com/eight/>

⁴⁷ <http://morocccandesign.com/eight-point-star>

⁴⁸ <http://mysteryoftheiniquity.com/2014/01/14/the-8-pointed-star-symbol/>

⁴⁹ Idem

Os 4 elementos estão associados à terra (octograma – união de 2 quadrados) mas a sua relação com o círculo faz a ligação deste símbolo ao céu, o que nos remete novamente para a ligação entre a terra e o céu, a matéria e o espírito.

A isso acrescentamos ainda uma ligação à lei da causa e efeito, o que aqui nos remete para a causa do crime e o efeito da punição.

“The meaning of the octagram: it is the expression of the “Law of Cause and Effect”. Those two are inextricably tied together: “What ye sow, ye shall reap”. (compare with Karma / Wheel of life) That makes the number 8 the number of fate, destiny and justice. Transformative qualities are: resurrection, immortality and prosperity.”⁵⁰

Por fim, destaco também a figura de 3 triângulos juntos presente na estrutura em ferro da cúpula central do edifício do ex Presídio Militar de Santarém.

Na figura abaixo, para além da representação genérica do triângulo e do seu significado (Trindade), podemos ver também 3 círculos representando o intelecto, as emoções e o espírito. Este símbolo formado pelos três círculos aparece-nos no Presídio Militar de Santarém na estrutura metálica da cúpula central, na terminação da torre de vigia.

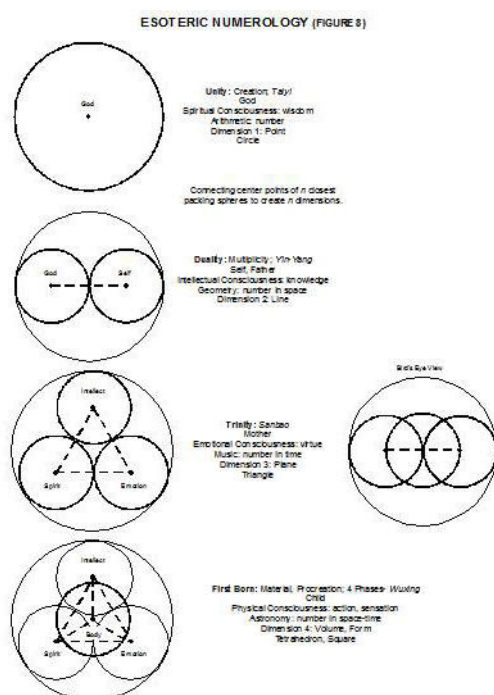


Figura 11 – Geometria sagrada – numerologia esotérica

51

50 <http://mysteryoftheiniquity.com/2014/01/14/the-8-pointed-star-symbol/>

51 http://earthacupuncture.info/sacred_geometry.htm



Figura 12 – Violante, Rute - ex Presídio Militar de Santarém, 2014
52

B. LUZ E ESCURIDÃO; PRISÃO E LIBERDADE

*“No princípio criou Deus o céu e a terra.
A terra porém era vã e vazia:
e as trevas cobriam a face do abismo:
e o espírito de Deus era levado sobre as águas.
E disse Deus: Faça-se a luz.
E foi feita a luz.
E viu Deus que a luz era boa;
e dividiu a luz das trevas.
E chamou à luz Dia, e às trevas Noite (...)”*⁵³

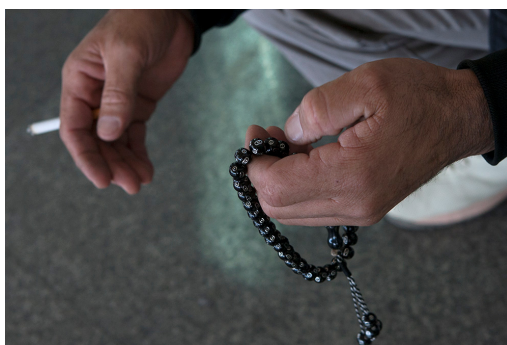


Figura 13 – Violante, Rute - Taxista sentado no chão do aeroporto de Istambul, 2013
54

Quando entramos pela grande porta de entrada do edifício do antigo Presídio num dia de sol, assim que percorremos o 1º corredor somos maravilhados pelas entradas naturais de

⁵² Ex Presídio militar de Santarém (imagem integrante deste projeto)

⁵³ “A Bíblia sagrada contendo o velho e o novo testamento” (traduzido por Padre António Pereira de Figueiredo, Depósito das escrituras sagradas, Lisboa, 1963, pág. 5

⁵⁴ Violante, Rute - Arquivo pessoal, 2013

luz um pouco por todo o lado. A tranquilidade que este lugar nos transmite é avessa à ideia que temos de uma Prisão.

Aqui encontramos uma estranha paz que se exacerba no bater das asas das pombas que entram pelos telhados partidos e pelas frestas abertas;

*“Y veamos: este mundo? Qué es, sino una hermosa iglesia, donde mora Dios? Qué es el Sol, sino una hacha escendida que alumbra a los ministros de la Iglesia? Qué es la luna, qué son las estrellas, sino candelas que arden en esta iglesia de Dios?”*⁵⁵

O contraste entre as zonas de escuridão e as zonas de luz dança com a dicotomia semiótica, como se ao caminharmos dentro do edifício fossemos intuindo os seus significados e as emoções inerentes aos dois “estados” de espírito e de luz.

Da Vinci referindo-se a uma denominada “luz divina” expressou-se da seguinte forma:

*“É a luz que afugenta a escuridão. Olhai para a luz e apreciái a sua beleza. Piscái os olhos e observai-a de novo: o que vedes não estava lá desde o princípio e o que lá estava já não existe.”*⁵⁶ Esta dicotomia tem “presa” a si inúmeros significados, todos eles opostos entre si, sendo que neste caso saliento os significados correspondentes mais óbvios à luz deste Projeto: Prisão vs. liberdade, já este Projeto recai precisamente sobre estes dois conceitos, em toda a sua complexidade.

Na realidade, a relação entre os dois é uma relação simbiótica que se assemelha a uma melodia. Rainier Maria Rilke a respeito desta “melodia” escreveu:

“Sou a pausa entre duas notas, que de certa forma são sempre discordantes porque a nota da Morte quer ganhar terreno – mas nesse intervalo sombrio, reconciliadas, ali permanecem trémulas. E a melodia prossegue, magnífica” ⁵⁷.

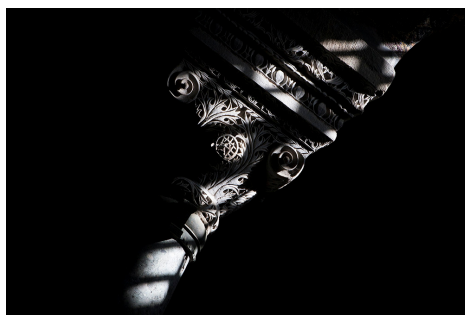


Figura 14- Violante, Rute – Coluna iluminada pelo sol, Hagia Sophia, Istambul, 2013

58

⁵⁵ Alfonso de Valdés, “Diálogo de las cosas ocurridas en Roma”, edición J. Fernández Montesinos, Madrid, Clásicos Castellanos, 1959, págs 102, 103

⁵⁶ Wray, William “Leonardo da Vinci nas suas próprias palavras”, Fubu Editores, Porto 2006, pág.

⁵⁷ Kundtz, David “Parar – como parar quando temos de continuar”, Tradução de Paula Cortes, Sinais de Fogo, Lisboa, 1998, pág. 54

A palavra Prisão encerra em si múltiplos significados que nos remetem sempre para algo negativo e sombrio. A Prisão no seu sentido literal ou no seu sentido relativo é assustadora, é castradora, escura, feia, temível. Algo que nos tira a liberdade, real ou imaginária.

*“Prisão – acto ou efeito de prender; captura; aprisionamento; detenção; cativo; casa de detenção; cadeia; presídio; recinto fechado; cela; gaiola; corda; corrente; grilhão com que se prende; vínculo imaterial que restringe a liberdade de uma pessoa; peia; laço; coisa que atrai ou cativa a mente monopolizando a atenção; atividade, emprego ou trabalho estafante ou enfadonho que o indivíduo não pode abandonar, por motivos económicos ou outros; calabouço; cárcere; cubículo; grades; masmorra; penitenciária; segredo; solitária.”*⁵⁹

Deste apanhado incompleto de sinónimos da palavra Prisão temos a percepção da abrangência do conceito, com destaque para os sinónimos menos óbvios como: “segredo”; “emprego ou trabalho enfadonho”; “coisa que cativa a mente monopolizando a atenção” ou “vínculo imaterial”. Abre-se assim um caminho fértil para múltiplas análises sociológicas e psicológicas.

Paralelamente e analisando o conceito de liberdade, surgem-nos os seguintes sinónimos:

*“Liberdade - grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal (a justiça em termos absolutos é contrária); conjunto de direitos reconhecidos ao indivíduo, considerado isoladamente ou em grupo, em face da autoridade política e perante o Estado; poder que tem o cidadão de exercer a sua vontade dentro dos limites que lhe faculta a lei; condição daquele que não se encontra submetido a qualquer força constrangedora física ou moral; condição daquele que não é cativo ou que não é propriedade de outrem; possibilidade que tem o indivíduo de exprimir-se de acordo com a sua vontade, a sua consciência, a sua natureza; licença; permissão.”*⁶⁰

A Liberdade encaminha-nos para significados legais e políticos, já que é a autoridade que define até onde pode ir a liberdade dos cidadãos em face de cada contexto, o que só por si torna a liberdade condicionada no que diz respeito ao contexto social. Ficamos frente a

⁵⁸ Violante, Rute – Arquivo pessoal, 2013

⁵⁹ “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, Instituto Antônio Houaiss da Lexicografia Portugal, Temas e Debates, Porto, 2001, Tomo XV, pág. 6583

⁶⁰ “Idem, pág. 5017

frente com uma liberdade falsa, questão à qual regressaremos no capítulo dedicado ao conceito de vigilância.

Considerando a relação entre estas duas dicotomias (escuridão vs. luz; prisão vs. liberdade) percebe-se a escuridão como uma “sombra”, um “buraco” no processo para a luz. No fundo do túnel, estará sempre lá; “(...) *a linha que divide o bem e o mal corta ao meio o coração de cada ser humano.*”⁶¹

Sendo o bem, a luz e o mal, a escuridão, temos um ser humano com ambas, alimentando a alma com aquele que tomar a decisão de alimentar. Todavia, saberá que; “*O intervalo sombrio é um local de transformação (...). Ao sair de um período de isolamento, você é uma pessoa diferente.*”⁶². Carl Jung introduziu o conceito de sombra como um arquétipo, uma parte do ser humano que gostamos de manter escondida e com a qual teremos de lidar para descobrir o caminho para a luz: “Sombra é o termo que chega até nós através do psicólogo Carl Jung. Chamou-lhe um arquétipo ou um modelo de percepção (...). “*Refere-se a essa parte de nós, secreta e tantas vezes temível, que geralmente gostamos de manter escondida e fingir que não existe.*”⁶³

A escuridão será assim um local de potencial encontro com a luz.

No edifício do antigo Presídio Militar de Santarém, para além das intermitências de luz e “sombra”, encontramos uma luz mais forte e “celestial” na cúpula, a entrar pelas várias janelas que a mesma apresenta. É bastante frequente, a luz a entrar pela Cúpula também em monumentos religiosos, como é possível verificar em alguns dos projetos autorais de referência que apresento mais à frente.

“*En los místicos, asimismo, la luz es una metáfora que se utiliza constantemente. En San Juan de la Cruz aparece como símbolo de Dios y de la fe en varias ocasiones.*”⁶⁴

O simbolismo da luz torna-se fulcral neste Projeto, já que as imagens foram realizadas tendo em consideração essa metáfora. Nalguns monumentos e nalgumas doutrinas, a luz assume mesmo o significado de “redenção”.

“*Y en los programas de las catedrales de Salamanca y Granada, si se excluye esta organización tipológica, no se abandona, en cambio, la idea central de La redención.*”⁶⁵

61 Kundtz, David “Parar – como parar quando temos de continuar”, Tradução de Paula Cortes, Sinais de Fogo, Lisboa, 1998, pág. 157

62 Idem, Pág. 150

63 Ibidem, pág. 165

64 Alcaide, Victor Nieto, “La luz, símbolo y sistema visual”, Ediciones Cátedra, 1997, pág. 140

65 Idem, pág. 151



Figura 15 – Autor desconhecido, Catedral de Granada

66

Como seria de esperar os compartimentos que outrora foram celas são todos eles mais escuros, em oposição às várias saídas dos corredores e à parte central do edifício. Esta analogia transporta-nos ainda para a questão da educação enquanto fonte de luz, metaforicamente falando. Num contexto Prisional, podemos analisar a questão da educação ou do trabalho prisional como uma tentativa de reconstrução da alma humana, caminho para o BEM.

“A metáfora mais forte da narrativa platónica é a da luz, que organiza a analogia entre o Sol como fonte da luz visível correspondente analogicamente à luminosidade invisível da ideia de Bem. (...)” ⁶⁷



Figura 16 – Violante, Rute - Hagia Sophia, Istambul, 2013

68

⁶⁶ http://europaenfotos.com/granada/pho_gra_21.html

⁶⁷ Carvalho, Adalberto Dias de “Solidão, educação e condição humana”, Edições Afrontamento, Porto, 2011, pág. 45

⁶⁸ Violante, Rute – Arquivo pessoal, 2013

C. RECLUSÃO

*“Reclusão – acto ou efeito de encerrar, de prender; estado de preso; cativo; prisão; cárcere; afastamento voluntário de convívio social; modalidade de pena mais grave entre as penas privativas de liberdade; (etimologia latim) ação de abrir; abertura.”*⁶⁹

Um dos detalhes que nos capta a atenção no significado da palavra “reclusão” é o “afastamento voluntário de convívio social” o que nos remete para a existência de reclusões voluntárias, como é o caso das reclusões religiosas e espirituais, na maioria dos casos.

Indo mais longe, poderíamos também estabelecer um paralelismo com a reclusão em hospitais psiquiátricos, num contexto que não envolve uma reclusão propriamente espiritual ou prisional mas antes uma reclusão forçada pela sociedade para efeitos terapêuticos ou até por questões de segurança para a vida dessa pessoa ou de pessoas à sua volta. Raramente, as reclusões psiquiátricas são realizadas de livre vontade, ainda que possa acontecer em casos em que exista um penoso processo de consciencialização de desequilíbrio por parte do próprio paciente.

Voltando novamente às reclusões de cariz prisional e religioso e/ou espiritual, podemos começar por nos deter na palavra “cela”, aplicada a ambas as situações, já que é comum os religiosos usarem este termo para fazerem referência aos seus aposentos pessoais, onde efetivamente costumam ter tão poucos ou menos elementos decorativos e pertences do que os reclusos prisionais. As dimensões, ainda que não seja fácil generalizar, também serão semelhantes.

A disciplina incutida em ambos os casos será outros dos pontos de confluência da relação entre estes dois tipos de reclusão: *“A disciplina organiza um espaço analítico. E ainda aí ela encontra um velho procedimento arquitetural e religioso: a cela dos conventos. Mesmo se os compartimentos que ele atribui se tornam puramente ideais, o espaço das disciplinas é sempre no fundo, celular. Solidão necessária do corpo e da alma, dizia um certo ascetismo: eles devem, ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a severidade de Deus.”*⁷⁰

69 “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, Instituto Antônio Houaiss da Lexicografia Portugal, Temas e Debates, Porto, 2001, Tomo XV, pág. 6869

70 Foucault, Michel “Vigiar e punir: nascimento da Prisão” (tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987

Em termos de controlo de atividade, começamos por ter “o horário”, questão frisada por Foucault, referindo-se à forma como estes hábitos foram incutidos em colégios, oficinas, hospitais e fábricas: *“Todas as pessoas... chegando a seu ofício de manhã, antes de trabalhar começarão a lavar as mãos, oferecerão seu trabalho a Deus, farão o sinal da cruz e começarão a trabalhar.”*⁷¹

Curiosamente e tendo em conta a experiência inerente ao projeto “Resiliência” anexado a este Projeto, os reclusos têm sempre bastantes objetos de cariz religioso nas suas celas, desde estatuetas, a inúmeros terços, crucifixos e a própria Bíblia, já para não mencionar as próprias tatuagens que cravam no corpo, bem mais pessoais e íntimas, fruto de uma escolha claramente consciente. De relembrar que algumas das tatuagens são realizadas no próprio estabelecimento Prisional. *“Consegue identificar alguns Oásis de solidão que sejam igualmente lugares de calma na sua parte do mundo? A refrescante quietude de uma igreja vazia? Um museu? O bosque perto de sua casa?”*⁷²



Figura 17 – Violante, Rute - Igreja de S. Francisco, Leiria, 2012

73



Figura 18 – Violante, Rute - Mesquita, Istambul Oriental, 2013

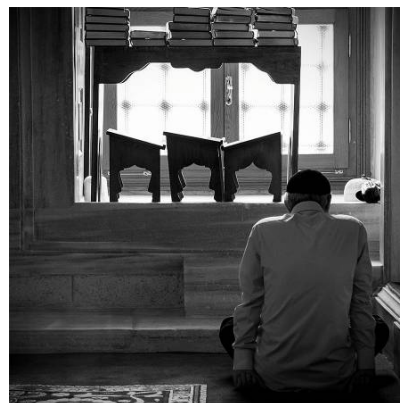


Figura 19 – Violante, Rute - Hagia Sophia, Istambul, 2013

74

71 Foucault, Michel “Vigiar e punir: nascimento da Prisão” (tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987

72 Kundtz, David “Parar – como parar quando temos de continuar”, Tradução de Paula Cortes, Sinais de Fogo, Lisboa, 1998, pág. 150

73 Violante, Rute - Arquivo pessoal, 2012



Figura 20 – Violante, Rute - Hagia Sophia, Istambul, 2013

75

Esta questão de David Kundtz leva-nos a pensar nesta suposta tranquilidade inerente à solidão, solidão presente em diferentes contextos. Curiosa a expressão “*refrescante quietude de uma igreja vazia*”, já que seria uma expressão facilmente ajustável ao edifício do antigo Presídio.

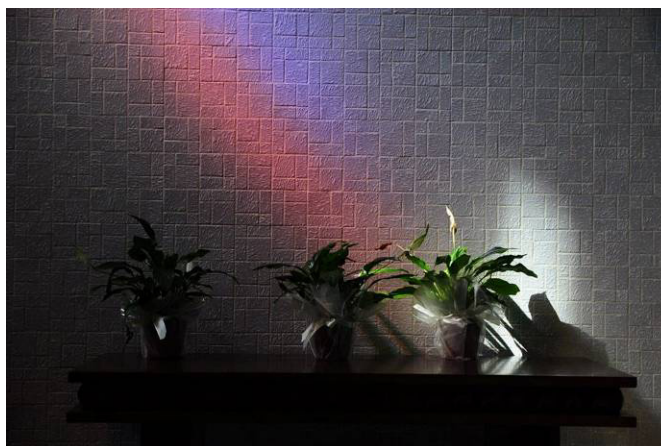


Figura 21 – Violante, Rute - Igreja Matriz, Santa Maria da Feira, 2014

76

Considerando que apesar de existirem muitos reclusos em simultâneo num Presídio, é possível ter momentos de solidão, podemos encarar aqui a solidão como uma plataforma de introspeção. De frisar que estar solitário não é sinónimo de sozinho e que, é possível estar rodeado de reclusos e no entanto ver-se a braços com esse estado de solidão: “A

74 Violante ,Rute - Arquivo pessoal, 2013

75 Idem

76 Violante, Rute - Arquivo pessoal, 2014

*solidão é o local de introvisão: olhar para a própria alma e descobrir nela quem é você, examinar a própria vida e proceder ao seu inventário.”*⁷⁷

Nas palavras de Kundtz, e mesmo contra vontade, os reclusos deparam-se com esta possibilidade de olhar para a própria alma.

Freud vê a própria sobrevivência como ponte para a felicidade: *“O sofrimento ameaça-nos a partir do próprio corpo, que não pode prescindir da dor nem da angústia; a partir do mundo exterior, capaz de se enfurecer connosco; e a partir dos outros seres humanos, o mais doloroso... Não nos espantemos, então, por nos considerarmos felizes pelo mero facto de ter sobrevivido ao sofrimento.”*⁷⁸



Figura 22 – Violante, Rute – Oração a meio do dia, jardins de Istambul, 2013

79

A diferença primordial entre a reclusão religiosa ou espiritual seria então a “vontade” e a “consciência”, já que os reclusos estarão menos preparados para essa suposta necessidade de transformação, indo contra vontade para o exílio.

Já um religioso que busca essa “escuridão” ou esse “suplício”, a reclusão é a maior das bênçãos: *“Ah, sobretudo queria ser mártir. O martírio! Eis o sonho da minha juventude, o sonho que sempre comigo tem ido crescendo na minha celazinha do Carmelo. Mas aí está outra das minhas loucuras; pois não me contento com um só género de suplício, mas, para ficar satisfeita, preciso de todos...”*⁸⁰

Aliás, uma consciência elevada da necessidade da angústia para a fecundidade, uma busca do autoflagelo: *“«Gemo então como uma andorinha», e a esses gemidos, em que vai toda*

⁷⁷ Kundtz, David “Parar – como parar quando temos de continuar”, Tradução de Paula Cortes, Sinais de Fogo, Lisboa, 1998, pág. 151

⁷⁸ Freud, Sigmund “O mal-estar na cultura” citado em Marcos, Luis Rojas “Superar a adversidade – o poder da resiliência”, Tradução de Maria Mateus, Editorial Planeta, Lisboa, 2010, pág. 18

⁷⁹ Violante, Rute – Arquivo pessoal, 2013

⁸⁰ Jesus, Santa Teresinha do Menino “História de uma alma – autobiografia de Santa Teresinha do Menino Jesus”, 12ª edição, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, pág. 259

*a angústia da minha alma, recordai-vos logo, ó misericórdia infinita, que não viestes chamar os justos, mas os pecadores.”*⁸¹

As feridas são então o ponto onde iniciamos a nossa cura: *“Uma ferida, mesmo que horrível, pode constituir um momento sagrado, visto que se torna o instante da metamorfose, da varinha mágica, a reviravolta da vassoura da bruxa que faz com que, doravante, haja sempre um antes e um depois.”*⁸²



Figura 23 – Violante, Rute - Santuário de Fátima, 2012

83

O silêncio é outro dos temores comuns ao ser humano, um silêncio ensurdecedor que nos coloca frente a frente com o nosso carrasco, a nossa própria sombra, o que temos por dentro de bonito e de feio, de bom e de mau. Silêncio ensurdecedor para os que não conseguem antever a possível libertação aí encontrada e um silêncio absoluto que nos remete para a essência divina se formos crentes: *“Sendo a solidão e o silêncio rigorosas prescrições do claustro (...)”*⁸⁴. O próprio sofrimento encarado na perspectiva religiosa como fecundo: *“Não há no mundo fecundidade sem sofrimentos físicos, angústias morais ou provações conhecidas de Deus ou dos homens (...)”*⁸⁵.

Nas palavras de Santa Teresinha do Menino Jesus, vejamos a própria linguagem por ela utilizada: *“A despeito das trevas que por todos os lados a rodeavam, entreabria-lhe de quando em vez o divino carcereiro a porta da escura prisão, enviando-lhe jubilosos transportes de abandono, confiança e amor.”*⁸⁶

81 Jesus, Santa Teresinha do Menino “História de uma alma – autobiografia de Santa Teresinha do Menino Jesus”, 12ª edição, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, pág. 267

82 Cyrulnik, Boris “Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana”, Editions Odile Jacob, Instituto Piaget (Direitos reservados para a língua portuguesa), Tradução de Ana Rabaça, Lisboa, 2001, pág. 150

83 Violante, Rute - Arquivo pessoal, 2013

84 Jesus, Santa Teresinha do Menino “História de uma alma – autobiografia de Santa Teresinha do Menino Jesus”, 12ª edição, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, pág. 270

85 Idem, pág. 273

86 Ibidem, pág. 287

A escura prisão-reclusão abre as portas do divino e encontra a consciência: “(...) os muros são a punição do crime; a cela põe o detento em presença de si mesmo; ele é forçado a ouvir a sua consciência. (...) Nessa cela fechada, sepulcro provisório, facilmente crescem os mitos da ressurreição.”⁸⁷

O documentário “*Amongst white clouds*” mostra-nos monges que vivem durante vários anos ou mesmo décadas nas montanhas, isolados do mundo e em entrevista, ouvimos estas palavras:

“(...) *The Buddha said only the very courageous are able to be a monk or nun because it’s so difficult to let go of this world, you must let go of it all enjoyment, social life, conjugal love, you must let go of all this and give your life to Buddha. You live alone in a hut... not a single person near you, you feel so lonely, really so very lonely but after a long time you don’t want to go down off the mountain (...)*”.⁸⁸



Figura 24 – Violante, Rute - Eremita – Arthur’s Seat, Edimburgo, 2014

89

E aqui, nas palavras de Foucault a ligação central: “(...) aquilo que para um prisioneiro sem religião não passa de uma tumba, um ossário repulsivo, torna-se, para o detento sinceramente cristão, o próprio berço da imortalidade bem-aventurada.”⁹⁰

A perspectiva de quem vive a experiência da reclusão muda totalmente a visão da mesma, podendo esta ser um tormento exasperante ou antes um reencontro com a luz.

87 Foucault, Michel “Vigiar e punir: nascimento da Prisão” (tradução de Raquel Ramalhete. Petropólis, Vozes, 1987

88 Documentário: “Amongst white clouds”, disponível na Internet em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FumyvVOVbaY>

89 Violante, Rute - Arquivo pessoal, 2014

90 Foucault, Michel “Vigiar e punir: nascimento da Prisão” (tradução de Raquel Ramalhete. Petropólis, Vozes, 1987

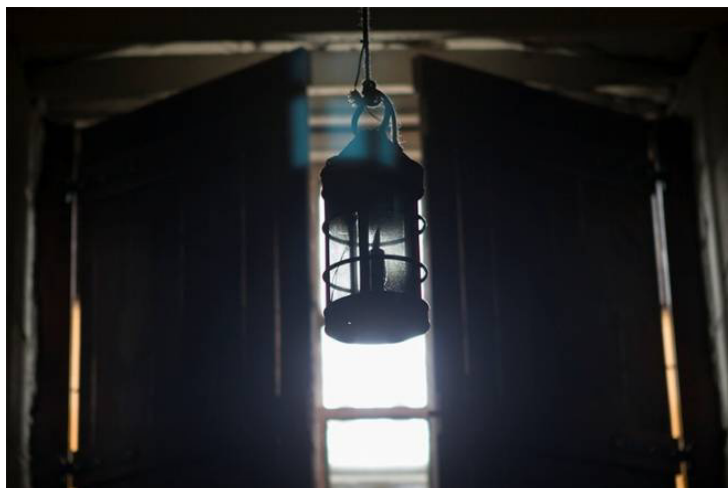


Figura 25 – Violante, Rute - Masmorras, recreação histórica, Castelo de Edimburgo, 2014

91

Neste pequeno excerto, é possível percebermos o quão exasperante a reclusão parece aos olhos de toxicodependentes, que analisando de outra perspectiva, vivem a maior das prisões: *“Um dia o senhor Bispo de Vitória foi visitá-las e pediu-lhes que hospedassem uma dúzia de jovens toxicodependentes que queriam tratar-se (...) passaram a viver ali paredes meias com algumas monjas de clausura uns tantos toxicodependentes (...) Tornaram-se bons amigos das monjas de clausura e comentavam entre si: - Como podem ser tão felizes vivendo fechadas entre quatro paredes?”*⁹²

Esta suposta prisão de 4 paredes em que viviam as religiosas é o que aos olhos das mesmas permite uma tomada de consciência do vazio, esse vazio que se sente quando nos permitimos sentir acedendo assim a uma outra consciência, a da fome do absoluto: *“(...) um belo dia tomamos consciência do vazio que há em nós; sentimos, quase com violência, a nossa fome e a nossa sede de perfeição, de beleza.”*⁹³

E mais uma vez o silêncio como o caminho para o Uno, na perspectiva de quem o procura de livre vontade: *“Foi no silêncio e na solidão do deserto que Psichari encontrou o sentido da vida.(...) Também eu amo o deserto. Vivi lá vários meses, e senti, nessa minha estada, a incomensurabilidade do Universo.”*⁹⁴

91 Arquivo pessoal, Rute Violante, 2014

92 Uribe, Félix Núñez “Deus é humor”, Gráfica de Coimbra, Tradução de Margarida Gonçalves (original: Dios es humor – Sociedad de Educación Atenas), pág. 136

93 Pierre, Abbé “Testamento”, Editorial Notícias, 2ª edição, pág. 32

94 Idem, pág. 33

E aí, encontramos o infinito, a incomensurabilidade, a paz; a LUZ: *“Sócrates chamou a esse lugar mais profundo, no qual uma voz já não apreensível em palavras, o aconselhava e o guiava, o seu Daimonion. Podíamos também chamar-lhe floresta.”*⁹⁵

Só quando perdidos nos agarramos ao improvável para encontrar a saída: *“Na agonia, o ser humano assemelha-se muitas vezes a alguém que está perdido, a alguém que procura. Há-de encontrar a saída num lado ou noutro.”*⁹⁶



Figura 26 – Violante, Rute - Masmorras, Recriação histórica, Castelo de Edimburgo, 2014

97

A dada altura somos confrontados com uma escolha que dita a forma como vivenciamos a vida e perspetivamos o mundo: *“O acontecimento humano pode decidir entre dois caminhos de vida: limitar-se a repetir as escolhas já feitas das possibilidades (permanecer na repetição monótona do decaimento) ou escolher a escolha das possibilidades (confirmar ou modificar os comportamentos herdados).”*⁹⁸

A resiliência, essa transcendente capacidade humana de resistência à adversidade estende-se até aos extremos da calamidade, como bem demonstrado e exemplificado por Luis Rojas Marcos no seu livro *“Superar a adversidade – o poder da resiliência”*: *“Entre as situações de violência física e psicológica que mais põem à prova a resiliência humana, encontram-se as que se produzem em condições nas quais as vítimas não podem escapar ao carrasco quer por impossibilidade física quer por imposições legais, sociais ou psicológicas. Estas circunstâncias de desumanização e perseguição sucessivas acontecem*

95 Jünger, Ernst “O passo da floresta” (ensaio), Livros Cotovia, Lisboa, 1995, pág. 58

96 Idem, pág. 71

97 Violante, Rute – Arquivo pessoal, 2014

98 Jünger, Ernst “O passo da floresta” (ensaio), Livros Cotovia, Lisboa, 1995 pág. 60

*nas prisões, nos campos de concentração, no âmbito secreto de certas seitas religiosas, em certos ambientes de trabalho, nas escolas e, ainda que pareça mentira, no seio das famílias.”*⁹⁹

Do sofrimento para o renascimento, das trevas para a luz, do suplício para Deus, da cegueira para a visão. Essencialmente: uma quarentena que nos conduz para a cura.

A propósito do livro *“Ensaio sobre a cegueira”* de José Saramago, Cleide Almeida questiona: *“Este período de tempo de afastamento e reclusão não poderia significar uma quarentena simbólica, um período de estágio evolutivo?”*¹⁰⁰. Ou por outras palavras, a turbulência vivida entre os personagens criados por Saramago confinados aos limites do manicómio aproxima-os (...) *de certa maneira, dos prisioneiros da Caverna de Platão, que se encontram amarrados e vêem somente sombras da realidade. Tantos os habitantes da Caverna como os do manicómio precisam desprender-se de seus grilhões para poderem ver a verdadeira realidade. Em ambas as situações, o processo de libertação está ligado ao ver: o ver a si mesmo, ver os outros e a realidade que os cerca (...).*¹⁰¹



Figura 27 – Violante, Rute – “Zoom burst” de símbolo religioso islâmico, Hagia Sophia, 2013

102

A libertação é feita de visão e pode ser encarada com serenidade como no caso desta pintura de Georges de La Tour: *“Na obscuridade interrompida pela chama, a mulher vai consumando serenamente a sua penitência: sentada, cingida pelo cilício, com o olhar fixo na vela, símbolo do tempo que se consome, ela acaricia, com a mão direita a caveira que*

⁹⁹ Marcos, Luis Rojas “Superar a adversidade – o poder da resiliência”, Tradução de Maria Mateus, Editorial Planeta, Lisboa, 2010, pág. 24

¹⁰⁰ Carvalho, Adalberto Dias de “Solidão, educação e condição humana”, Edições Afrontamento, Porto, 2011, pág. 64

¹⁰¹ Idem, pág. 66

¹⁰² Violante, Rute – Arquivo pessoal, 2013

*segura entre os joelhos. Claro que já optou por se retirar do mundo enganador, preferindo a solidão e a austeridade.”*¹⁰³

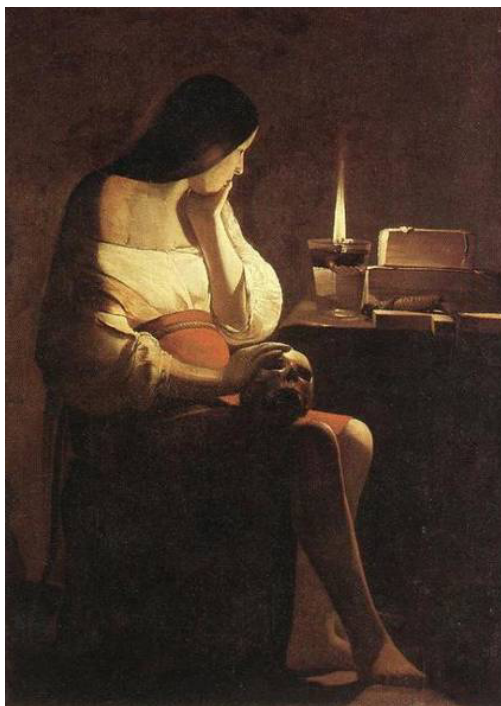


Figura 28 – De La Tour, Georges - “Maria Madalena com a lamparina”, 1640

104

103 “Louvre Paris”, Everest Editora, 2005, pág. 92

104 Idem

VI. A VIGILÂNCIA

A estrutura arquitetônica panóptica em termos de vigilância e de exercício de poder é considerada a estrutura de sonho, na perspectiva dos opressores.

A vigilância é realizada de forma invisível para os oprimidos que sabem contudo que estão a ser vigiados a todo e qualquer momento.

*"There was of course no way of knowing whether you were being watched at any given moment... you had to live in the assumption that every sound you made was overheard, and, except in darkness, every movement scrutinized."*¹⁰⁵

A cabine de segurança central com 360 graus de visão remete-nos para um controle ameaçador, para um olho que tudo vê... olho que se edifica numa estrutura arquitetônica de poder.

Esta questão remete-nos para George Orwell e a sua obra "1984":

*"Big Brother is watching you."*¹⁰⁶



Figura 29 – Violante, Rute - Instalação artística – “Caldas Late Night” – C. Rainha, 2013

107

A torre de vigia que atravessa os vários andares verticalmente, situa-se ao centro dos corredores, fazendo-os confluir para si. A sua transparência faz-nos lembrar também as zonas de observação dos faróis e as torres de controlo dos aeroportos. A visão com um ângulo de 360° é isso mesmo, um olho gigante que vê 360°. Uma visão não alcançada pelo ser humano através dos seus olhos. Nada pode ser feito às escondidas. A representação de

¹⁰⁵ George Orwell, 1984 citado em <http://seawell.wordpress.com/2011/02/14/fight-the-power/>

¹⁰⁶ <http://www.globalresearch.ca/big-brother-is-watching-you-beyond-orwells-worst-nightmare/5367023>

¹⁰⁷ Violante, Rute - arquivo pessoal, 2013

um poder infalível. «Num diálogo entre Foucault e Deleuze (...) » *O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, mostra-se como tirania elevada aos mais ínfimos detalhes*” e é “inteiramente justificado” por uma certa moral: “a sua tirania brutal aparece então como dominação serena do bem sobre o mal, da ordem sobre a desordem”»¹⁰⁸ Então o “Big Brother” simboliza também um juiz da moral e uma espécie de entidade superior que tudo dá ou tudo tira. Vigilância, supervisão, decisão.

«*Prossegue ainda Foucault: “Prender alguém, mantê-lo na prisão, privá-lo de alimentação, de aquecimento, impedi-lo de sair, de fazer amor, etc., é a manifestação de poder mais delirante que se possa imaginar.”*»¹⁰⁹

A Prisão retira tudo ao homem exceto aquilo que lhe é essencial à sobrevivência, comida (escassa e de má qualidade), água e uma cama.

Ao mesmo tempo, existe uma aura de obediência obrigatória a pairar num edifício com estas características, sem que a violência tenha de ser física e/ou explícita. Será mais uma violência psicológica. Uma coação subtil. Essa suposta obediência inerente a este sistema impede de alguma forma que os reclusos olhem para dentro de si próprios e se rebelem. Afasta-os do pensamento lúcido e livre.

«*A obediência (...) é um olhar para fora, um olhar primeiro para o Outro, para os Outros; a obediência “afasta uma pessoa do seu interior”, escreve Arno Gruen.*»¹¹⁰

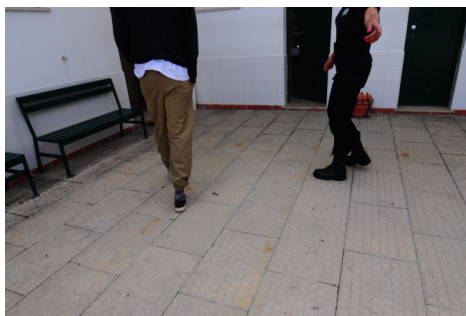


Figura 30 – Violante, Rute - E.P. Leiria – jovens – Projeto Resiliência, 2013

111

¹⁰⁸ Tavares, Gonçalo M., “Atlas do corpo e da imaginação – teorias, fragmentos e imagens”, Editorial Caminho, Alfragide, 2013, pág. 76

¹⁰⁹ Idem

¹¹⁰ Ibidem, pág. 80

¹¹¹ Violante, Rute – Arquivo pessoal, 2013

A ordenação do espaço é feita de forma inteligente, fazendo valer mais uma vez o poder da vigilância. O espaço torna-se “labiríntico” e “sufocante” dada a sua organização. Estruturas que fazem transparecer os sinais e as estratégias dos opressores sobre os oprimidos.

*“As disciplinas organizando as “celas”, “os lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores (...) Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma “ordem””*¹¹²

A estrutura das prisões ajusta-se também a outras estruturas, de forma a melhor controlar e vigiar. Os hospitais, os asilos e até cidades operárias são um exemplo disso.

*“Durante muito tempo encontraremos no urbanismo, na construção das cidades operárias, dos hospitais, dos asilos, das prisões, das casas de educação, esse modelo de acampamento ou pelo menos o princípio que o sustenta: o encaixamento espacial das vigilâncias hierarquizadas.”*¹¹³

*“Is it surprising that prisons resemble factories, schools, barracks, hospitals, which all resemble prisons?”*¹¹⁴

Mais uma vez, damos ênfase ao jogo de espaços, linhas, telas, espaços feixes e graus. Uma perfeição assustadoramente eficaz na vigilância.

Não esquecer também que no caso do Presídio Militar de Santarém, por exemplo, para além da torre de vigia de 360°, cá fora no pátio e num ponto alto temos 4 torres de vigia. A vigilância é feita de dentro para dentro e de fora para dentro.

A violência torna-se supérflua.

*“Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetuam segundo as leis da ótica e de mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de espaços, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos, em princípio, ao excesso, à força, à violência.”*¹¹⁵

A tentativa escondida por detrás destas estratégias de poder prende-se com a aniquilação do que é diferente. Os elementos dissidentes devem ser desterrados.

¹¹² Foucault, Michel “Vigiar e punir: nascimento da Prisão” (tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, Vozes, 1987)

¹¹³ Idem

¹¹⁴ <http://seawell.wordpress.com/2011/02/14/fight-the-power/>

¹¹⁵ Idem

*“(...) a diferença passa a ser considerada como desigualdade. E é isso que transforma o saber em arma de poder, de opressão e de dominação (...) a diferença é desterrada, isolada, devendo ser suprimida. E aí nasce não só a discriminação do que é diferente, mas também a sua repressão e até mesmo a sua destruição. Tudo em nome da busca de uma unidade irreal. Por isso mesmo, a história da epopeia humana é contada pelo detentor da unidade, mas, na verdade, pelo detentor de poder. Eis o coração de nosso sofrimento e de nossa dor. A opressão a toda a diferença”.*¹¹⁶ No fundo, temos aqui um resumo do que é a sociedade. Uma unificação de forma a tornar a população o mais homogênea possível, sem tendência para a dissidência, o que facilitará questões relacionadas com a exerceção do poder, assim como com a criação de tendências e manipulação do cidadão ou do consumidor. O poder ao serviço dos fortes em detrimento dos fracos manipuláveis que não questionam. Podemos referir-nos a estes como “seguidores” ou “oprimidos”, o que poderá ser aplicado a inúmeros contextos. *“O poder humano é algo demasiado complexo e perigoso para ficar à mercê das pessoas comuns.”*¹¹⁷

Ou então, diremos o oposto: Não será demasiado perigoso deixar o poder humano do lado das pessoas incomuns, inteligentes e com capacidade de manipulação? Na realidade isso dependerá da forma como as pessoas não comuns pensam e agem, no sentido em que tanto podem tornar-se opressores ou líderes que inspiram e influenciam positivamente outros seres humanos.

Podemos ainda explorar esta questão no que diz respeito a questões laborais, no sentido em que este sistema e esta filosofia capacitam um aumento da produção e diminui problemas para a entidade patronal. Falamos aqui maioritariamente de trabalhos que implicam um trabalho em série formatado (em fábricas por exemplo).

*“Há a automação, a estandarização do trabalho, um ritmo laboral que na produção que tem na produção o objetivo último e imediato. Sentes-te despersonalizado, manipulado, interiormente despedaçado. Trabalhas oito ou mais horas por dia, somando sempre as mesmas colunas de números, manobrando sempre a mesma alavanca de uma máquina (...).”*¹¹⁸

Por outro lado, esta alienação pode ser aplicada também ao tempo livre na sociedade contemporânea, uma vez que o homem deixou de saber utilizar o seu tempo livre, tendo

¹¹⁶ Carvalho, Adalberto Dias de “Solidão, educação e condição humana”, Edições Afrontamento, Porto, 2011, pág. 37

¹¹⁷ Idem, pág. 49

¹¹⁸ Fizzotti, Eugenio “Para ser livre”, Paulinas, Lisboa, 1996, pág. 41

deixado também de saber estar sozinho. O homem tem tempo mas não o quer porque se sente sozinho.

*“Um dupla alienação, portanto; por um lado, o trabalho automatizado, fruto de rotinas, de linha de produção, de linha de montagem, por outro lado o tempo livre que aumenta desmedidamente, mas que também é um factor de alienação, de tédio e de solidão.”*¹¹⁹

Então surge um dilema existencial entre a necessidade de se libertar do trabalho e a necessidade de se ocupar. O homem sente-se a morrer porque o trabalho o entedia mas ao sair dele entedia-se de estar sozinho, por não saber “Ser”.

*“Foi Schopenhauer que afirmou: a vida do homem é como pêndulo que oscila permanentemente entre a necessidade e o tédio. Prisioneiro de um trabalho que não lhe permitia a realização plena do sentido mais verdadeiro da sua existência, dantes o homem sentia-se despedaçado, descarnado, coisificado, porque prisioneiro da febre da necessidade que o perseguia, às voltas com a pobreza que devia e queria vencer a todo o custo; agora, pelo contrário, o pêndulo colocou-se no outro extremo. O tédio cresceu, um tédio que, como diz a linguagem corrente, pode ser mortal.”*¹²⁰

A massificação é a anulação da pessoa, enquanto indivíduo pensante e crítico, uma massificação desumanizadora e assustadora.

*“Os judeus que Hitler exterminava eram massa, os prisioneiros dos campos de concentração eram massa, e massa são os jovens das grandes liturgias rock, massificante é a nossa civilização; o resultado desta anulação da pessoa, é, como diz Tillich, «a experiência do vazio e do absurdo, da desumanização e da alienação».*¹²¹

Mas é na experiência da perda, da derrota, da escuridão que se ganha acesso ao “Eu” e ao poder interior.

*“Se o grão de tigre não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas, se morre, produz muito fruto. (...) Só quem se perder por alguma coisa ganhará o seu autêntico Eu”*¹²²

Então é nesta estrutura fechada e labiríntica que o homem se encontra a si próprio, como uma serpente na qual a cauda se prende à boca num ciclo de eterno retorno.

O seu próprio veneno (crime cometido / pecado / trauma / escuridão) é a sua própria salvação.

¹¹⁹ Fizzotti, Eugenio “Para ser livre”, Paulinas, Lisboa, 1996, pág. 41

¹²⁰ Idem, pág. 43

¹²¹ Ibidem, pág. 68

¹²² Ibidem, pág. 137

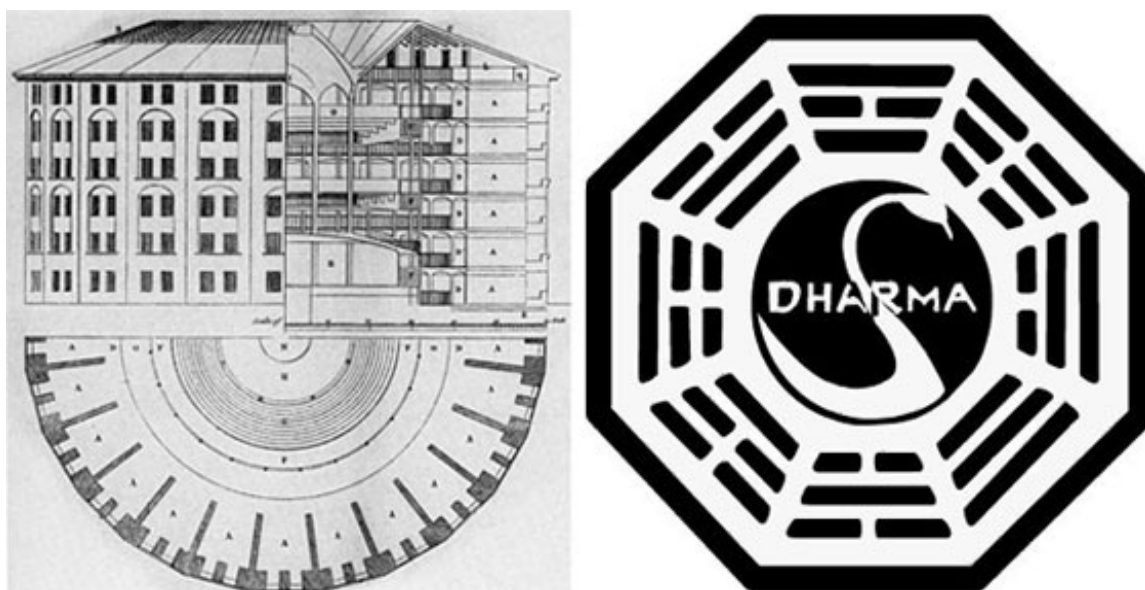


Figura 31 – O modelo panóptico e o conceito de Dharma
123

«“Dharma” means “protection”. By practicing Buddha’s teachings we protect ourselves from suffering and problems. All the problems we experience during daily life originate in ignorance, and the method for eliminating ignorance is to practice Dharma. »¹²⁴

Nesta figura vemos um suposto paralelismo entre a estrutura panótica e o conceito de “dharma”. Este conceito representa a ordem do universo, a forma como as coisas devem acontecer, a lei natural, conhecimento intrínseco da moral com vista à iluminação.

*“I think that the political power is also exercised by a few other institutions which seem to have nothing in common with the political power, which seem to be independent but which actually aren’t. We all know that university and the whole educational system that is supposed to produce knowledge; we know that the educational system maintains the power in the hands of a certain social class from this power and exclude the other social class from this power. Psychiatry for instance is also apparently meant to improve mankind and the knowledge of the psychiatrists. Psychiatry is also a way to implement a political power to a particular social group. Justice also.”*¹²⁵

Para finalizar este capítulo sobre a questão da vigilância, será de suma importância fazer referência à análise sociológica de Foucault que observa um paralelismo do sistema panótico de vigilância com a própria sociedade. Estamos sempre sob vigilância.

123 http://nymag.com/images/2/daily/entertainment/07/05/25_dharma.jpg

124 <http://www.aboutdharma.org/what-is-dharma.php/>

125 “Foucault habla sobre el poder” – Disponível na Internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=sWyHL2iwXMI>

O Panótico é também como frisa Foucault uma metáfora da vigilância a que estamos sujeitos na era das novas tecnologias.

A questão da invasão de privacidade é um tema frequente quando falamos de internet ou de redes sociais.

A Internet acaba assim por ser o “Big brother” moderno, mais sub-reptício mas ainda mais poderoso. Os dados que colocamos na internet sobre nós são armazenados e catalogados sem que nos apercebamos.

*“Foucault's philosophical expansion of the idea of the Panopticon as a metaphor for society has become increasingly apt in the computer age. With the Internet, we see Bentham's ideas linked to the invasion of our privacy, as noted by Docker (2002): The Internet is the most sophisticated and insidious surveillance system yet invented. Cookies and web bugs allow marketing companies, political organizations, governments and cyber stalkers to find out everything they want to know about users from their height and weight to their political, religious and breakfast cereal preferences. Every time a user logs on, an electronic trace of their activities can be recorded, collated, assessed and manipulated to create profiles and databases. We don't know precisely who may be doing it or for what purpose, but we know that it's happening or could be happening. It makes the least paranoid of us disconcerted.”*¹²⁶

Sem a consciência da existência desta supervisão constante, não há rebelião.

*“Until they became conscious they will never rebel, and until after they have rebelled they cannot become conscious.”*¹²⁷ A suposta liberdade passa a ser uma prisão invisível. A torre de vigilância central do panótico passa a ser uma central tecnológica multimédia invisível para a sociedade mas absolutamente magnânima. *“Nothing was your own except the few cubic centimeters inside your skull.”*¹²⁸

Ainda que neste cenário da obra “1984” de George Orwell, estejamos em cenário de ficção, a realidade atual chega a ser mais tenebrosa... A ideia de que nada é nosso ou de que tudo é observado, vigiado, manipulado e controlado é assombrosa mas os cidadãos parecem distraídos.

¹²⁶ <http://www.sagepub.com/hanserintro/study/materials/reference/ref8.1.pdf>

¹²⁷ <https://www.goodreads.com/work/quotes/153313-nineteen-eighty-four>

¹²⁸ Idem

“Winston Smith: Does Big Brother exist?”

O'Brien: Of course he exists.

Winston Smith: Does he exist like you or me?

O'Brien: You do not exist.” 129



Figura 32 – Keizer, Carl de - Krasnoyarsk, Russia, 2001
(Inmates with good behaviour can spend some time away from labour)

130

A. A FOTOGRAFIA E AS PRISÕES

*“Before the golden age of photojournalism, the photographing of prisoners was used for purposes of identification, order and discipline. The two part mugshot (front view and profile view) was standardised by Alphonse Bertillion. Police departments adopting the system had in-house technicians and photographers but they are anonymous in history. Remarkable archives by anonymous police photographers exist the world over, but two noteworthy collections are in New Orleans and Sydney.”*131

129 <https://www.goodreads.com/work/quotes/153313-nineteen-eighty-four>

130 <http://www.carldekeyzer.com/>

131 <http://prisonphotography.org/2011/02/12/a-brief-history-of-prison-photography/>

A história da fotografia prisional começa aqui, enquanto instrumento de identificação e registo, símbolo de ordem e disciplina.

*“A mug shot or mugshot (an informal term for police photograph, or booking photograph), is a photographic portrait typically taken after a person is arrested.”*¹³²



Figura 33 – Bertillon, Alphonse - Auto retrato - Mug Shot, 1900
133

*“The arrested person is sometimes required to hold a placard with name, date of birth, booking ID, weight, and other relevant information on it. With digital photography, the digital photograph is linked to a database record concerning the arrest.”*¹³⁴



Figura 34 – Photo credit: Bettmann/Corbis - Mug Shot - Al Capone, 1931
135

¹³² http://en.wikipedia.org/wiki/Mug_shot

¹³³ Idem

¹³⁴ Ibidem

¹³⁵ http://en.wikipedia.org/wiki/Mug_shot#mediaviewer/File:AlCaponemugshotCPD.jpg

Na década de 60 e 70, a fotografia documental foi-se tornando um motivo de interesse para cada vez mais fotógrafos.

Eve Arnold; Bruno Barbey; Danny Lyon; Garry Winogrand são alguns dos grandes nomes associados à fotografia dedicada a prisões americanas.

Nas duas décadas seguintes, seguiram-se outros grandes mestres do fotojornalismo: James Nachtwey; Cornell Capa; Bruce Jackson, entre outros...

Na mesma altura em França, Jean Gaumy, obteria a primeira autorização oficial para fotografar dentro de uma prisão francesa.

Rapidamente, esta onda se alastrou a outras prisões europeias e se chegou a Guantánamo. Bruce Gilden e Paolo Pelligrini foram dois dos nomes associados à fotografia de Guantánamo.

Nesta altura, alguns dos fotógrafos que documentaram condições de vida dos reclusos nalgumas prisões criavam documentos de “memória política”.

Foi nesta altura que surgiram trabalhos conceptuais ligados ao tema.

Os trabalhos documentais com registos de prisões africanas mostravam sem exceção as condições deploráveis em que os reclusos eram mantidos.¹³⁶

Ao longo da história da fotografia prisional e desde os primeiros registos de reclusos (com efeitos de identificação), as características dos projetos fotográficos apresentavam uma linha heterogénea, e múltiplos objetivos.

Todavia, é de frisar que esta capacidade de observação e de registo é em si um fator de manifestação de poder. De cada vez que um fotógrafo capta uma fotografia, está a exercer esse poder, no que diz respeito ao enquadramento, à luz; ao que escolhe incluir e excluir, etc..

“(...) the act of observing used to be carried out by humans but now surveillance is often aided by cameras, which not only records but also allows the observer to watch from another location. The boss is watching even if he's at home”¹³⁷

A fotografia (e também o vídeo) surge como um fator potenciador do controle de poder através da vigilância. Vigilância existente nas prisões reais ou nas prisões “sociais”. Presente em toda a sociedade, em inúmeros contextos.

“I have always had stage fright. Photographing from the center of a round prison is pure anxiety. The in-mates are all yelling, jeering, talking, in cacophony. You become the center

¹³⁶ http://en.wikipedia.org/wiki/Mug_shot#mediaviewer/File:AlCaponemugshotCPD.jpg

¹³⁷ <http://leedslasie-photographycritiques.blogspot.pt/2012/10/panopticism-theory-and-practice.html>

*of attention and taking the photograph becomes a performance in itself. At first, I was really intimidated, but then I blanked everything out and focused on photographing. It must be the same for the performer.”*¹³⁸

O fotógrafo também garante um lugar de poder quando cria uma realidade através do seu olhar, técnico ou não. Mostra o que quer e como quer, sendo real ou não. Observa de um lugar privilegiado um contexto em toda a sua imensidão realizando registros documentais (ou não) de uma realidade. O fotógrafo é tanto ou mais poderoso do que o “carrasco” ao assumir a liderança da vigilância. O próprio ato de fotografar torna-se uma performance. Neste contexto o fotógrafo é o protagonista.

*“Assumir-se-á o fotógrafo, sob a égide do “terrivelmente vivo”, “agente da morte”, como acreditou Roland Barthes em La chambre claire. A fotografia toma a forma de um campo expandido, pleno de possibilidades visuais, interpretativas e mesmo performativas, que nos liga ao mundo e a nós próprios (...)*¹³⁹

Peter Book é escritor e editor de um website sobre Fotografia de Prisões nos Estados Unidos. Depois de pesquisar e estudar sobre as prisões americanas, decidiu fazer uma jornada de 12 semanas a entrevistar fotógrafos que se tenham debruçado sobre esta questão. O resultado é um conjunto muito rico de testemunhos e perspetivas sobre a documentação em imagens que existe sobre esta temática mas também uma importante reflexão sobre o papel do fotógrafo em mostrar a realidade prisional.

O fotógrafo neste contexto pode estar ao serviço dos detentores do poder, estando também ele sob estreita vigilância e apertado controle ou por outro lado, ser um denunciador. Cabe aos fotógrafos escolher o papel que querem assumir. O seu poder é imenso e indiscutível.

“If a camera is within prison walls we should always be asking; How did it get there? What are/were the motives? What are the responses? What social and political powers are at play in a photograph’s manufacture? And, how is knowledge, related to those powers, constructed?

*Prison Photography also concerns itself with civil liberties, ethics and social justice as they relate to photography and photojournalism.”*¹⁴⁰

Aquando da realização do meu projeto “Resiliência” (a pedra de toque para este Projeto), para além de muitas restrições durante a captura (não mostrar rostos nem elementos

¹³⁸ <http://prisonphotography.org/tag/david-leventi/>

¹³⁹ http://www.sprc.pt/upload/File/PDF/Agenda/EXPOSI%C3%87%C3%83O_INTRO_EPC.pdf

¹⁴⁰ <http://prisonphotography.org/pete-brook/>

identificativos dos reclusos ou dos funcionários; não mostrar zonas e dispositivos de segurança; não mostrar celas degradadas ou com falta de condições – tendo-me sido dado acesso apenas a três celas, sendo estas as mais limpas, bonitas e arrumadas). Mais tarde, na tentativa de dar continuidade ao projeto, solicitei permissão para fotografar novamente no E.P. de Leiria, tendo-se sido negada a autorização tendo em conta que, de acordo com a Direção, eu teria violado questões ligadas à segurança no ano anterior.

As fotografias foram alvo de censura e tive inclusive de apagar algumas, sob indicação da Direção.

*“The circulation of images is controlled even more tightly than the circulation of visitors. No cameras of any kind are allowed inside. The only photos that leave Graterford are those taken in the official visiting area by a prisoner employed as a photographer, in front of a painted or digital backdrop that erases any visual cues of the prison.”*¹⁴¹

A imagem apresenta o perigo de desmascarar, de desenganar, de revelar a verdade, por isso a sua produção tem de ser controlada.

*“There’s no incentive for anyone in society to look at prisons for the failure that they are. Politicians don’t win if they appear to be soft on crime. And then you have the media, which is after ratings.”*¹⁴²

Por outro lado, os agentes políticos também não têm interesse em mostrar o sistema prisional como um falhanço.

Um trabalho muito interessante sobre esta relação da fotografia com as prisões é o projeto invulgar da fotógrafa Debi Cornwall (“Gitmo at home, Gitmo at play”), que impedida de fotografar livremente na famosa penitenciária de Guantánamo, optou por mostrar o improvável, Guantánamo como uma quase estância balnear paradisíaca.

“I’m looking to connect with people, although that’s very challenging at a place like Guantanamo Bay where you don’t have any access to the inmates and very limited access to the guards,” she explains. *“It’s that much more difficult to convey the human experience when you can’t photograph someone’s face.”* Cornwall, Debi¹⁴³

Debi Cornwall wanted to capture those everyday contradictions at Guantanamo. *“It’s a disorienting place,”* she says. *“It feels like a place in between. It is both a tropical paradise*

¹⁴¹ <http://exhibits.haverford.edu/prisonobscura/picturing-incarceration/>

¹⁴² http://lens.blogs.nytimes.com/2011/09/19/focusing-on-prison-photography/?_r=0

¹⁴³ <http://www.pri.org/stories/2014-10-14/these-photos-capture-guantanamos-double-life-tropical-prison-and-all-american>

filled with imagery reminding us that we are in a beautiful island place, but it's also a prison.” 144



Figura 35 – Cornwall, Debi – “Beach chairs on Guantanamo's Windmill Beach”
145



Figura 36 – Cornwall, Debi - “A kiddie pool at Guantanamo Bay”
146

Debie Cornwall levanta questões de suma importância. Qual é afinal o papel da fotografia no contexto das prisões?

“If I envisage a society where photography wasn’t getting made, if people had just given up, then that would be scarier. And it’s not that it doesn’t change things; it’s just not a golden ticket. When I say it doesn’t change things, it’s not going to change a prison administration overnight and it might not even change a prison administration in a lifetime.” 147

De acordo com Debie Cornwall, os fotógrafos manifestam a “não desistência”, como uma missão que se vai integrando e que ao longo dos tempos vai ajudando a desmascarar estruturas e sistemas obsoletos contribuindo para o seu melhoramento.

144 <http://www.pri.org/stories/2014-10-14/these-photos-capture-guantanamos-double-life-tropical-prison-and-all-american>

145 Idem

146 Ibidem

147 Ibidem

VII. PROJETOS E AUTORES DE REFERÊNCIA

A. DONOVAN WYLIE

“The Maze”

As imagens deste autor são pautadas pela repetição e pela monotonia, de forma a exacerbar o carácter labiríntico dos corredores deste ex-estabelecimento Prisional Irlandês (The Maze Prison). Esta prisão foi construída para controlar e isolar.

Na realidade, chegamos a ter a sensação de ver imagens e páginas repetidas, tal é a semelhança entre elas.

Esta prisão é monitorizada em cada seção, tendo inclusive inúmeros sensores de movimento e um sistema de imobilização de reclusos.¹⁴⁸



FIGURA 37 – Wylie, Donovan – “The Maze” - Outside the H Blocks at the Maze – Northern Ireland, 2003

149

¹⁴⁸ Wylie, Donovan “The Maze”, Granta Books, London, 2004

¹⁴⁹ <http://glcmajoramodule.wordpress.com/2011/11/17/second-exhibition-of-the-day/>

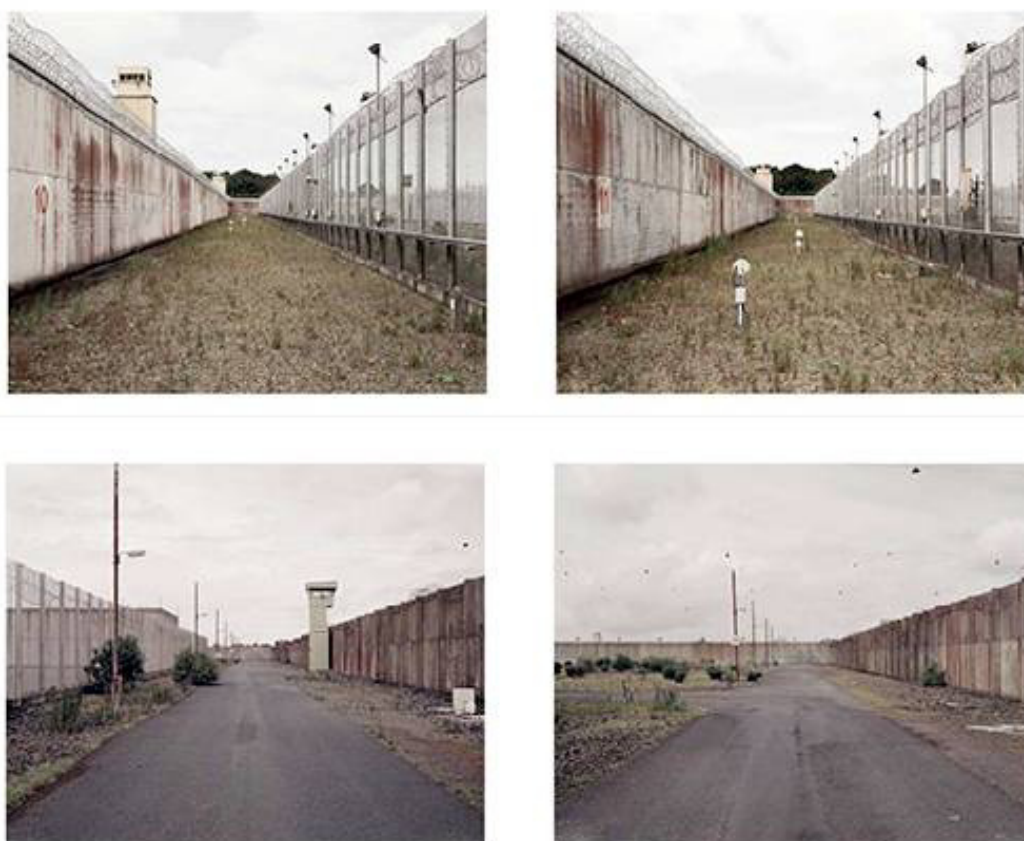


Figura 34 – Wylie, Donovan – “The Maze” - Outside the H Blocks at the Maze – Northern Ireland, 2003
150

Em termos de cor, são utilizadas tons esmorecidos, sem vida, monótonos e nostálgicos, criando uma sensação desconfortável ao espectador.

São imagens cruas, com bastante ênfase nas linhas de força e no ponto de fuga, quase como uma saída da sensação de claustrofobia criada pela composição.

Neste trabalho é notória a ênfase dada pelo autor à sensação claustrofóbica causada pela semelhança entre corredores.

Em ambos os casos, os muitos corredores são quase iguais, pelo que confundem e “apertam”, permitindo uma vigilância perturbadora.

A questão da vigilância exacerbada é também um denominador comum, ainda que utilizando métodos diferentes. Ainda que em Santarém não se utilizassem sensores de movimento e sistemas de imobilização, a ideia subjacente à estrutura circular com torre de

150 <http://deslivresetdesphotos.blog.lemonde.fr/2009/05/07/donovan-wylie-maze/>

vigilância ao centro do edifício servia maioritariamente a esse propósito, de forma a exercer um maior controle e uma vigilância quase total dos reclusos.

O livro “The maze” apresenta também inúmeras imagens com celas ainda com camas feitas e cortinados, novamente com semelhanças incríveis entre elas, exacerbando esta questão de labirinto sem saída, de despersonalização e de controlo.

Em Santarém as celas na maioria dos casos estavam vazias, sem vestígios de outros tempos, pelo que não lhes foi dada relevância na parte prática deste Projeto.

B. CORNELL CAPA

Cornell Capa foi definido como um jornalista político, tendo dado origem ao termo “The concerned photographer”, precisamente por se debruçar sobre problemáticas como os direitos dos trabalhadores, a liberdade de expressão, a opressão e outras questões humanitárias.

Em 1972, foi-lhe atribuída a missão de retratar em imagens as condições de vida dos reclusos da Prisão de Attica, logo após o famoso motim desencadeado neste estabelecimento prisional de Nova Iorque.

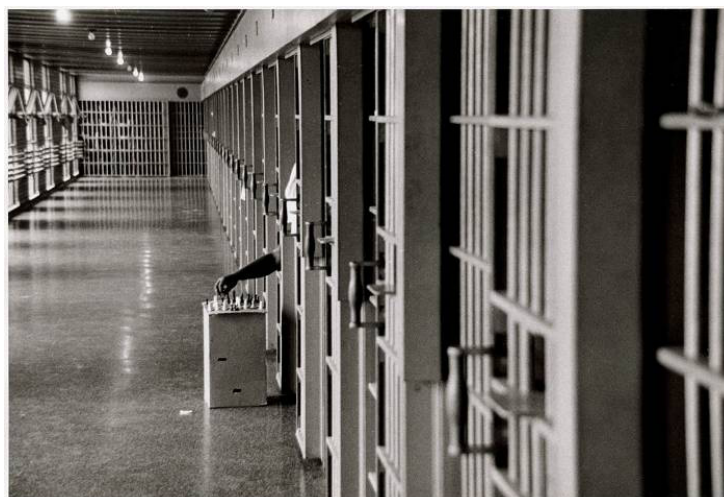


Figura 38 – Capa, Cornell - Attica, New York; Attica Correctional Facility, 1972

151

151 <http://prisonphotography.org/2009/07/03/cornell-capa-concerned-about-prisons/>



Figura 39 - Capa, Cornell - Attica, New York; Attica Correctional Facility, 1972
152

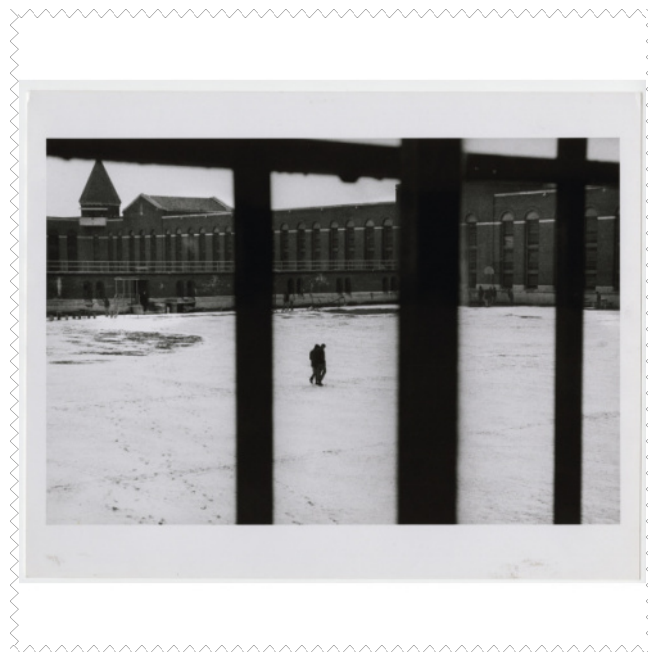


Figura 40 - Capa, Cornell - Attica, New York; Attica Correctional Facility, 1972
153

152 <http://prisonphotography.org/2009/07/03/cornell-capa-concerned-about-prisons/>
153 Idem

Cornell Capa elaborou relatórios completos sobre o que observou e fotografou de forma bastante completa, enfatizando a questão do controle de presenças constante durante a noite, as fechaduras, o tamanho das celas individuais e o silêncio obrigatório.

“Attica’s inmates are all locked in their cells from approximately 5pm until 7am the next morning. Officers on the night shift make lonely rounds checking the count six times a night (...) All movement in Attica is limited by locks. At night the duty officer must carry with him all the keys he will need on his nightly round of inspection. Confined to their 4 x 9 cells, inmates may talk to one another across the cellblocks and play music instruments until 8pm. Locked in a cell a mirror is an inmates eyes to the rest of his gallery, and whenever something happens, the mirrors appear as if on cue. After 8pm talking and noise are not permitted. There is little to do until lights out at 11pm except read, write letters or listen to one of the three channels of the prison radio which plays music, sports and the audio portion of TV shows.” ¹⁵⁴

Curiosas são as imagens dos reclusos a jogar xadrez, mostrando que ambos os jogadores conseguem ver o jogo mas não o seu oponente.

“Some play chess but the opponent remains unseen.” ¹⁵⁵

Destaco este detalhe para dar ênfase à questão do isolamento e à não comunicabilidade dos reclusos, o que os impedia também de ver o seu oponente, ou neste caso, o seu “carrasco”, o seu vigilante.

C. ANDREAS GURSKY

Gursky é o artista da vertigem, da vigilância secreta, da observação furtiva do ser humano, da massificação, do exagero das dimensões com as quais mostra a sua arte ao mundo, fazendo com que o seu significado assuma outras proporções e outro impacto sobre o público.

“Cet artiste fait des photographies vertigineuses. Des photos où on peut apercevoir des foules humaines, des fenêtres, des objets, des photos qui nous donnent le vertige. Des foules à l’infini, au point de ne plus distinguer une silhouette d’une autre.” ¹⁵⁶

¹⁵⁴ <http://prisonphotography.org/2009/07/03/cornell-capa-testifies-on-attica/>

¹⁵⁵ Idem

¹⁵⁶ <http://art-et-argent.over-blog.com/pages/andreas-gursky-99-cents-et-la-bourse-de-tokyo-7195040.html>

O seu trabalho é essencialmente uma observação crítica da ligação do homem à arquitetura, de fenómenos ridículos e da despersonalização.

*“Il parcourt le monde à la recherche de sujets qui illustrent nos sociétés modernes en mettant en avant les rapports d’échelles entre les hommes et l’architecture, les phénomènes de foules ou encore la mondialisation.”*¹⁵⁷

O seu trabalho remete-nos para uma globalização que fere o indivíduo, retirando-lhe poder individual e personalidade, essencialmente uma anulação da “pessoa” e com isto, voltamos ao Panótico, central também no trabalho de Gursky, ainda que nem sempre no contexto prisional.

*“There is a striking recurrence of panopticon - like spaces in Gursky’s repertoire.”*¹⁵⁸

A estrutura panóptica é recorrente nos seus projetos, o que nos remete também para a questão da vigilância e do exercício do poder através desta vigilância silenciosa e invisível. Na sua imagem denominada “May Day V” (Figura 44), os compartimentos vistos em contraluz de um arranha-céus assemelham-se a celas individuais.

De acordo com algumas análises, o facto de Gursky ter afirmado a dada altura que preferia captar ambientes e estruturas sem qualquer tipo de preocupação pelo individual/indivíduo pode significar que a sua captura fotográfica é em si, um possível exercício de poder.

«“My preference for clear structures is the result of my desire— perhaps illusory— to keep track of things and maintain my grip on the world. ”(...) I am never interested in the individual,” he coolly says, “but in the human species and its environment.”»¹⁵⁹

Enquanto Gursky tenta captar registar imagens da espécie humana e do seu ambiente, Foucault refere-se à análise disciplinar como uma investigação de uma ciência do homem.

160

¹⁵⁷ <http://art-et-argent.over-blog.com/pages/andreas-gursky-99-cents-et-la-bourse-de-tokyo-7195040.html>

¹⁵⁸ <http://seawell.wordpress.com/2011/02/14/fight-the-power/>

¹⁵⁹ Idem

¹⁶⁰ Ibidem



Figura 41 – Gursky, Andreas - Stateville, Illinois, 2002

161

Esta questão remete-nos para a sua primeira obra milionária, denominada “99 Cent”. A imagem (Figura 42) é avassaladora mostrando-nos um supermercado recheado de produtos e de promoções, cenário no qual o homem se perde e se torna invisível, sendo engolido pelo apelo ao consumo.



Figura 42 – Gursky, Andreas, "99 Cents", 1999

162

Esta imagem espalha-se por 3 metros e 37 de largura e 2 metros e sete centímetros de altura, o que a torna muito assustadora e claustrofóbica.

161 <http://seawell.wordpress.com/2011/02/14/fight-the-power/>

162 <http://art-et-argent.over-blog.com/pages/andreas-gursky-99-cents-et-la-bourse-de-tokyo-7195040.html>

“Il s’agit d’une vue panoramique des rayons d’un supermarché américain. Gursky combine l’infiniment grand (le hall du supermarché) et l’infiniment petits (les milliers d’articles des étagères). L’axe de vue est une plongée c’est-à-dire que la photo est prise du haut vers le bas, ce qui provoque un effet de tassement, un écrasement de la perspective qui donne une sensation d’enfermement, d’étroitesse. Ceux-ci peut nous faire penser à la vue d’une caméra de surveillance? (...)”

L’image est structurée autour de la répétition des lignes horizontales des rayonnages. Le prix des produits est mis en avant par sa présence sur les lignes de force de l’œuvre (les bandeaux horizontaux de l’arrière-plan, les macarons “3 for 99 c” du premier plan (photo annexe), mais aussi les bandes blanches qui rythment la composition). en fait la vedette de cette image.”¹⁶³

Podemos levar a crítica mais longe e analisar a cor por exemplo, já que os produtos estão inundados de cores fortes e o ser humano aparece vestido de preto e branco, perdendo metaforicamente o poder e a personalidade, a capacidade de reagir ou de resistir.

Gursky confronta o mundo com esta “outra prisão”, uma prisão que nos manipula ao ponto de deixarmos de entender que estamos a ser controlados.

¹⁶³ <http://art-et-argent.over-blog.com/pages/andreas-gursky-99-cents-et-la-bourse-de-tokyo-7195040.html>



FIGURA 43 – Gursky, Andreas -Workers at a cane furniture factory in Nha Trang, Vietnam
164

Gursky apresenta-nos fotografias densas que nos retiram o ar e a imaginação. Imagens provocadoras anti consumo e anti políticas capitalistas. São imagens que ainda que impressas em tamanhos grandes, nos confrontam com o pormenor e com a monotonia. E claro, com a vigilância.

164 <http://www.gizmodo.com.au/2013/07/what-does-it-take-to-sell-the-most-expensive-photograph-in-history/>



Figura 44 – Gursky, Andreas - "May Day V", 2006
165

165 <http://nymag.com/arts/art/reviews/31785/>

D. EDWARD BURTYNSKY

Este fotógrafo canadiano analogamente ao que acontece com Gursky é conhecido pelas suas fotografias industriais de larga escala, tanto no que diz respeito aos motivos fotografados como à dimensão em que as imprime. Os seus trabalhos marcam presença em mais de 50 museus, estando o seu nome totalmente consagrado a nível mundial.

Os seus trabalhos colocam grande ênfase na questão da despersonalização dos trabalhadores chineses numa zona onde se produzem bens de consumo para o mundo inteiro. Os trabalhadores aparecem vestidos todos de igual, sem rosto e sem corpo. De dia, estes trabalhadores são apenas um número e à noite isso continuará dessa forma, uma vez que todos vivem em dormitórios pertencentes a estas grandes companhias e empresas milionárias.

*“In the province of Guangdong, one can drive for hours along numerous highways that reveal a virtually unbroken landscape of factories and workers’ dormitories. These new ‘manufacturing landscapes’ in the southern and eastern parts of China produce more and more of the world’s goods and have become the habitat for a diverse group of companies and millions of busy workers.”*¹⁶⁶



Figura 45 – Burtynsky, Edward - "Manufacturing #17, Deda Chicken Processing Plant, Dehui City, Jilin Province, 2005"

167

¹⁶⁶ http://www.edwardburtynsky.com/site_contents/Photographs/China.html

¹⁶⁷ Idem

Esta sua famosa fotografia da série “Manufacturing” foi captada a partir de um posto de segurança/vigilância. Temos uma fotografia com um grande ângulo, em perspectiva picada e com bastante profundidade de campo.



Figura 46 - Burtynsky, Edward - Old Factories #1 Fushun Aluminum Smelter - Fushun City, Liaoning Province, China, 2005
168

Artist Statement:

*“.... mass consumerism... and the resulting degradation of our environment intrinsic to the process of making things to keep us happy and fulfilled frightens me. I no longer see my world as delineated by countries, with borders, or language, but as 7 billion humans living off a single, finite planet.”*¹⁶⁹

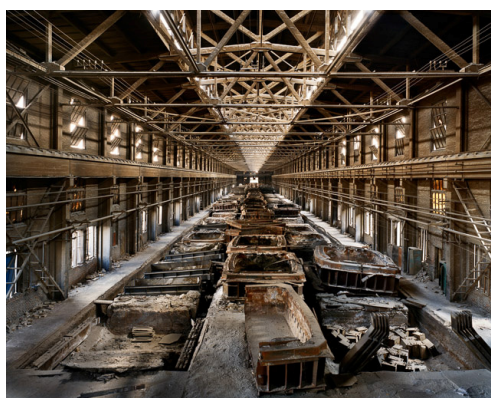


Figura 47 - Burtynsky, Edward - Old Factories #9 - Fushun Aluminum Smelter, Fushun City, Liaoning Province, China, 2005
170

168 http://www.edwardburtynsky.com/site_contents/Photographs/China.html

169 Idem

170 Ibidem

As imagens de fábricas abandonadas remetem-nos para a análise do “espaço” e do vazio. Um esquecimento das pessoas e das funções que outrora desempenharam numa sociedade indubitavelmente consumista e ligada aos bens materiais, em que as pessoas se tornam números.

Já nas imagens de fábricas com operários, vemo-nos perante uma prisão menos óbvia e claro, socialmente aceite. Não refutável. O trabalho faz parte da vida. Não há um questionamento por parte da classe operária.

A manipulação das massas como um tema recorrente.

Os corpos tornam-se dóceis permitindo correção, monitorização e obediência.



Figura 48 - Burtynsky, Edward - Manufacturing #10A, Cankun Factory, Xiamen City, 2005 (detail of original diptych)

171



Figura 49 - Burtynsky, Edward - Manufacturing #11, Youngor Textiles, Ningbo, Zhejiang Province, 2005
172



Figura 50 – Burtynsky, Edward . “Manufactured landscapes” documentary – cover image (a film by Jennifer Baichwal) - Zeitgeist Films – 2006
173

172 <http://www.mascontext.com/issues/16-production-winter-12/manufactured-landscapes/>

Nesta imagem de Edward Burtynsky (Figura 50), as cores levam-nos a uma fusão das pessoas com os edifícios, o que lhes retira vida, tornando-as parte da paisagem e das estruturas de Produção.

A imagem relembra-nos também um ambiente prisional ou uma referência ainda mais agressiva e poderosa, um campo de concentração.

E. BRUNO BARBEY

Este fotógrafo residente em França nasceu em Marrocos, país que tem fotografado ao longo da vida numa perspectiva documental. Pertence à agência fotográfica Magnum, tendo sido presidente entre 1992 e 1995.

Fotografou em 5 continentes tendo reunido um vasto portfolio com documentos que mostram o mundo com um olhar muito próprio e invulgar.

Rejeita o rótulo de fotógrafo de guerra, apesar de ter fotografado conflitos na Nigéria, no Vietname, no Médio Oriente, no Bangladesh, Camboja, Irlanda do Norte, Iraque e Kuwait. O seu trabalho é um trabalho documental aparentemente mais isento de crítica ou de uma mensagem específica.

Apesar de ser um trabalho fotojornalístico e documental, os seus registos despertam-nos para as semelhanças que conseguimos encontrar em contextos diferentes.



Figura 51 – Barbey, Bruno – Seven days in Myanmar, 2013¹⁷⁴

¹⁷³ <http://inhabitat.com/manufactured-landscapes-our-impact-exposed/>

¹⁷⁴ www.magnumphotos.com

O padrão aqui criado remete-nos mais uma vez para a uniformização, a homogeneização do homem, independentemente de estarmos a falar de um templo budista, de uma mesquita, um convento, uma fábrica, uma escola, etc....



Figura 52 - Barbey, Bruno - City of Odessa. The monastery of Alexandriski. 1988
175



Figura 53 – Barbey, Bruno, Morocco. Rabat. During festivities of the Throne Day. March 3rd, 1996
176



Figura 54 – Barbey, Bruno - Brasil, Rio de Janeiro, Carnaval 1973.
177

175 www.magnumphotos.com

176 Idem

177 <http://markcareaga.com/post/90941345526/artchipel-bruno-barbey-b-1941>



Figura 55 – Barbey, Bruno - South Vietnam, Town of Phucat. The Drug problem with American soldiers in Vietnam, 1971

178



Figura 56 – Barbey, Bruno - Cemetery of Bab Sagma at sunset. 1984

179

Interessante também a imagem referente à adição à droga (Figura 55), mostrando-nos uma possível saída para problemas e angústias. Relevante aqui principalmente porque a grande maioria dos reclusos inicia assim um percurso de delinquência e de desespero.

Se por um lado a preocupação de Bruno Barbey é mostrar-nos culturas, tradições e realidades um pouco por todo o mundo, na esperança de as registar preservar e

178 <https://www.tumblr.com/search/bruno%20barbey>

179 <http://aussie55.weebly.com/africa/category/all/4>

homenagear, por outro lado, a imagem do cemitério (Figura 56) e os padrões repetitivos transportam-nos também para a despersonalização.

Nesse lugar, nesse tempo, independentemente do que vivemos, sofremos, lutamos, sentimos ou pensamos, somos todos iguais. Isso leva-nos a repensar a existência humana, a forma como a vida se vive e todas as circunstâncias a que nos habituamos sem contestação. O sentido da vida presente nestes projetos documentais, alertando-nos para a “paragem” para “reflexão”.

Nesta última imagem (Figura 57), destaca-se o esquema octogonal de uma fonte marroquina.



Figura 57 – Barbey, Bruno - Moulay Idriss, Marrocos, 1993
180

F. PETER MARLOW

Peter Marlow, também fotógrafo da Magnum, publicou um livro dedicado a 42 catedrais inglesas com imagens absolutamente magníficas. Nessas imagens apercebemo-nos de alguns elementos comuns à estrutura arquitetónica de algumas prisões.

180 <https://www.tumblr.com/search/bruno%20barbey>



Figura 58 – Marlow, Peter - 'The English Cathedral', Published by Merrell Publishers. Peter Marlow photographed all forty two Anglican Cathedrals over a three year between 2009 and 2012

199

Para Peter Marlow a fotografia aqui assume um papel muito mais “espiritual e emocional” do que técnico. Neste seu livro, a sensibilidade a essas emoções é um factor fundamental para o registo desta “alma” inerente às catedrais. Marlow teve o cuidado de fotografar sempre apenas com luz natural.

“There are few experiences more uplifting and humbling than standing in the nave of a cathedral. With the symmetry of columns soaring into arches, and the fine tracery of windows allowing and ethereal light to enter, the effect is like frozen music. These are spaces filled with centuries of human aspiration after the divine; in them, spiritual yearning is made palpable through stone.”¹⁸¹

«He wrote: “wait till the building makes you feel intensely, in some special part of it or other, then try and analyse what gives you that feeling... and then see what your camera

¹⁸¹ <http://www.amazon.co.uk/The-English-Cathedral-Peter-Marlow/dp/1858945909>

can do towards reproducing that effect.”¹⁸². Nesta sua imagem (Figura 59) na Catedral de Trinity, a luz natural torna-se reconfortante, mágica, divinal.



Figura 59 – Marlow, Peter – Ethiopia, Addis Ababa, Trinity Cathedral, 2000
183

É interessante também verificar como um edifício “sem-abrigo” nos faz lembrar os corredores de um Presídio, em que as portas nos parecem todas iguais e o corredor sem saída.



Figura 60 – Marlow, Peter - Arlington House in Camden Town; A hostel for the homeless, 1982
184

182 <http://www.amazon.co.uk/The-English-Cathedral-Peter-Marlow/dp/1858945909>

183 www.magnumphotos.com

184 Idem

Algumas das imagens de Peter Marlow de quartos para peregrinos num Mosteiro em Torino assemelham-se a celas de reclusos, dada não só a sua simplicidade mas também a presença de objetos religiosos, o que acontece também nas minhas imagens de celas no Projeto “Resiliência”, realizado no estabelecimento prisional de Leiria - jovens (em anexo).



Figura 61 – Marlow, Peter -
Italy. Piedmont project. Superga Church on top of the hills overlooking Torino. A simple room for pilgrims
inside the monastery, 2003

185

Este projeto toca ao de leve em muitas temáticas presentes no trabalho de Peter Marlow. Mais um exemplo disso é a questão da vigilância, aqui bastante patente nesta imagem (Figura 58) de uma central de vigilância de quartos dos denominados “hotéis do amor”, no Japão. Esta imagem levanta questões sobre as fronteiras da vigilância. Quais são os limites?



Figura 58 - Marlow, Peter
Kyoto, Japan. Love Hotels, 2000

186

185 www.magnumphotos.com

186 <http://drtenge.com/?p=3797>

As referências de questões ligadas à vigilância não se encerram no seu trabalho são inúmeras.

Julgo importante referenciar este seu projeto dedicado à edificação de uma doma gigante, uma verdadeira torre de Babel, em Londres. Este edifício foi originalmente criado para uma exposição dedicada à entrada no 3º milênio.

É um dos edifícios maiores do mundo, dentro dos que apresentam esta estrutura circular. Curioso conhecer os nomes dados às várias seções da exposição inaugurada no início do Milênio: *body; mind; faith; self portrait; work; learning; rest; play; talk; money; journey; shared ground; living island; home planet*. Atualmente, a estrutura é administrada por uma grande companhia de telecomunicações, tendo-se transformado num centro de entretenimento e cultura.



Figura 62 – Marlow, Peter - GB. London. Greenwich. The Millenium Dome. The construction of the central showpiece, the Tower of Babel, engineered by Atelier One, 1999

187



Figura 63 – Marlow, Peter - GB. London. Greenwich. The Millenium Dome. The construction of the central showpiece, the Tower of Babel, engineered by Atelier One, 1999

188

187 www.magnumphotos.com

188 Idem

G. LU-NAN

Lu Nan, fotógrafo chinês também associado à agência Magnum desenvolveu um vasto trabalho ao longo de 15 anos dividido em 3 seções:

1. Hospitais Psiquiátricos
2. Peregrinos e devotos católicos
3. Monges tibetanos

*“Art critic Li Xianting said that the trilogy, including the first set about patients at mental hospitals, the second set about the pilgrimage of Chinese Catholic devotees, and the third set about the life of Tibetan peasants, was a symbol of men's modern mentality, and represented Lu's hope for men's great mentality to be restored.”*¹⁸⁹

No que diz respeito à 1ª parte deste Projeto designado “The forgotten people” poderíamos facilmente acreditar que as imagens tinham sido captadas numa Prisão e não em instituições de saúde mental.

Curiosamente, este fotógrafo tem outro projeto, também publicado em livro com imagens realizadas em prisões no Myanmar (Book – “Prison Camps” in Northern Myanmar by Lu Nan, 2011).

Sem a devida referenciação, todas as suas imagens se confundem. Não há como saber se estamos numa Prisão ou numa instituição psiquiátrica. Sendo que no caso do livro sobre prisões, também somos confrontados com imagens de adictos e suas angústias.

¹⁸⁹ www.magnumphotos.com



Figura 64 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990
190



Figura 65 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990
191

190 <http://drtenge.com/?p=3797>

191 www.magnumphotos.com

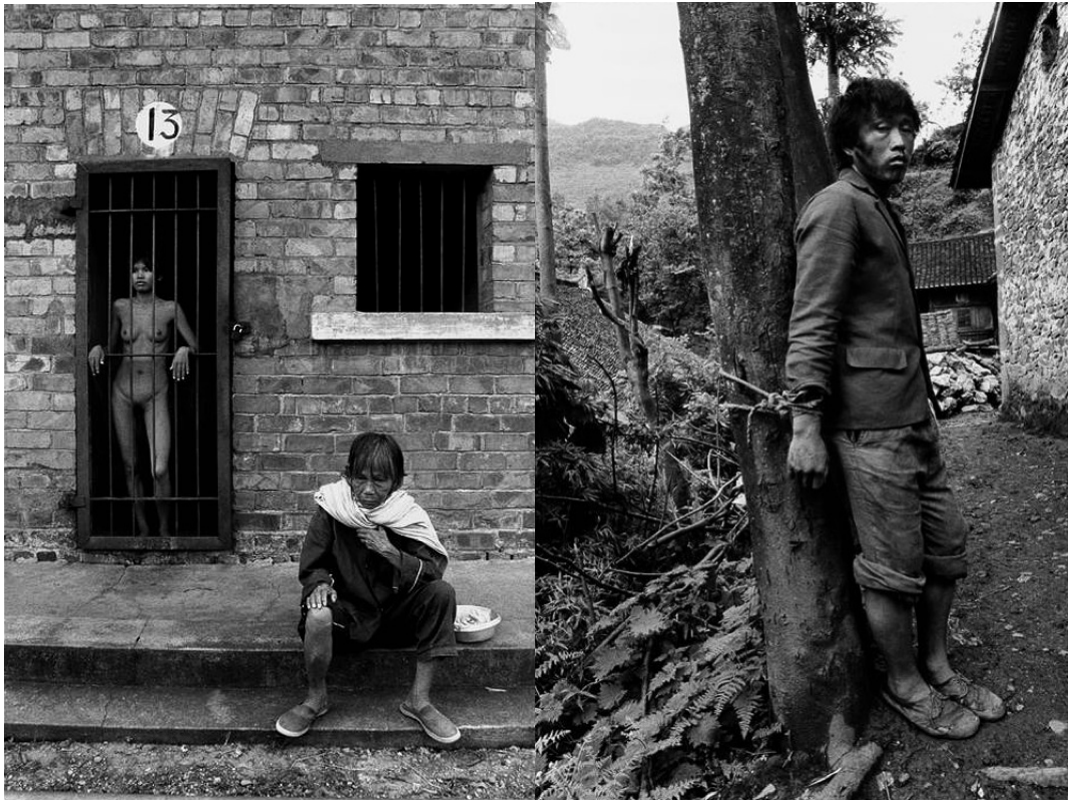


Figura 66 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990
192

Figura 67 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990
193

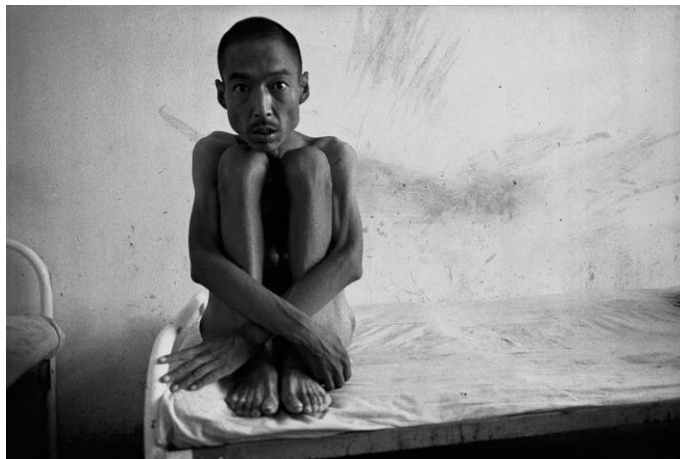


Figura 68 - Lu-Nan, “The forgotten people” – North Chinese Mental Hospital, 1990
194

192 <http://drtenge.com/?p=3797>

193 Idem

194 Ibidem



Figura 69 - Lu-Nan - Prison camps in Northern Myamar, 2006 - Father injecting heroin and Mother feeding heroin to her daughter.
195



Figura 70 - Lu-Nan - Prison camps in Northern Myamar, 2006
196

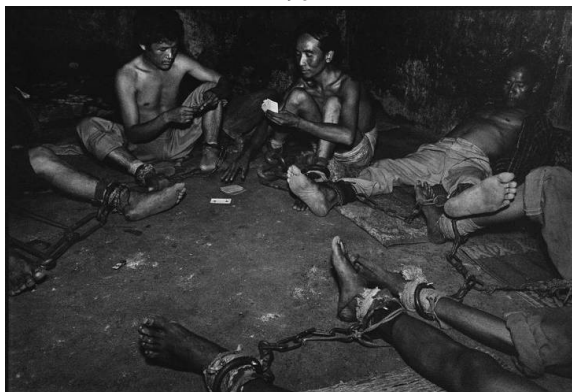


Figura 71 - Lu-Nan - Prison camps in Northern Myamar, 2006
197

195 www.magnumphotos.com

196 Idem

197 Ibidem

H. DAVID LEVENTI

David Leventi, fotógrafo americano nascido em 1978, com um vasto trabalho na área da fotografia de arquitetura surpreende-nos com estruturas arquitetónicas magnificentes e curiosamente idênticas. Não será também coincidência o facto de ser filho de dois arquitetos. De destacar as semelhanças entre a Prisão de Harlem e algumas casas de Ópera. Como denominador comum temos uma estrutura circular, muito técnica e organizada, que num caso é fria e noutro é quente.

A sua obsessão por casas de Ópera prende-se com o facto de o seu avô ter sido tenor e de a dada altura da sua vida, ter cantado para prisioneiros de guerra e oficiais em ambientes pouco propícios e dignificantes da própria Ópera. O seu registo da opulência e deste ambiente divino é uma homenagem ao seu avô, mostrando os locais onde o mesmo podia e devia ter cantado.



Figura 72 – Leventi, David - Haarlem Prison, Netherlands, 2011
198

Figura 73 – Leventi, David - La Fenice, Venice, Italy, 2008
199

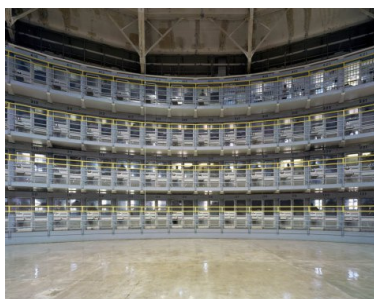


Figura 74 – Leventi, David - Stateville Correctional Center, Crest Hill, Illinois, 2010
200

198 <http://www.davidleventi.com>

199 Idem

*“They are spaces with history – architecture like the National Theater, Prague State Opera, and Estates Theater in Prague or the Hungarian State Theater in Budapest that were universally recognized as being so powerful they were left standing through wars, or – like Dresden’s Semperoper and Vienna’s Wiener Staatsoper – which, though bombed, were rebuilt as symbols of their nations’ perseverance.”*²⁰¹



Figura 75 – Leventi, David - Teatro di San Carlo, Naples, Italy, 2009
202

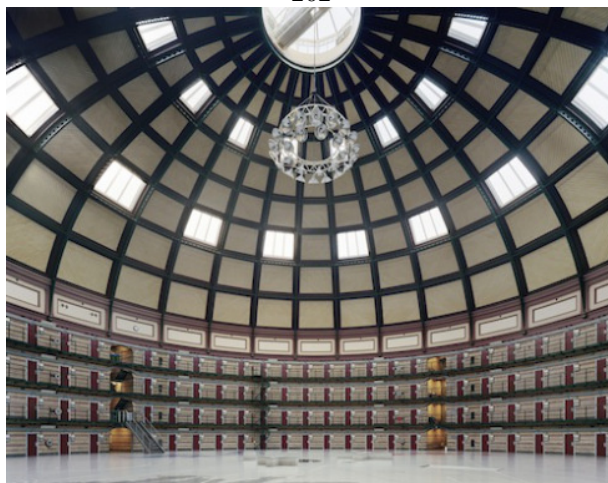


Figura 76 – Leventi, David - Arnhem Prison, Arnhem, Netherlands, 2011
203

200 <http://seenandsaid.blogspot.pt/2011/06/david-leventi.html>

201 <http://www.davidleventi.com>

202 http://www.slate.com/blogs/behold/2013/06/24/david_leventi_opera_documents_the_great_opera_houses_around_the_world_photos.html

203 <http://prisonphotography.org/tag/david-leventi/>

A questão da inversão de papéis no que diz respeito à questão da vigilância. Numa Ópera, o público observa os cantores/performers, que são poucos. Numa prisão panóptica, a minoria vigia a maioria.

As semelhanças em termos arquitetônicos são óbvias e cruciais, ainda que a distinção para Leventi seja importante. Interessa-lhe sobretudo o contraste; a opulência versus a pobreza; a beleza versus a esqualidez; serenidade versus cacofonia.

Em entrevista, Leventi explica:

*“The domed prisons have the same architectural structure as an opera house (without the opulence), but the difference is in who is observing whom. In an opera house, the audience of many is observing a few. In these domed prisons, it’s the reverse. The domed prisons are stark buildings. On first inspection, I don’t believe that the viewer identifies the interior as a prison. The ceiling of Arnhem in The Netherlands reminds me of the tartan pattern now made famous by Burberry. The photograph is very graphic, quite unlike the opera houses. Opera houses and prison houses become a study in contrasts between beauty and squalor, opulence and poverty, serenity and cacophony.”*²⁰⁴

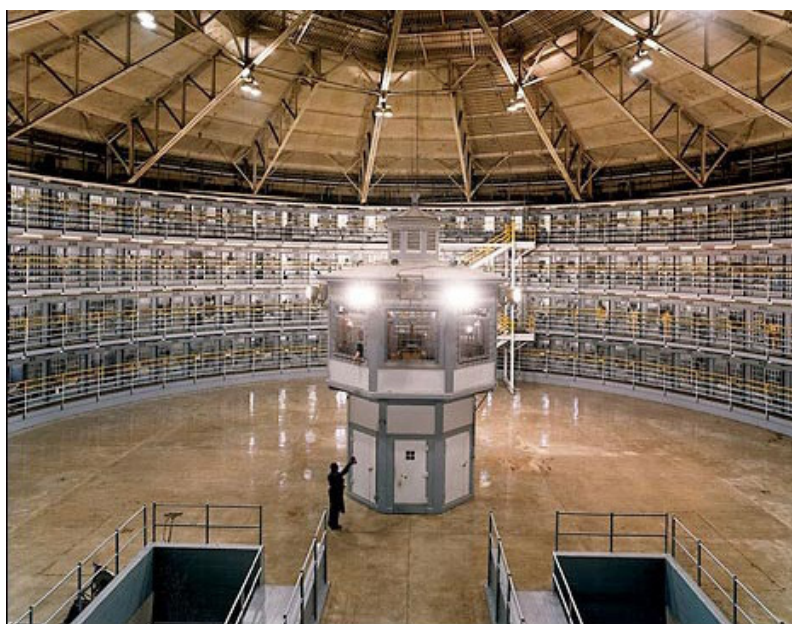


Figura 77 – Leventi, David - USA. Illinois, Stateville Prison. F house, 205

²⁰⁴ <http://prisonphotography.org/tag/david-leventi/>

²⁰⁵ Idem

I. RICHARD ROSS

O trabalho de David Leventi, anteriormente revisto, é considerado uma reminiscência do Projeto “Architecture of authority” de Richard Ross, também americano. Este fotógrafo leva-nos numa viagem por paralelismos impressionantes que se tornam evidentes em termos visuais, independentemente do seu significado e do manifesto inerente aos mesmos. A questão do poder é uma questão muito trabalhada neste Projeto, já que para Ross, estes edifícios representam manifestações de poder.

*“Architecture of Authority is a body of unsettling pictures of architectural spaces that exert power over the individuals within them. From a Montessori preschool to churches, mosques and diverse civic spaces including a Swedish courtroom, the Iraqi National Assembly hall and the United Nations. The images build to ever harsher manifestations of power: an interrogation room at Guantanamo, segregation cells at Abu Ghraib, and finally, a capital punishment death chamber.”*²⁰⁶

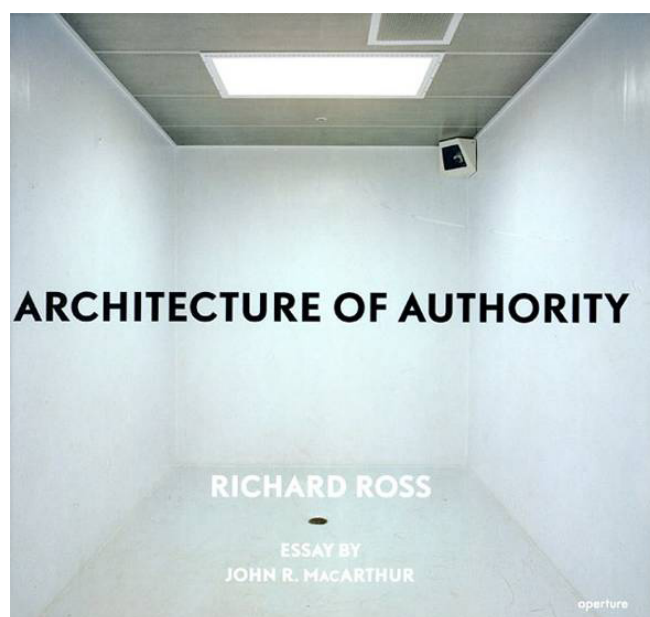


Figura 78 – Ross, Richard - Architecture of Authority | Published by Aperture Foundation 2007
207

²⁰⁶ <http://richardross.net/architecture-of-authority-c8ac7>

²⁰⁷ Idem



Figura 79 – Ross, Richard - Holding Cells, Joint Task Force | Guantanamo, Cuba, 2006
208

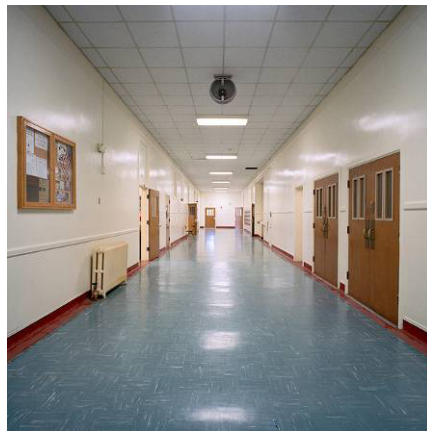


Figura 80 – Ross, Richard - Second-Floor Corridor, Santa Barbara High School | Santa Barbara, California, 2006
209



Figura 81 – Ross, Richard - Dormitory, mental institution | Havana, Cuba 2006
210

No seu projeto “Gathering light” somos também surpreendidos com semelhanças visuais entre edifícios com funcionalidades muito distintas, com destaque para o nome do Projeto

208 <http://richardross.net/architecture-of-authority-c8ac7>

209 Idem

210 Ibidem

que nos projeta para a importância da luz, que confere “alma” a um espaço. Sensações que encontramos num banho público em Istambul ou numa cela de uma penitenciária.



Figura 82 - Richard Ross - Bath | Istanbul, Turkey 1999
211



FIGURA 83 – Ross, Richard – “Gathering light” - Eastern State Penitentiary | Philadelphia, Pennsylvania, 1996
212

No seu projeto “Juvenile in justice”, Richard Ross, faz-nos sentir a agonia das celas individuais, o espaço vazio e a vigilância.

211 <http://richardross.net/architecture-of-authority-c8ac7>

212 <http://richardross.net/gathering-light-88191>



Figura 84 – Ross, Richard – From the book “Juvenile in Justice” - Published in 2012

Figura 85 – Idem

Figura 86 – Ibidem

213



Figura 87 – Ross, Richard - From the book “Juvenile in Justice” - Published in 2012

214

J. SUSANA GIRÓN

Tive a oportunidade de conhecer este projeto fotográfico (“La catedral del Don Quijote”) no Festival “Encontros da Imagem” em Braga (tema desta edição – Fé e esperança – Setembro de 2014. A surpresa deste projeto, para além do valor da fotografia em si, sendo um projeto com imagens admiráveis, reside na própria história por detrás da construção desta catedral.

A história de um agricultor espanhol, de 85 anos, residente numa pequena vila perto de Madrid que construiu durante cerca de 53 anos uma catedral, pelas suas próprias mãos, sem qualquer tipo de conhecimento técnico de arquitetura e/ou de construção civil.

213 <http://richardross.net/juvenile-in-justice>

214 Idem

Mais de 8.000 m2, 25 cúpulas, 40 metros de altura.

Um templo a Jesus Cristo.

“Quais são os limites do ser humano quando este encontra o poder da fé, entendida como a capacidade de acreditar firmemente que algo impossível pode acontecer. Usando uma linguagem mística, tento documentar a paixão transbordante de um homem extraordinário na sua aparente fragilidade.

Fotograficamente a luz revela a sua simplicidade e força, o retrato de um homem humilde que, impregnado da sua fé, desafia todas as leis da lógica e da imaginação. Tudo pode acontecer, se a nossa determinação para o conseguir for suficientemente forte. E TU TENS FÉ?”²¹⁵



Figura 88 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014
216



Figura 89 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014
217



Figura 90 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014
218

²¹⁵ Girón, Susana “La catedral del Don Quijote”, “Hope and Faith”, Encontros da imagem, Braga, 2014, pág. 58

²¹⁶ <http://www.bluephotoagency.com/cuando-la-pasion-se-desborda-justo-gallego.html>

²¹⁷ Idem

²¹⁸ Ibidem



Figura 91 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014
219



Figura 92 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014
220



Figura 93 – Girón, Susana, Mejorada del Campo, Madrid, 2010-2014
221

219 <http://www.lanacion.com.ar/1537517-la-catedral-de-don-quijote>

220 Idem

De início tomaram-no como um louco mas foi a terra banhada em lágrimas que lhe deu o barro para construir a sua catedral.

*“Este labrador, estudiante en un seminario conciliar, había enfermado gravemente de tuberculosis y, lo que era peor, la fiebre le cerraba definitivamente las puertas del sacerdocio. Y, de pronto, el hombre se detiene/ y se pone a llorar sobre la tierra. En el barro que formaron sus lágrimas, descubrió un camino y así, a los 36 años, decidió continuar su vocación católica y monástica consagrando su vida a la construcción del templo más hermoso jamás visto para honrar a Dios y a la Virgen.”*²²²

O Poder da resiliência e da fé... a escuridão e a luz. A arquitetura religiosa e a arquitetura prisional. A reclusão. A reconstrução. Da escuridão à luz. Este projeto de Susana Girón é uma outra metáfora imagética para estes conceitos e a temática aqui trabalhada.

Uma metáfora ao jeito de lenda, de mito.

A catedral contudo é real, podendo ser vista, acreditada e contemplada, fazendo-nos acreditar naquilo em que não acreditamos. Uma prova das capacidades transcendentais do ser humano.

K. STEVE DAVIS

Colaboração entre o fotógrafo Steve Davis e as reclusas do Estabelecimento Prisional “Remann Hall Juvenile: Detention Center, Tacima (Washington – US).



Figura 94 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002
223

Este projeto resulta de uma ideia de Steve David realizada com a colaboração de reclusas de Washington e traz-nos uma metamorfose autorretratada por reclusas através de câmaras pinhole.

²²¹ Ibidem

²²² <http://www.lanacion.com.ar/1537517-la-catedral-de-don-quijote>

²²³ <http://prisonphotography.org/tag/pinhole-photography/>

O facto das fotografias serem tiradas pelas próprias dá-nos uma visão mais pura do processo de compreensão e integração da sua própria experiência de reclusão, sem um elemento externo parcial a julgar esse processo pela sua própria perspectiva.

O processo fotográfico pinhole introduz-nos também mais-valias no que diz respeito à análise semiótica da técnica, já que não só temos um paralelismo entre as longas exposições e os tempos de reclusão, como temos a questão da profundidade de campo e de foco, com as quais podemos eventualmente entender as dicotomias foco-desfoque; luz-escuridão; compreensão-incompreensão; reclusão-liberdade; etc....

A isso acresceremos ainda outro elemento, o elemento do arrasto dos corpos e das faces que se “desmancham” em manchas sem forma... uma metamorfose do corpo e da alma.

*“Davis was forced to think of the camera as a tool for different ends, essentially rehabilitative ends. For legal reasons and the protection of minors, Davis and his female students were not allowed to photograph each others faces. It became an exercise in performance as much as photography.”*²²⁴



Figura 95 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002

Figura 96 – Idem
225



Figura 97 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002 - 226

²²⁴ <http://prisonphotography.org/tag/pinhole-photography/>
²²⁵ Idem

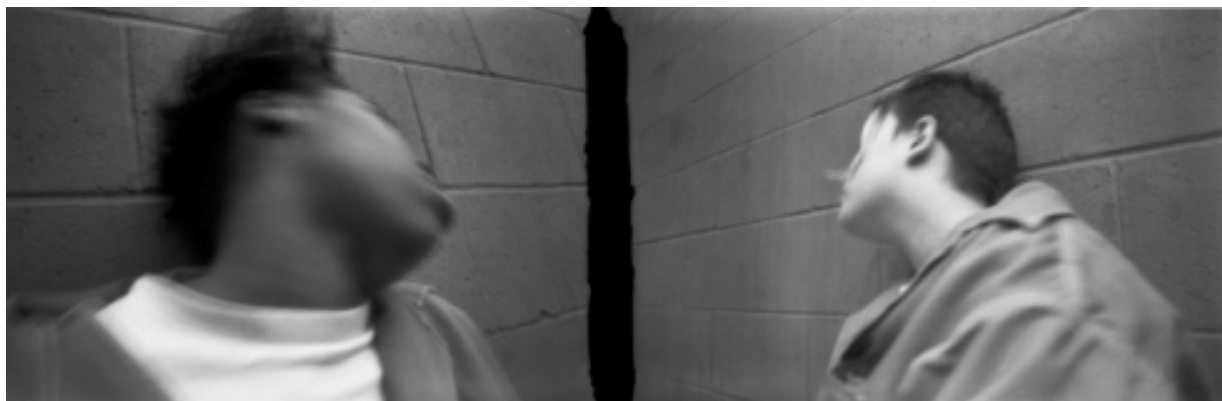


Figura 98 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State,
2002
227



Figura 99 - Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State,
2002
228



Figura 100 – Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State,
2002

Figura 101 - Idem
229

226 <http://prisonphotography.org/tag/pinhole-photography/>

227 Idem

228 Ibidem

*“Why the frequent use of the fetal position? Why did the girls choose this vulnerable pose to represent themselves? Was it on advice? Was it mimicry? Was it part of a role they view for themselves? Why don’t they stand? Emotionally, what do they own?”*²³⁰.

A posição fetal tem grande destaque nas imagens aqui apresentadas, ainda que fique a questão; terão sido aconselhadas para isso? Serão personagens que vestem? Quanto do que sentem é consciente e compreendido pelas próprias?



Figura 102 - Davis, Steve - Pinhole Photography by Incarcerated Girls at Remann Hall, Washington State, 2002
231

L. CANDIDA HÖFER

Nasceu na Alemanha na década de 40. Foi aluna de Bernd and Hilla Becher e colega de estudos de Andreas Gursky. O seu trabalho é especialmente reconhecido pela sua riqueza semiótica e pelo seu perfeccionismo técnico, analogamente ao que acontece com Gursky. Tendo um gosto especial por espaços públicos, aí debruçou grande parte do seu trabalho; bibliotecas, palácios, museus, teatros, universidades, entre outros.

*“The large format that characterizes Höfer’s photographs of public places, the absence of people, and the angle from which she composes them, invite the viewer “to enter” the rooms and observe.”*²³²

²²⁹ Ibidem

²³⁰ <http://prisonphotography.org/tag/pinhole-photography/>

²³¹ Idem

O seu interesse recai sobre a geometria, a simetria, a elegância, o design... levando-nos contudo ao encontro do vazio espiritual na imensidão de alguns espaços, como é o caso de algumas das suas fotografias em bibliotecas.

*“Filled with a sense of plenitude, the beholder sweeps their eyes over the vast interiors like some special visitor let in after closing time, sensing the peculiar spirit of places that are for the most part enwrapped in silence.”*²³³

Hofer explorou a psicologia do arquitetura social, apresentando o seu trabalho em grande formato. Para alguns, Hofer explorou a arquitetura da ausência.

Curiosamente o trabalho que melhor o demonstra é a série do Jardim zoológico no qual ela consegue demonstrar como os animais ficam absolutamente perdidos neste mundo “humano”.²³⁴

O zoológico é aqui explorado como um artifício, uma prisão humana aplicada aos animais.



Figura 103 – Höfer, Candida – Biblioteca do Convento de Mafra, 2006

235

232 <http://greenneonlight.blogspot.pt/2009/11/candida-hofer.html>

233 Couturier, Élisabeth Couturier “Talk about contemporary photography”, Flammarion, 2012, pág. 208

234 http://www.artspace.com/candida_hofer

235 <http://greenneonlight.blogspot.pt/2009/11/candida-hofer.html>



Figura 104 – Höfer, Candida – Teatro La Fenice di Venezia, Rome 2011-2013
236

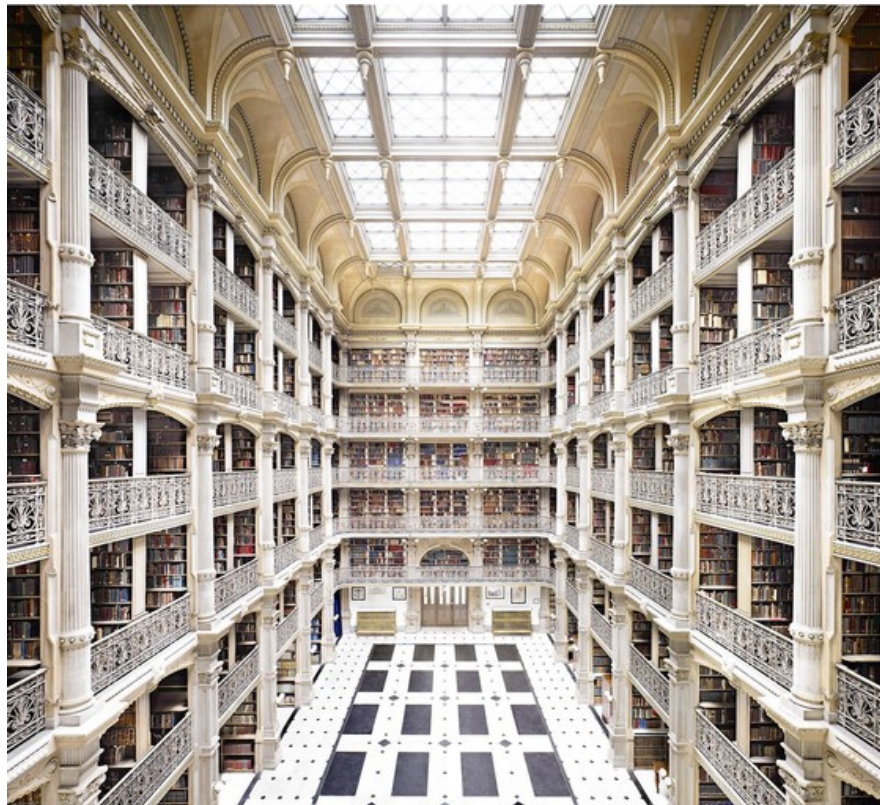


Figura 105 – Höfer, Candida - George Peabody Library of Baltimore, 2010
237

236 <http://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2013/feb/07/candida-hofer-photography>

237 http://articles.baltimoresun.com/2011-11-19/entertainment/bs-ae-hofer-photos-20111119_1_baltimore-museum-buildings-winston-tabb



Figura 106 – Höfer, Candida - Zoologischer Gärten, Hannover II, (data não referida)
238



Figura 107 – Höfer, Candida - Zoologischer Gärten, Hamburg I, 1990
239



Figura 108 – Höfer, Zoologischer Gärten, Madrid I, 1995
240

238 <http://www.lomography.com/magazine/lifestyle/2012/02/05/to-the-zoo-with-candida-hfer>

239 <http://www.kaput.gr/en/04/the-tropics-views-from-the-middle-of-the-globe/>

240 <http://www.lomography.com/magazine/lifestyle/2012/02/05/to-the-zoo-with-candida-hfer>

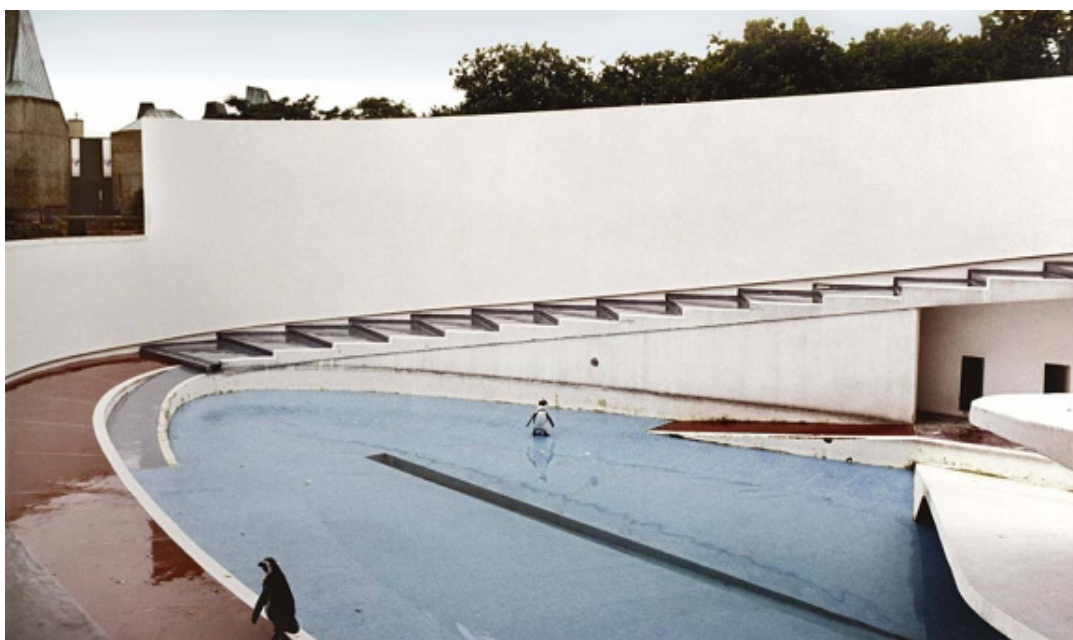


Figura 109 – Höfer, Candida - Zoologischer Gärten London, 1992
241



Figura 110 - Candida Höfer, Zoologischer Gärten Paris II
242

241 Idem
242 Ibidem

VIII.O TEMPO E A LUZ

A. CAMERA OBSCURA

O nome vem do latim e significa “*darkened room*”, ou em português “quarto escuro”.

"Who would believe that so small a space could contain the image of all the universe? O mighty process! What talent can avail to penetrate a nature such as these? What tongue will it be that can unfold so great a wonder? Verily, none! This it is that guides the human discourse to the considering of divine things. Here the figures, here the colors, here all the images of every part of the universe are contracted to a point. O what a point is so marvelous!"

Leonardo Da Vinci's comments on the "Camera Obscura" (Dark Room), or what we today call the pinhole camera.

from The Amateur Photographer's Handbook

by Aaron Sussman

243

A partir de um ponto de entrada de luz, acedemos ao mundo inteiro. Um fenómeno óptico mágico e curioso que encerra em si múltiplas interpretações.

*“The camera obscura is an optical phenomenon simple to create and hard to believe”*²⁴⁴

Com isso o mundo exterior é projetado virado ao contrário. O resultado é profundo e primitivo.²⁴⁵

*“Go into a very dark room on a bright day. Make a small hole in a window cover and look at the opposite wall. What do you see? Magic! There in full color and movement will be the world outside the window — upside down! This magic is explained by a simple law of the physical world. Light travels in a straight line and when some of the rays reflected from a bright subject pass through a small hole in thin material they do not scatter but cross and reform as an upside down image on a flat surface held parallel to the hole. This law of optics was known in ancient times.”*²⁴⁶

²⁴³ <http://users.rcn.com/stewoody/quote.htm>

²⁴⁴ http://vk.com/video5130942_169349523

²⁴⁵ Idem

²⁴⁶ <http://brightbytes.com/cosite/what.html>

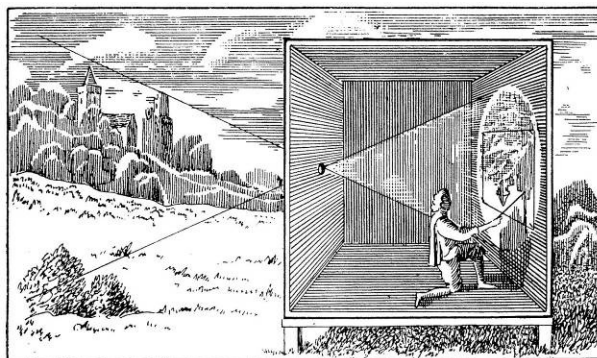


Figura 111 – Autor desconhecido, representação de uma câmara escura
247

A câmara escura foi o início de tudo no que diz respeito à fotografia, é a explicação do fenómeno ótico por detrás das câmaras fotográficas de hoje.

Os primeiros estudos dedicados a este fenómeno são atribuídos a Aristóteles, no Século IV A.C. Ainda que alguns atribuam as primeiras experiências a um filósofo chinês chamado Mo-Ti (Séc. V A.C.). 248

*“Sentado sob uma árvore, Aristóteles observou a imagem do sol, durante um eclipse parcial, projetando-se no solo em forma de meia-lua quando seus raios passaram por um pequeno orifício entre as folhas. Observou também que quanto menor fosse o orifício, mais nítida era a imagem.”*249

Esta técnica foi muito utilizada por pintores para melhor reproduzirem a realidade, já que desta forma obtinham uma cópia da realidade projetada numa parede de forma fidedigna. O primeiro aparelho utilizado com base neste fenómeno foi criado no Séc. VI por Antémio de Tales. 250

247 <http://garatujafotografia.blogspot.pt/2013/07/camara-escura-o-inicio-de-tudo.html>

248 <http://brightbytes.com/cosite/what.html>

249 http://wwwbr.kodak.com/BR/pt/consumer/fotografia_digital_classica/para_uma_boa_foto/historia_fotografia/historia_da_fotografia02.shtml?primeiro=1

250 http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mera_escura

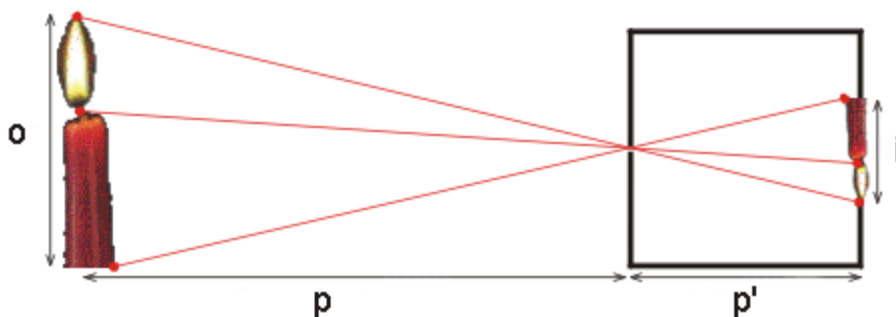


Figura 112 – Explicação da fórmula que traduz o fenómeno da câmara escura
251

“Desta forma, a partir de uma semelhança geométrica pode-se expressar a seguinte equação:

(Equação 1)

$$\frac{o}{i} = \frac{p}{p'}$$

*Sendo esta conhecida como a Equação da câmara escura.”*²⁵²

Quanto menor é o orifício, melhor a nitidez da imagem. A criação de lentes em 1550 pelo físico Girolamo Cardano potenciou o efeito de refração do vidro.

De seguida terão sido introduzidas as lentes que permitiam um potenciamento da luz e da nitidez – profundidade de campo da imagem, através da questão da abertura do diafragma, mecanismo que foi evoluindo e sendo melhorado até aos dias de hoje.

*“By the beginning of the 19th century the camera obscura was ready with little or no modification to accept a sheet of light sensitive material to become the photographic camera.”*²⁵³



Figura 113 – Figura representativa da forma como os pintores recorriam à câmara escura enquanto ferramenta de trabalho
254

251 <http://www.sofisica.com.br/conteudos/Otica/Fundamentos/camaraescura.php>

252 Idem

253 <http://brightbytes.com/cosite/what.html>

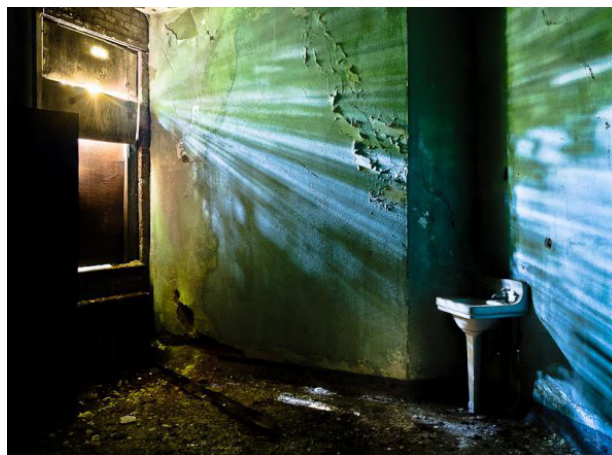


Figura 114 – Autor desconhecido, (A hole in one of the boards casts the inverse image of a tree outside across a peeling sanatorium wall)

255

“Na alegoria da caverna” (Excerto do livro – a República) de Platão, estamos perante uma “camera obscura” gigante em forma de caverna que ilude... uma camera obscura que apenas produz de sombras... Apenas os “filósofos” que refletem sobre a questão se apercebem de que as sombras são ilusões, aparências e ignorância a que o ser humano se apegue, deturpando a realidade.

Esta metáfora remete para um possível estado de cegueira da humanidade permitindo uma libertação através da consciência da escuridão. A ilusão é substituída pela verdade que liberta e eleva. Ainda que inicialmente ofuscado, o homem permite que a luz vá entrando e elevando o seu espírito através do conhecimento e da compreensão.

A caverna e a escuridão assumem-se como uma possibilidade de consciencialização do ser e do seu potencial.

Só quando libertado é que o homem se consciencializa.

“O mundo de sonhos que os prisioneiros contemplam na parede da caverna não é um mero “reflexo” do mundo de luzes que brilha lá fora, prossegue: “antes, é um mundo aparte, construído, codificado, forjado pela vontade de seus maquinadores.” Machado, Arlindo 256

Neste projeto, a reclusão é uma “camera obscura”, cujas características permitem uma elevação ao ser humano, tal como tem vindo a ser sugerido ao longo do projeto. Certas características deste processo são de destacar de forma a enfatizar esta associação.

O tempo de exposição é fundamental ao processo fotográfico, sendo que quanto maior o tempo de exposição, maior a entrada de luz. Ora, em reclusão, um ser humano pode ter uma pena maior ou

254 <http://photography.tutsplus.com/articles/a-history-of-photography-part-1-the-beginning--photo-1908>

255 <http://substreet.org/hazelwood/camera-obscura-iso-200/>

256 http://www.todasasmusas.org/07Rosemari_Sarmiento.pdf

mais pequena, sendo que se maior, maior a possibilidade de elevação. Por vezes, devido a este elevado tempo de exposição, as imagens que captam movimento ficam tremidas e desfocadas, mostrando a perda da forma, como que desfazendo-se, sem rosto e sem corpo... como uma metamorfose do corpo e da alma, uma alteração da identidade, um regresso ao “eu original” sem máscaras, sem ilusões.

A profundidade de campo aumenta com a redução do tamanho do orifício por onde entra a luz. Assim como uma pessoa angustiada que vai deixando entrar a esperança num futuro... a luz vai entrando devagar mas vai ajudando a focar num futuro com uma “forma” definida.

B. PINHOLE

Uma pinhole é uma câmara escura, podendo a mesma ser portátil ou não, que não recorre a elementos óticos. No caso de um mecanismo portátil, o orifício (estenopo) deverá ser do tamanho de um alfinete ou menor ainda se isso for exequível. O seu nome significa “buraco de alfinete” e corresponde ao tamanho do orifício, quanto mais reduzido melhor, porque isso potenciará a capacidade de foco (influenciando a profundidade de campo).

Também se pode denominar este processo fotográfico de fotografia estenopeica.

Podemos criar uma pinhole com uma caixa de sapatos, com uma lata de sardinhas ou com qualquer outra caixa, desde que consigamos vedar a luz por completo e que perfuremos um micro orifício que permita uma minúscula entrada de luz.

A pinhole pode ser feita de acordo com processos analógicos ou processos digitais, sendo que neste caso, bastará retirarmos a objetiva e vedarmos a entrada do corpo da câmara. São inúmeros os processos e as técnicas artesanais de criar uma pinhole para ajustar numa câmara digital.

No caso do formato analógico, o material sensível à luz (filme ou papel fotográfico) é colocado na câmara escura do lado oposto ao pequeno orifício.

*“A pinhole camera, also known as camera obscura, or “dark chamber”, is a simple optical imaging device in the shape of a closed box or chamber. In one of its sides is a small hole which, via the rectilinear propagation of light, creates an image of the outside space on the opposite side of the box.”*²⁵⁷

²⁵⁷ <http://www.pinhole.cz/en/pinholecameras/whatis.html>

Devido à especificidade deste processo, os raios de luz demoram muito mais tempo a chegar aos cantos da imagem (negativo, sensor, papel), criando-se uma vinhetagem muito vincada, com uma imagem iluminada de forma muito mais intensa ao centro.

“The pinhole camera takes in an extremely wide angle. The rays of light, however, take much longer to reach the edges of the negative than the centre, thus the picture is less exposed along the edges and therefore darkens.” 258

*“De um modo mais ou menos confuso, lembramos que ‘Deus criou o homem à sua imagem’. Esse termo, imagem, aqui fundador, deixa de evocar uma representação visual para evocar uma semelhança. O homem-imagem de uma perfeição absoluta para a cultura judaico-cristã une o mundo visível de Platão, sombra, imagem do mundo ideal e inteligível, aos fundamentos da filosofia ocidental. Do mito da caverna à Bíblia, aprendemos que nós mesmos somos imagens”*259

Aqui o homem criado à imagem e semelhança de Deus, como um ser imagético por natureza, num eterno processo de cocriação...

*“A interdição apresentada na Bíblia de fabricar imagens (...) (3.º mandamento) designava a imagem como estátua e como deus. Uma religião monoteísta deveria portanto combater as imagens, isto é, os outros deuses.”*260

A imagem é poderosa enquanto criadora de mensagens, capaz até de criar “novos deuses”, em toda a amplitude em que possamos entender este conceito. Pode (re)criar-se a si próprio.

*“Entretanto, um dos sentidos de imago, em latim, etimologia da nossa palavra imagem, designa a máscara mortuária levada nos funerais na antiguidade romana. Esta acepção liga a imagem, que pode ser também o espectro ou a alma do falecido, não apenas à morte mas também a toda a história da arte e dos ritos funerários.”*261

Uma dupla faceta e um duplo poder, ora afasta e ilude, ora aproxima e elucida. Assim é o poder da imagem desde os primórdios da história da Humanidade.

258 <http://www.pinhole.cz/en/pinholecameras/whatis.html>

259 <http://pt.scribd.com/doc/16343510/Introducao-a-Analise-da-Imagem-Martine-Joly>

260 Idem

261 Ibidem

Tudo começa numa imagem mental (aqui podem introduzir-se os sonhos também) e a imagem mental nunca é exatamente igual ao real.

*“A imagem, na língua, é o nome comum dado à metáfora. A metáfora é a figura de retórica mais utilizada, mais conhecida e mais estudada, aquela a que o dicionário atribui como sinónimo imagem. Aquilo que sabemos da metáfora verbal ou do falar por imagens é que consiste em empregar uma palavra por outra, em função da sua relação analógica ou de comparação.”*²⁶²

Toda a imagem é perigosa, sendo vista até como um sacrilégio.

*“Querer ‘fixar efêmeras imagens de espelho não é somente uma impossibilidade (...), mas um projeto sacrílego. O homem foi feito à semelhança de Deus, e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhum mecanismo humano, no máximo o próprio artista divino, movido por uma inspiração celeste, poderia atrever-se a reproduzir esses traços ao mesmo tempo divinos e humanos.”*²⁶³

²⁶² <http://pt.scribd.com/doc/16343510/Introducao-a-Analise-da-Imagem-Martine-Joly>

²⁶³ http://www.todasasmusas.org/07Rosemari_Sarmento.pdf

IX. RELATÓRIOS TÉCNICOS

A. HIGH DYNAMIC RANGE E PANORÂMICAS – AUMENTO DA AMPLITUDE DE UMA IMAGEM

Os panoramas e as imagens HDR (high dynamic range – alta gama dinâmica) permitem-nos obter imagens com muito mais informação do que a informação que obtemos com uma só imagem, quer através da gama dinâmica no caso do HDR (accedendo a informação em todas zonas da imagem que de outra forma estariam perdidas – detalhe e luminosidade), quer através da possibilidade de ampliação da informação existente num panorama, obtido através da união de imagens que culminam numa imagem mais ampla e sobretudo com elementos que de outra forma não conseguiríamos ter presentes numa só imagem. Tanto através de uma técnica como da outra, aumentamos a amplitude da imagem final, ainda que de forma diferente, numa, a amplitude da gama dinâmica de luminosidade e detalhe disponível para cada zona da imagem (desde a zona mais clara à zona mais escura da mesma -HDR) e noutra, a amplitude geográfica e a possibilidade de magnificação da mesma (Panorama).

Pode-se dizer que a execução de um panorama multiplica os pontos de vista existentes numa mesma imagem, sendo esta técnica por vezes apelidada de *"wide format photography"*, o que significará fotografia de "amplo formato", até porque, devido à quantidade de informação e detalhe que conseguimos obter numa imagem destas, nos será possível fazer uma grande ampliação da mesma com qualidade superior à conseguida com uma imagem única.

1. HIGH DYNAMIC RANGE (HDR)

"HDR stands for High Dynamic Range. For those who aren't so acquainted with this high-tech shutterbug lingo, dynamic range is basically just the difference between the lightest light and darkest dark you can capture in a photo. Once your subject exceeds the camera's dynamic range, the highlights tend to wash out to white, or the darks simply become big black blobs. It's notoriously difficult to snap a photo that captures both ends of this spectrum, but with modern shooting techniques and advanced post-processing software,

photographers have devised ways to make it happen. This is basically what HDR is: a specific style of photo with an unusually high dynamic range that couldn't otherwise be achieved in a single photograph."²⁶⁴

O HDR é uma técnica de fotografia digital que permite ao fotógrafo alargar a gama dinâmica da imagem tornando possível a leitura de zonas da imagem que em virtude do elevado contraste perderiam informação. Sem esta técnica, o fotógrafo teria de escolher entre salvar as zonas mais claras ou as zonas mais escuras da imagem porque utilizando apenas uma exposição, não conseguirá ter a imagem com informação e a luz correta em todas as zonas da imagem.

Isso permite-nos aceder também a um maior detalhe em cada uma das zonas da imagem, assim como uma maior gama tonal (cromática). Ao sobrepor as imagens com diferentes exposições obtemos o máximo de informação disponível para cada uma das zonas da imagem. As imagens em HDR deverão ser efetuadas de forma a que o resultado final seja natural e quase imperceptível. O objetivo primordial é o de ajudar o fotógrafo a resolver problemas de fotometria em situações em que temos zonas de luminosidade muito distintas e com elevado contraste e nas quais nos seria impossível obter uma fotometria correta numa captura única sem perda de informação relevante.

a) CAPTURA

Algumas questões que tive em conta no processo de captura:

- O uso de tripé foi imprescindível já que tentar efetuar um HDR sem tripé seria desastroso. As imagens têm de ficar exatamente iguais para serem sobrepostas, tendo de haver coincidência total.
- A abertura de diafragma foi fixa, já que a única coisa que se deve alterar em cada uma das imagens é a velocidade (= tempo de exposição). Desta forma, não há alterações ao nível da profundidade de campo de uma imagem para a outra o que impossibilitaria a correta fusão das imagens.

²⁶⁴ <http://www.digitaltrends.com/photography/what-is-hdr-beginners-guide-to-high-dynamic-range-photography/#ixzz3HwyfSv50>

- Escolhi uma sensibilidade ISO de valor baixo para evitar ruído digital nas imagens finais.
- As imagens foram todas captadas em Raw (mantendo apenas ficheiros JPEG em formato pequeno por uma questão de organização). O formato JPEG só trabalha com 8 Bits (sendo um ficheiro comprimido) apresentando valores insuficientes para expandir a gama dinâmica.
- Não utilizei aberturas de diafragma grandes de forma a não comprometer a profundidade de campo, já que nos corredores, a extensão é longa e é necessário termos nitidez em toda a imagem.
- Realizei sempre pelo menos 3 exposições distintas, sendo que nalguns casos efetuei mais até a um limite de 8 exposições para contextos de luminosidade em que havia zonas com uma luminosidade muito discrepante (alto contraste).
- Tentei garantir detalhe nas altas luzes e nas zonas de sombras e como tal, mantive-me atenta ao histograma.
- Regulei-me pelo histograma, de forma a obter informação nas zonas mais escuras e nas zonas mais claras da imagem.
- Realizei as imagens com pelo menos 1/2 stop de diferença de uma imagem para outra, sendo que nalguns casos utilizei diferenças superiores (de 1 a 2 stops inteiros – dependendo do contexto).

b) PROBLEMAS ENCONTRADOS E RESPECTIVAS SOLUÇÕES

Na tabela seguinte, encontram-se descritos alguns erros efetuados na realização da técnica de HDR e possíveis soluções:

ERROS	RESULTADOS	SOLUÇÕES
Não captar exposições suficientes para obtermos imagens com o histograma totalmente encostado às altas luzes e às zonas de sombra	HDR final aquém das expectativas e das possibilidades em que não conseguimos resolver por completo a perda de informação numa das zonas referidas	Deveremos assegurar que teremos as exposições necessárias com informação em todas as zonas da imagem (especialmente nas altas luzes e nas zonas de sombras)
Saturação de cor excessiva	Imagem demasiado artificial	Retirar saturação de cor em pós-produção para a tornar mais "real"

Tabela 1 - Problemas encontrados na realização da técnica HDR's e respectivas soluções e/ou decisões

c) PÓS-PRODUÇÃO

- Através do Adobe Bridge (também é exequível diretamente no Photoshop) deveremos selecionar os ficheiros a utilizar para criar o nosso HDR e abri-los no Camera "Raw".
- As imagens (no seu formato original) deverão ser reveladas no "camera raw" todas por igual (sincronização de ficheiros), depois de verificarmos que os parâmetros estão a zeros.
- Através do Adobe Bridge e depois de reveladas as imagens de forma sincronizada, deveremos seguir os seguintes passos: Tools »» Photoshop »» Merge to HDR Pro.
- Caso optemos por usar diretamente o Photoshop, o caminho será: File »» Automate »» Merge to HDR Pro.
- Deveremos escolher os ficheiros com as várias exposições que captámos para a criação do HDR e permitir ao software a fusão dos ficheiros.

- Aparecer-nos-á um novo menu (pop-up) com diversas opções de edição no qual nos é possível visualizar também os ficheiros que foram utilizados para a sobreposição.
- Dessa forma e nalguns casos, era mais fácil desseleccionar algum (alguns deles), se me parecia que o resultado final não estava a ficar de acordo com o pretendido. Ou seja, mesmo tendo efetuado 6 exposições diferentes para um dos HDR's poderia chegar à conclusão que esse HDR específico ficava melhor apenas com 4 dessas exposições, retirando as outras duas do processo de fusão.
- No Menu "Curve" deve-se criar uma curva na qual se deve reconhecer a forma de um "S" ainda que suave.
- No Menu "Advanced" temos um submenu denominado "Tone and detail" que será a zona a evitar, isto porque é aqui que a maioria dos fotógrafos e "não fotógrafos" confere um estilo surrealista e artificial aos HDR's, exagerando nas tonalidades e no detalhe de toda a imagem.
- O ficheiro deve ser trabalhado a 16 Bits, caso a imagem esteja com 32 Bits, o Menu mais completo não é visualizado e não teremos essas opções de edição. Deveremos também trabalhar a imagem na opção "Local Adaption".
- Podemos optar por fazer ligeiros ajustes na luz e na cor aqui ou posteriormente no ficheiro final em Photoshop.

2. PANORÂMICAS

Pode-se dizer que a execução de um panorama multiplica os pontos de vista existentes numa mesma imagem, sendo esta técnica por vezes apelidada de "*wide format photography*", o que significará fotografia de "amplo formato", até porque, devido à quantidade de informação e detalhe que conseguimos obter numa imagem destas, nos será possível fazer uma grande ampliação da mesma com muita qualidade.

Os panoramas resultaram da necessidade de fazer imagens gerais de uma cidade ou paisagem. Nos seus primórdios, os panoramas eram feitos com colagem de imagens em processos fotográficos e laboratoriais muito rudimentares. Todavia, dada a evolução do equipamento fotográfico e dos softwares de Pós-Produção, já nos é possível executar panoramas de forma mais simples, eficaz e até impercetível.



Figura 115 – Barnard, George - View from the top of Lookout Mountain, Tennessee, Albumen prints, 1864

265

Atualmente, o fotógrafo pode recorrer no momento da captura a equipamento especializado como: tripés de grande estabilidade com cabeça panorâmica ou câmaras de rotação panorâmica. Pode também recorrer a opções técnicas no momento da captura que potenciarão a produção de um panorama mais perfeito, de maior qualidade técnica e artística e com a menor distorção possível. Os softwares de pós-produção atuais também são bastante evoluídos (existindo vários softwares disponíveis para a execução dos mesmos) já que, no momento da "colagem" das imagens reconhecem automaticamente os pontos de referência principais (através da identificação de pixéis gêmeos) e permitem efetuar as devidas correções finais adequadas à correta execução desta técnica. Claro está, que, caso o panorama seja corretamente produzido, quanto mais imagens tivermos para a sua execução mais informação, resolução e detalhe obtemos na imagem final, o que permitirá resultados finais inacreditáveis.

Um panorama efetuado com uma objetiva de maior distância focal gerará um panorama (mosaico) muito maior e com mais informação, sendo obviamente um ficheiro muito mais pesado (que posteriormente pode ser comprimido).

Um bom panorama tornar-se-á impercetível à primeira vista, até porque podemos optar por cortar a imagem na proporção normal, sem ratios desproporcionais como 1:20 e outros idênticos que se generalizaram, associados muitas vezes a imagens amadoras.

Em suma, o panorama resulta da união de múltiplas imagens, nas quais existe sobreposição de pontos de vista (cada imagem deve ter zonas de interseção com as anteriores em pelo menos 30% da imagem, sendo que no caso de imagens ao centro do panorama, estas

265 http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Panoramic_from_Lookout_Mountain_Tenn.,_1864.jpg#metadata

devem conter interseções com todas as imagens em seu redor), sempre que possível, sem erros de paralaxe (resultante dos diferentes pontos de vista de um mesmo objeto/motivo).

a) CAPTURA

No processo de captura para a produção de um panorama deveremos ter em atenção alguns procedimentos fundamentais que farão a diferença em termos de resultado final, nomeadamente:

- Escolher o posicionamento ideal.
- Montar o tripé, sempre que possível numa zona plana. Preferencialmente deverá ser utilizado um tripé de cabeça panorâmica o que também permitirá a câmara (eixo da objetiva) gire o mais próximo possível do centro nodal (ponto de convergência de raios em que obtemos o mínimo de distorção possível).
- Acoplar a objetiva que consideramos adequada (de preferência uma objetiva fixa com uma distância focal relativamente grande para evitar distorções e para nos fornecer bastante detalhe quando fazemos zoom à imagem. (exemplo: objetiva fixa de 100mm)
- Colocar o foco da câmara em modo manual
- Definir o formato de imagem para RAW.
- De forma a controlarmos a correta calibração do balanço de brancos optar por escolher um programa pré-definido da câmara ao nível do balanço de brancos que se ajuste à luz que identificamos a olho nu (exemplos: daylight / cloudy /...). Estes parâmetros podem ser reajustados ou retificados em Pós-produção aquando da revelação das imagens em bruto no software "Camera Raw" (parte integrante do Adobe Photoshop).
- De salientar que antes do processo de captura das imagens deveremos também fazer várias fotografias a fim de testar quer o foco (e abertura de diafragma adequada), quer a fotometria para que não percamos informação nas zonas das altas luzes e nas zonas de sombra.

- Tendo em conta a imagem final que pretendemos obter, deveremos testar o foco e a distância focal adequada para obtermos o máximo de profundidade de campo possível (testando o foco na zona da distância hiperfocal).
- Deveremos ter em atenção que os parâmetros da câmara deverão ficar iguais em todas as fotografias que usaremos para compor o panorama, caso contrário, surgirão problemas na altura da união das mesmas.
- O ISO, caso possível, deverá ser reduzido, de forma a obtermos o mínimo de ruído possível e maior nitidez.
- O diafragma deverá estar relativamente fechado de forma a obtermos bastante profundidade de campo, todavia, não totalmente, já que dessa forma nos afastamos do "sweet spot" da objetiva começando a perder alguma qualidade na imagem (entre o f/11 e o f/16 seria uma boa opção).
- A velocidade de obturação deverá ser escolhida em função da fotometria correta e da opção do ponto anterior, já que neste caso será o último parâmetro a ser definido.
- Deveremos utilizar o temporizador para não termos de ser nós a manobrar a câmara no momento da captura, desta forma, a estabilidade da câmara será superior.
- Deveremos efetuar uma medição de luz pontual (em várias zonas de luminosidade) para esse contexto.
- A captura deverá começar por um dos extremos (cantos) da imagem que desejamos realizar. Deveremos sempre criar sobreposições superiores a 30% da imagem (com as imagens anteriores, quer na horizontal quer na vertical) mas podemos ter percentagens de sobreposição superiores. Quanto mais informação se incluir na captura, melhor correrá o processo de colagem das imagens.
- Deveremos escolher pontos de referência para nos ajudar a definir a zona de interseção e não ficarmos com lacunas na imagem final.
- Durante a captura não deveremos ajustar nem o foco, nem qualquer outro parâmetro inicialmente escolhido.
- Deveremos executar um "varrimento" fotográfico por ordem.

Para o caso específico das panorâmicas de 360° realizadas, optei por fotografar apenas uma linha horizontal, dado que o que fazia sentido neste projeto era uma panorâmica

que criasse o efeito de labirinto e que exacerbasse a questão da vigilância. Assim sendo e tendo em conta que, tanto na panorâmica 1 como na panorâmica 2, acima e abaixo das portas e janelas, a informação desaparece e deixa de ser interessante, optei por me focar apenas numa linha horizontal, ainda que estendendo o ângulo a 360°.

Antes de iniciar o movimento rotativo do tripé, efetuei testes de exposição, tentando encontrar uma medição correta para a zona das altas luzes e outra para a zona mais escura da imagem, optando por um valor entre as duas para a realização de toda a panorâmica.

Realizei duas panorâmicas de 360°, sendo que em ambos os casos houve falhas técnicas das quais só me apercebi no processo de Pós-produção.

Como os erros são uma etapa muito importante do processo de aprendizagem, passo a descrevê-los, assim como à sua resolução em projetos e desafios futuros que impliquem a realização de uma panorâmica:

*** Panorâmica realizada na torre central do 1º andar

- A imagem ficou cortada, tendo-me obrigado a reduzir um dos 8 corredores. Isto aconteceu porque não terminei em cima da zona onde iniciei o “varrimento”. Como uma panorâmica de 360° já por si causa distorção, o pouco desse corredor que capturei acabou por ter de ser “cropado” em Pós-Produção porque não havia forma de “reconstruí-lo” (Informação insuficiente). Por esta razão, é sempre preferível realizar panorâmicas com mais linhas horizontais e terminando após o ponto onde demos iniciação à rotação. Desta forma, teremos mais margem para correção da distorção e “crop”.

*** Panorâmica realizada na torre central no piso inferior

- Esta imagem consta nos ficheiros entregues, todavia, não será utilizada no Projeto Final, já que o resultado final não foi satisfatório. Isso aconteceu porque para além de não ter utilizado cabeça de tripé panorâmica, o espaço era exíguo e octogonal. Não tendo efetuado correção no ângulo da câmara à medida que ia

capturando as fotos, a distorção criada foi superior. Numa panorâmica de 360° é normal haver muita distorção, sendo este contexto um motivo repleto de linhas e grafismo, essa distorção torna-se mais evidente e menos tolerável.

b) PÓS-PRODUÇÃO

- Através do Adobe Bridge deveremos selecionar os ficheiros que deverão integrar o panorama e abri-los no Camera "Raw".
- As imagens (no seu formato original) deverão ser reveladas no "camera raw" todas por igual (sincronização de ficheiros), depois de verificarmos que os parâmetros estão a zeros.
- Esta sincronização pode ser efetuada utilizando o perfil de cor caso tenha sido criado (não foi o caso).
- Podemos diminuir a resolução da imagem para que o computador processe o panorama mais rapidamente, especialmente se não estivermos a processar a imagem final (podemos estar apenas a verificar se o panorama efetuado com essas imagens nos apresenta uma boa imagem final). Essa alteração pode ser feita na barra inferior do camera raw (ao clickarmos, abrimos esta caixa que nos aparece no print screen abaixo). Sempre que possível devemos tentar processar o panorama final na sua resolução total.
- Através do Adobe Bridge e depois de reveladas as imagens de forma sincronizada, deveremos selecionar as imagens e seguir os seguintes passos: Tools »» Photoshop »» Photomerge.
- Caso optemos por usar diretamente o Photoshop, o caminho será: File »» Automate »» Photomerge
- Escolhemos e fazemos upload dos ficheiros (Files), escolhemos a opção "Auto" (não esquecer de selecionar as opções "blend images together" e "Vignette removal" e de seguida clicamos em "ok").
- O software vai unir as imagens de forma automática e no final surgirá o resultado dessa união, tendo em consideração os pixéis gémeos identificados. Essa imagem

nunca será uma imagem final, já que lhe faltará informação muitas das vezes nos cantos e poderá também apresentar distorção.

- Deveremos primeiro do que tudo efetuar a operação "flatten image" para que todas layers desapareçam e o ficheiro fique mais leve.
- Deveremos fazer um varrimento da imagem à procura de falhas de forma a verificarmos a correta colagem efetuada pelo software. (recorrendo à ferramenta de zoom, analisando a imagem em pequenino não nos aperceberemos de algumas falhas e manchas)
- De seguida, deveremos efetuar um crop de forma a retirar as zonas distorcidas e incompletas da imagem.
- No final, efetuei pequenos ajustes na luz e uma máscara para atenuar a “sobre exposição” da zona mais clara da panorâmica 1.

c) PROBLEMAS ENCONTRADOS E RESPETIVAS SOLUÇÕES:

Na tabela seguinte, encontram-se descritos alguns erros efetuados na realização das panorâmicas de 360° e possíveis soluções:

ERROS	RESULTADO	DECISÃO
Problemas de focagem durante o panorama	Algumas zonas da imagem vão aparecer desfocadas na imagem final	Focar na zona da distância hiperfocal nos testes iniciais de foco e hiperfocal
Problemas no nivelamento do ângulo (nível), já que não foi utilizado um tripé sem cabeça panorâmica	Fusão das imagens resulta numa imagem com maior distorção	Tentativa de nivelamento e correção em pós-produção
Perda de alguma informação nos 360°	Panorâmica final incompleta	Assumir e aprender

Tabela 2 - Problemas encontrados na realização das panorâmicas e respetivas soluções e/ou decisões

B. PINHOLE

A Pinhole foi utilizada por mim neste projeto para realizar fotografia de cariz experimental que adicionasse sentido e valor às questões teóricas referidas ao longo deste projeto.

O facto deste processo fotográfico se apoiar em longas exposições (tempos de exposição superiores a 1 segundo) torna-se interessante, dado o paralelismo com o tempo de reclusão, no sentido em que o aumento do tempo de reclusão potenciaria um aumento da profundidade de campo, neste caso, na análise da vida e num processo intenso de introspeção.

A isto adicionamos, o diafragma fechado até ao ponto ínfimo de tamanho quase incomensurável de um furo de um alfinete, representando a suposta penetração lenta da luz na mente do recluso; a utilização obrigatória do tripé que aqui simboliza a imobilidade ou a permanência; a decomposição ou metamorfose do corpo e do rosto dados os longos tempos de exposição; o grão que podemos assumir como um ruído inerente às perturbações causadas pela escuridão; a vinhetagem nos cantos que podemos justificar com a incapacidade de deixar que a luz penetre todo o seu ser e a falta de foco, ainda que este vá melhorando consoante o aumento do tempo de exposição.

A pinhole é então uma metáfora para o processo de reclusão.

Para realizar fotografias com câmara Pinhole para este Projeto, optei por me manter no formato digital, tendo para isso utilizado um acessório adequado para isso.

Este acessório é ajustado ao corpo da câmara, como se fosse uma objetiva, tendo formato universal, ou seja, é compatível com qualquer câmara fotográfica Nikon, analógica ou digital.

Fiz alguns testes (artesanalmente) caseiros, antes de optar por adquirir este acessório, mantendo o processo fotográfico Pinhole, ainda que de forma mais controlada. A mais-valia do uso deste acessório prende-se com o facto do mesmo já vir preparado com o orifício do tamanho certo para garantir maior profundidade de campo (fazendo com que a fotografia fique mais nítida). A dificuldade nos acessórios caseiros reside no diâmetro do orifício, já que se torna difícil, criar um orifício de tamanho minúsculo (menor do que o furo feito por um alfinete).



Figura 116 – Acessório para Pinhole digital (para Nikon)
266

Digital Holga Lens (HL-N/HL-C Specifications) – para NIKON

Effective Focal Length: 60mm (120 Medium Format - apply crop ratio as per your SLR)

Focus: Manual Zone Focus / Lens Type: Plastic

Dimensions: 38x57mm / Weight: 38g

Diâmetro do furo: 0.25mm

Diafragma: f/166

267

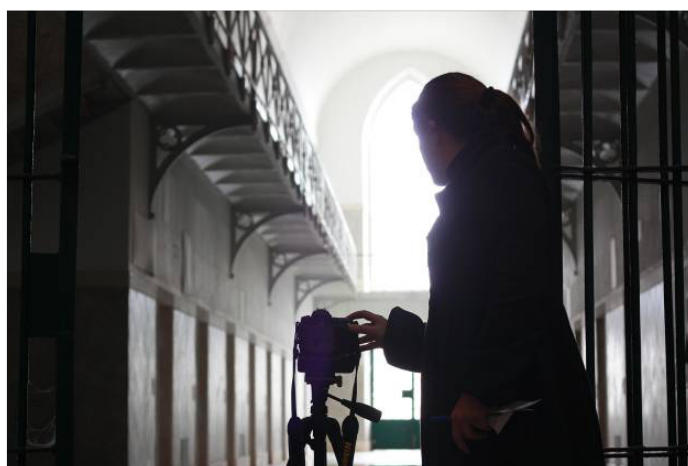


Figura 117 – Carvalho, Luís - Imagem de Making of deste Projeto, 2014
268

266 <http://importplanet.blogspot.pt/>

267 http://niobo.pt/shop/objectivas-c-68_897/holga-objectiva-pinhole-hpln-para-nikon-p-6083.html

268 Imagens de “Making of” deste Projeto, Luís Carvalho, 2014

a) CAPTURA

- Utilização de tripé – para a realização de longas exposições (tempos superiores a 1 segundo)
- Recurso ao temporizador. Por vezes quando somos nós a clicar no disparador, essa pressão na câmara é o suficiente para destabilizar e criar perturbações no foco e na estabilidade da imagem (imagens tremidas)
- Realizei sempre testes antes de efetuar a captura
- Não me preocupei em escolher um valor ISO baixo, já que o grão (ruído digital) é assumido neste projeto (na parte relativa à Pinhole) como simbólica da falta de nitidez na perceção do recluso sobre a sua própria realidade (ruído mental).
- Os tempos de exposição variaram entre um mínimo de 4 segundos e um máximo de 30
- Os ISO's variaram entre 200 e 500
- Os valores foram definidos em função das características de luz de cada corredor e contexto específico.

Na tabela seguinte, indico valores utilizados nas imagens realizadas com o acessório para Pinhole digital:

TEMPOS DE EXPOSIÇÃO:	ISO's
Entre 4 segundos e 30 segundos (este último tempo para uma técnica experimental - movimento rotativo do tripé durante os 30 segundos de exposição)*	Mínimo - 200 Máximo - 800 (imagem captada dentro da cela)

Tabela 3 - Valores utilizados para o processo de Pinhole

*Uma das imagens foi realizada através de uma técnica “experimental” que foi efetuada de acordo com o seguinte procedimento:

- Posicionamento do tripé ao centro da torre central – no 1º andar
- Tempo de exposição de 30 segundos
- Utilização do acessório (Holga para Nikon – acima descrito) para Pinhole em formato digital
- ISO – 400
- Rotação da cabeça do tripé durante os 30 segundos de exposição

Resultado: Efeito idêntico ao de uma múltipla exposição (sobreposição), com o fundo arrastado horizontalmente. A Zona central apresenta uma faixa luminosa mais marcada. Efeito estético mais orientado para uma visão onírica.

X. IMAGENS FINAIS

“(...) the museum is a key diagram that makes visible the process of subjectivization to itself.” 269

Na minha mente idealizo uma futura exposição (física) para este Projeto, cuja estrutura de apresentação recaia no formato panótico.

O meu objetivo é o de induzir um efeito de claustrofobia em quem visualiza este Projeto.

Será importante referir um detalhe no que diz respeito ao ex Presídio Militar de Santarém. Este edifício acolhia criminosos ligados ao sistema, quer estes fossem guardas e diretores prisionais, militares ou políticos, como forma de os proteger de outros criminosos não ligados ao sistema.

Refletindo sobre a questão, penso numa serpente que se morde a si própria, quando a autoridade é encerrada na sua prisão de vigilância infalível. É dentro desse seu próprio castigo mas do outro lado do “ciclo” que se pode arrepender (reconhecendo o erro) e redimir. Sem hipótese de fuga.

A forma como se apresenta um conjunto de imagens cria um mapa de leitura que tolda a análise e a percepção de quem o visualiza.

A interpretação é livre na mente de cada um mas a orientação é induzida, de acordo com a mensagem que se pretende transmitir. Um museu em termos genéricos ou uma exposição artística em particular, pode criar um espaço de resistência.

A unidade despedaça-se em caminhos/unidades, num emaranhado de ramos que compõem uma árvore, num labirinto, num círculo, numa espiral, em transparência, em escada... como se essa obra caminhasse na mente de quem visualiza um Projeto e lhe impusesse uma orientação codificada.

“Shapiro (...) suggests that a key theme for Foucault is that Manet’s depiction of the subject-as-absent can be read as the antithesis of the viewing relationship established within the panopticon (2003:308). There the subject sees only themselves as an object of contemplation and self-disciplining work. The prisoner is held there in the gaze of the (absent) guard exemplified in the central watch tower subject to constant disembodied

269 http://oro.open.ac.uk/29709/1/Foucault_the_Museum_and_the_Diagram_v611.pdf

scrutiny (Foucault, 1977). The art museum (...) Shapiro suggests, a space that comes to be defined by works by people like Manet, can be seen as a space of RESISTANCE (...)”²⁷⁰

Por esta razão, as opções tomadas para a escolha e apresentação das imagens tiveram como intuito a criação de um diagrama de leitura que orientasse o espectador para um campo “minado” que levantasse questões, trazendo à luz tudo o que foi desenvolvido ao longo da realização de todo o Projeto.

A decisão principal passou por criar duas grandes divisões: a visão objetiva e racional deste edifício, numa perspectiva documental, formal, centrada na arquitetura e no sistema de vigilância e uma outra visão subjetiva, espiritual, pessoal e artística.

De alguma forma, intui-se de um lado o olhar autoritário que tenta ordenar e controlar e de outro, o elemento que resiste e que tenta transformar a Prisão num processo individual de cura e transformação.

A visão panorâmica une as duas, como um caminho comum, em que de um lado se cerca e do outro se liberta. Uma unidade bifurcada em duas formas de perceber o espaço-prisão. A luz e a escuridão servem de denominador comum, criando mensagens encriptadas que nos encaminham para uma significado filosófico mais profundo.

Na visão subjetiva, as imagens pinhole anteveem o mundo por entre um alfinete de luz que rompe a escuridão. Do caos nasce a vida e a luz que, a determinada altura inunda tudo.

Na visão objetiva, a luz perde a magia e entra no compasso do arquiteto racional que constrói magistralmente a prisão de sonho de um legislador e carcereiro.

A geometria sagrada contudo parece ter criado uma ligação improvável entre estas duas visões, “tentando provar” que o compasso do arquiteto também se apoia na fé.

Mas mais do que isso, este Projeto alerta-nos para a questão da vigilância a que estamos sujeitos na sociedade contemporânea, a todo e qualquer momento, mesmo sem que nos seja pedida permissão. Estamos em todo o lado, somos estudados, catalogados e monitorizados e isso remete-nos mais uma vez para um orquestrador maior que tudo quer dominar.

A prisão é então uma metáfora e todo o Projeto se torna uma metáfora para a nossa forma de estar na sociedade atual e perante a vida.

Assim, e para futura continuação deste Projeto, pretendo propor uma exposição ao Museu da Imagem em Movimento, em Leiria, na qual se construam duas estruturas panóticas

²⁷⁰ Idem

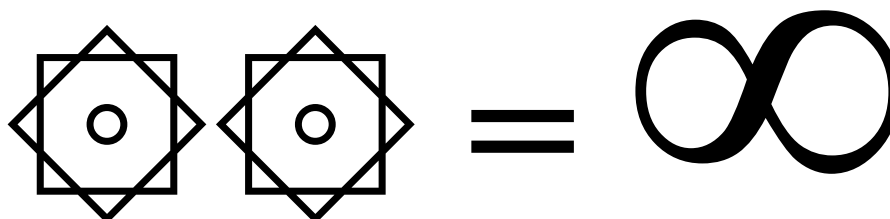
pequenas e escuras, projetando as imagens a toda a volta do espectador, fazendo-o sentir-se sufocado e cercado.

Por fora, idealizo um orifício em que se filmem as reações das pessoas que estão no interior do octógono radial.

As imagens finais aqui mostradas individualmente serão coladas em duas sequências horizontais radiais (em forma de octógono) para permitir uma visualização panótica (pela ordem em que se apresentam aqui individualmente).

Assim a exposição terá um formato em forma de “oito deitado” simbolizando a perfeição, a harmonia de opostos, o eterno retorno, uma espiral que não tem fim e o infinito.

Entre os dois octógonos uma ligação: a Panorâmica.



O interior dos octógonos será uma sequência de imagens com 16 imagens cada uma (duas imagens ocupando cada face do octógono):

Faces do Octógono:

1	2	3	4	5	6	7	8
---	---	---	---	---	---	---	---

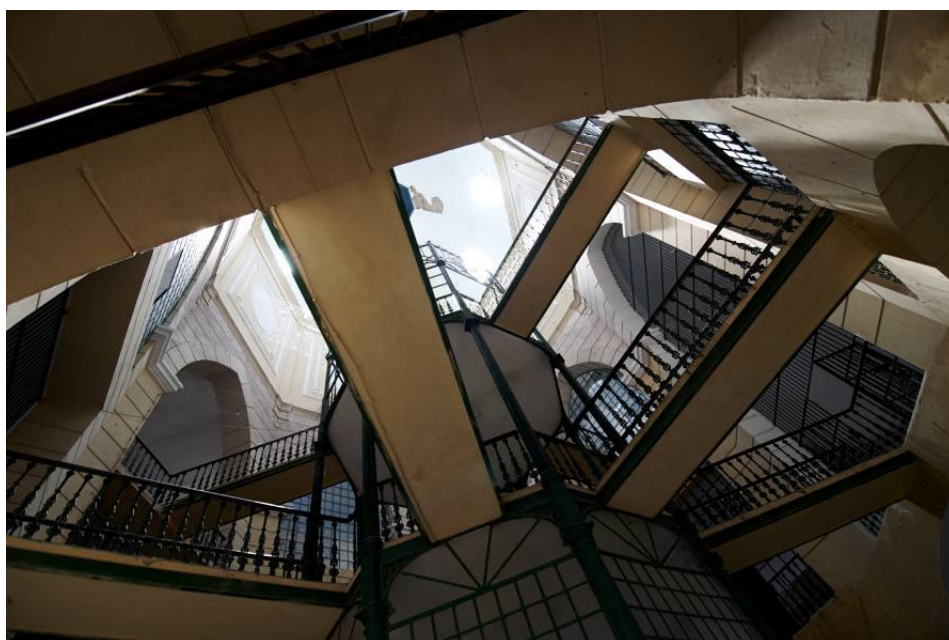
Imagens dentro do Octógono (a toda a sua volta):

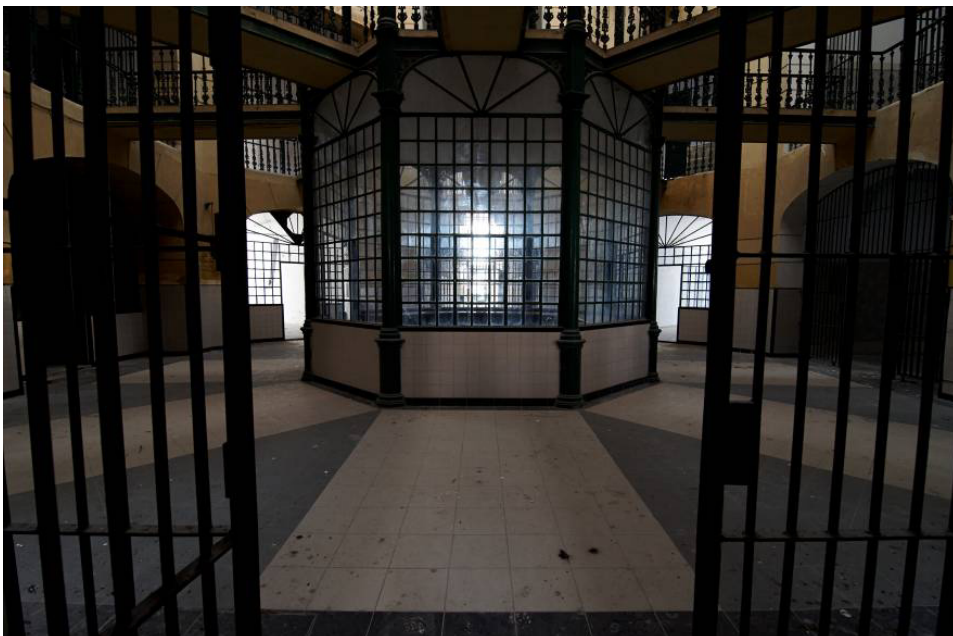
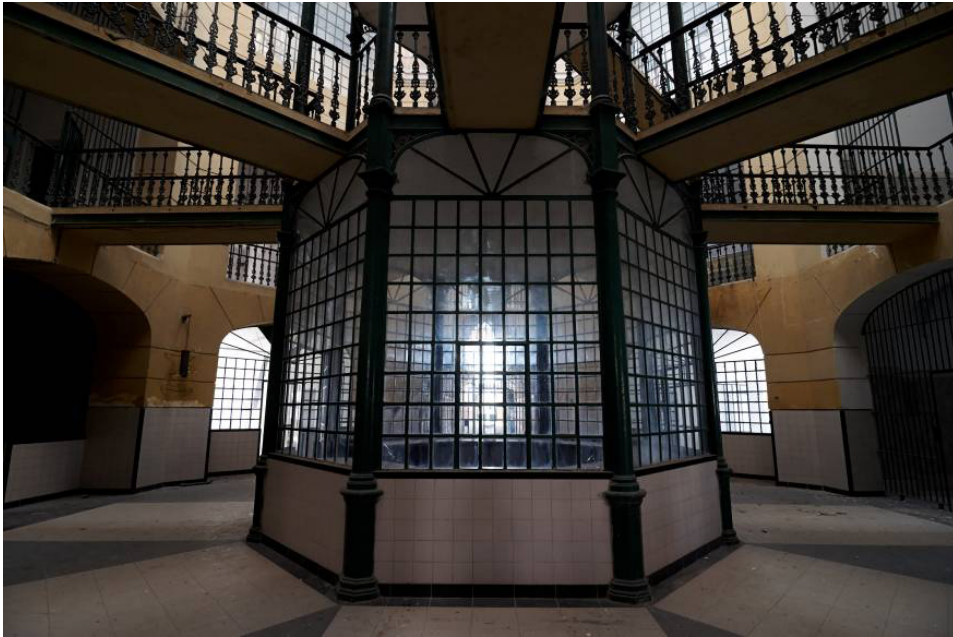
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----

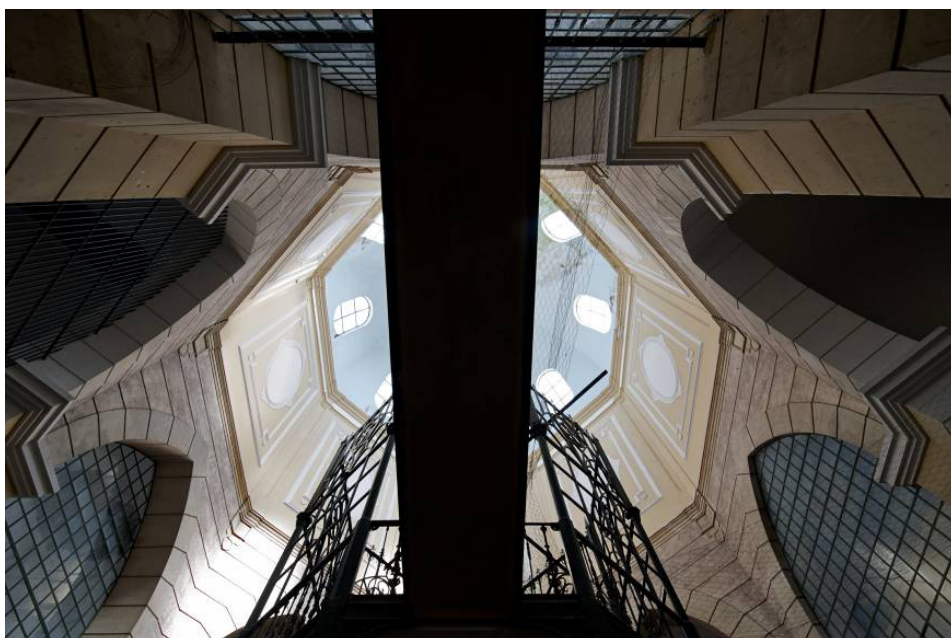
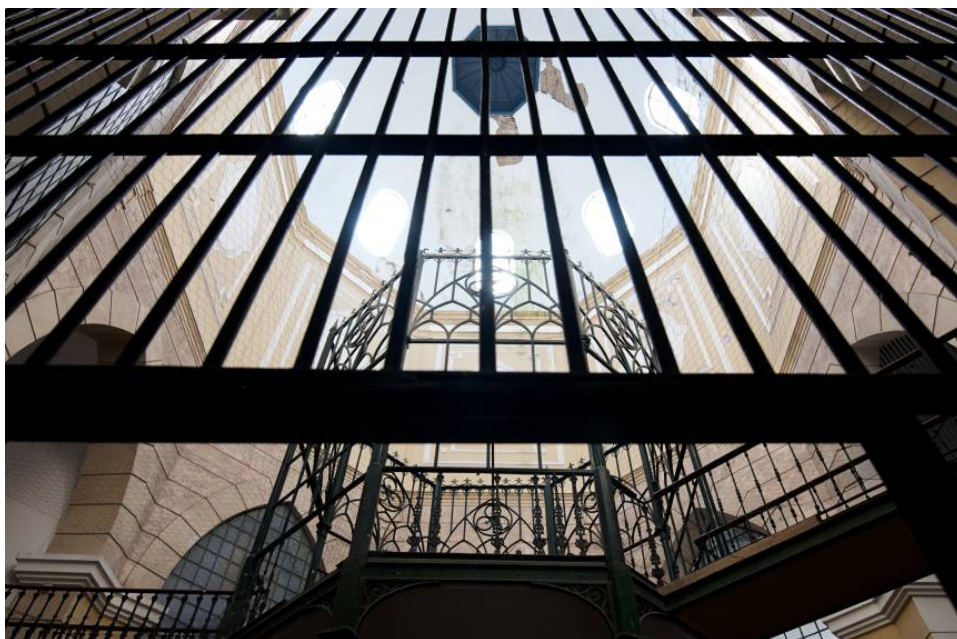
A. O OLHAR OBJETIVO SOBRE O EX PRESIDIO MILITAR DE SANTARÉM (reclusão vigiada)

Estas imagens serão apresentadas em formato panótico octogonal, semelhante à estrutura central do edifício, pela ordem que se segue (do centro para os corredores; dando primazia à autoridade vigilante):

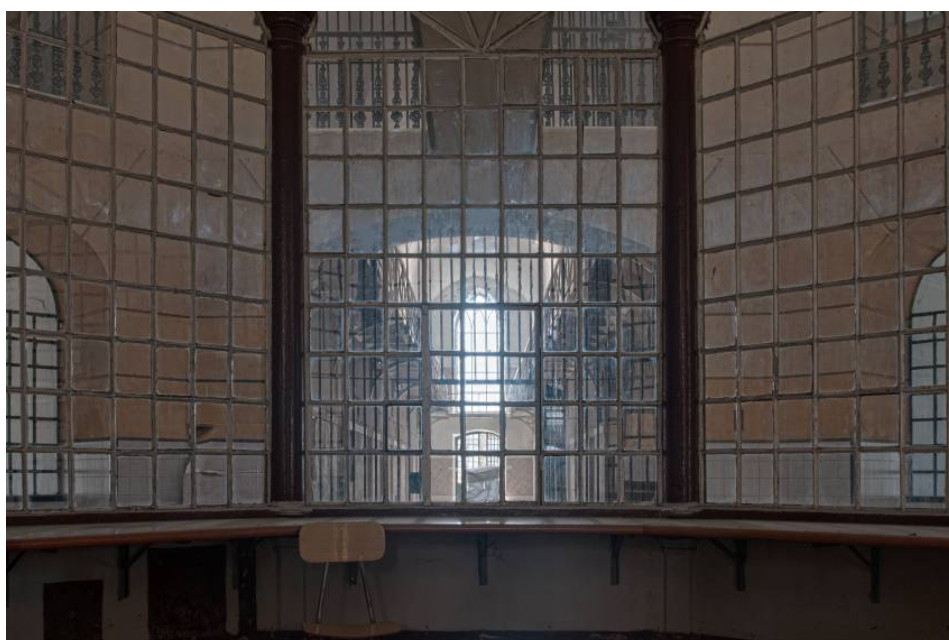
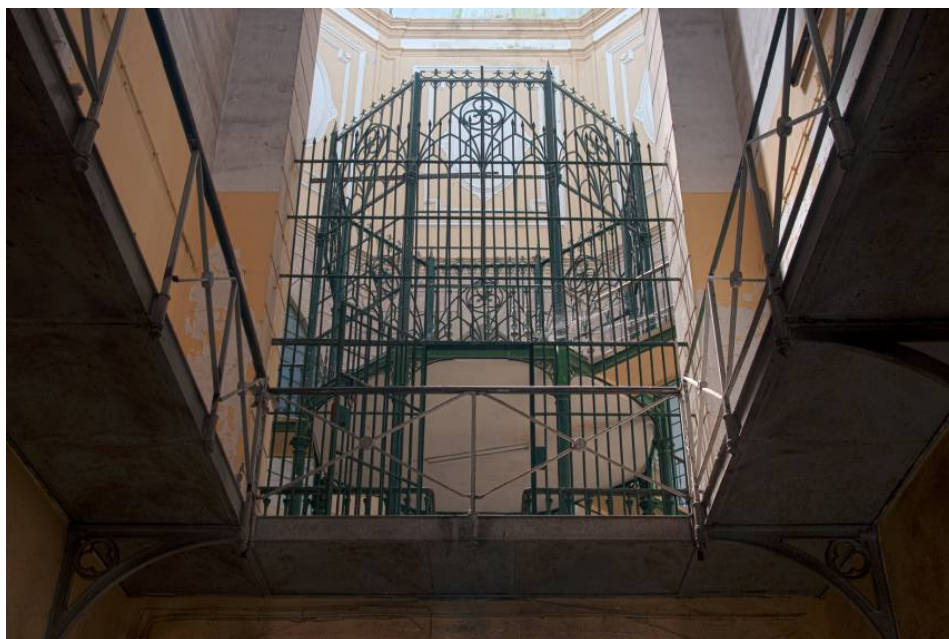


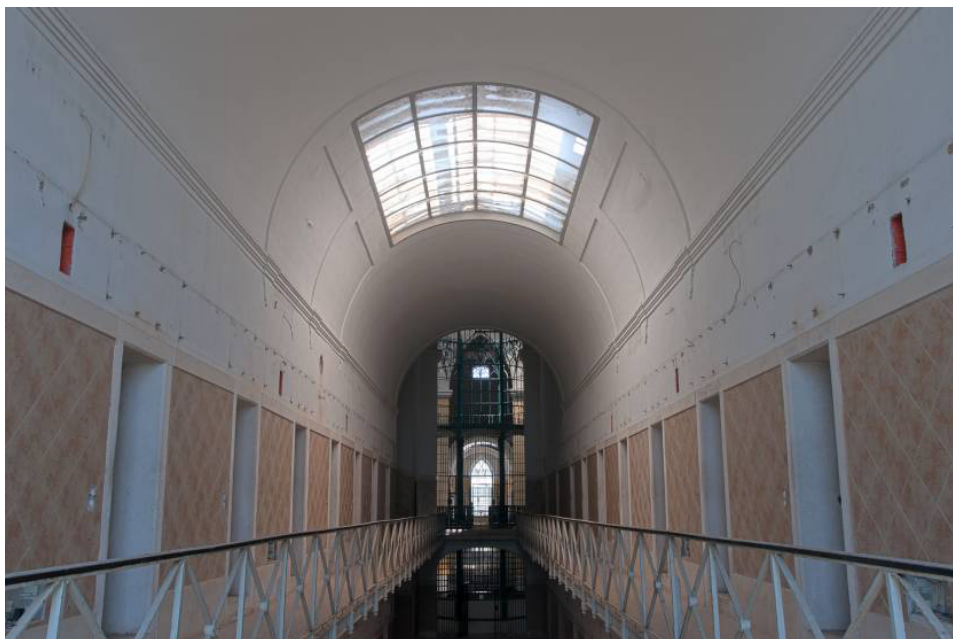


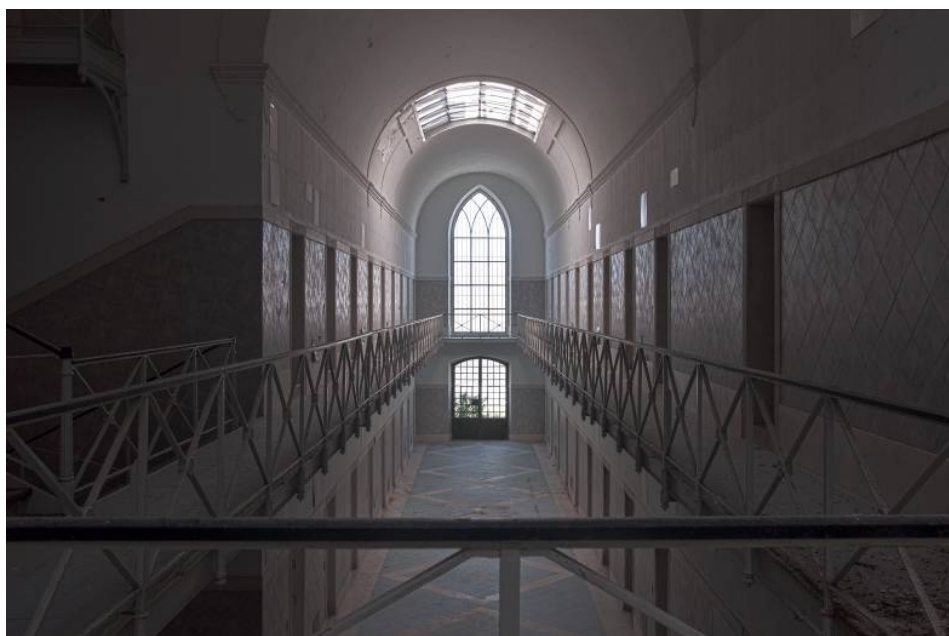










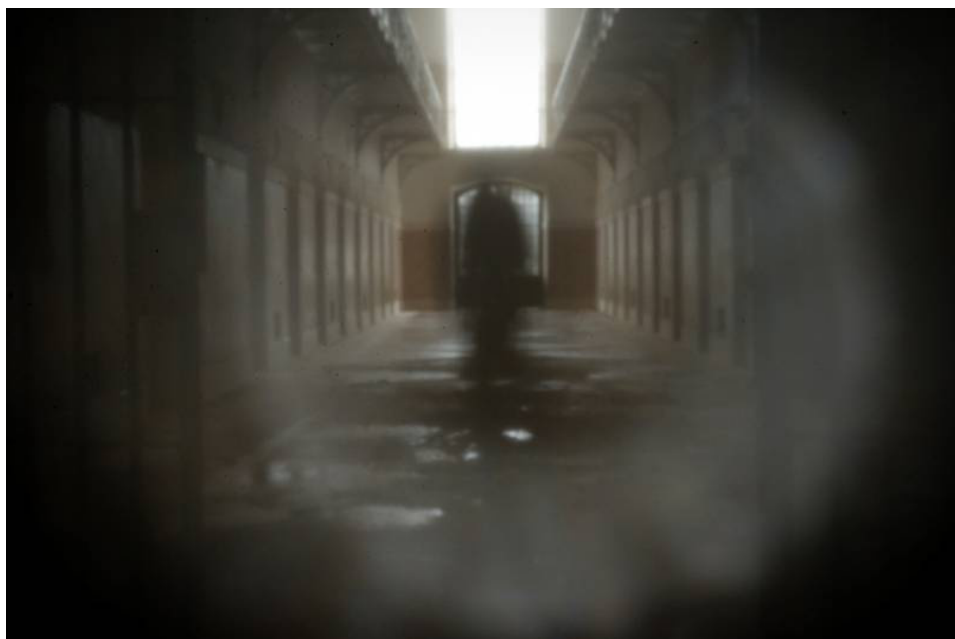


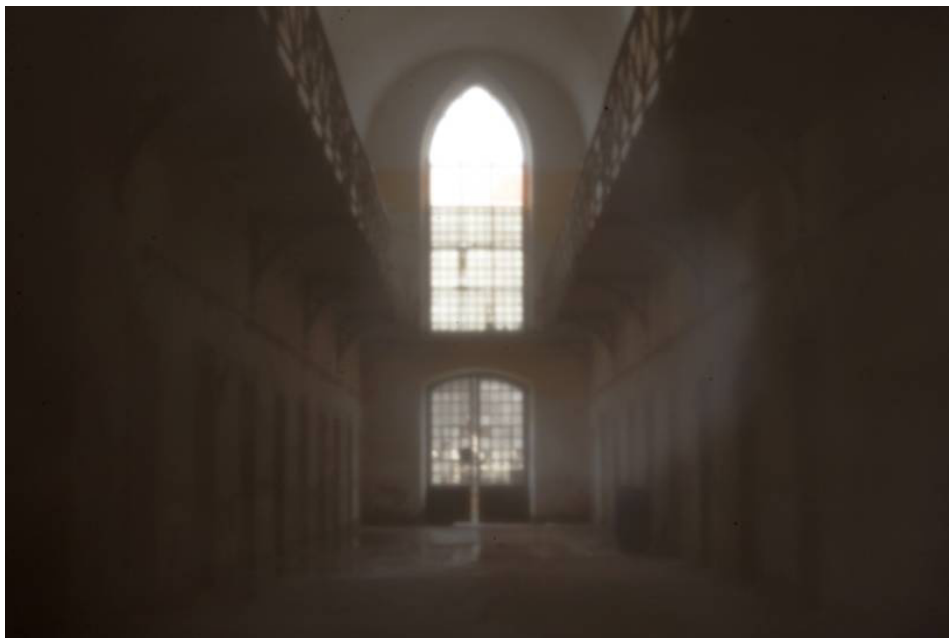
B. O OLHAR PANORÂMICO

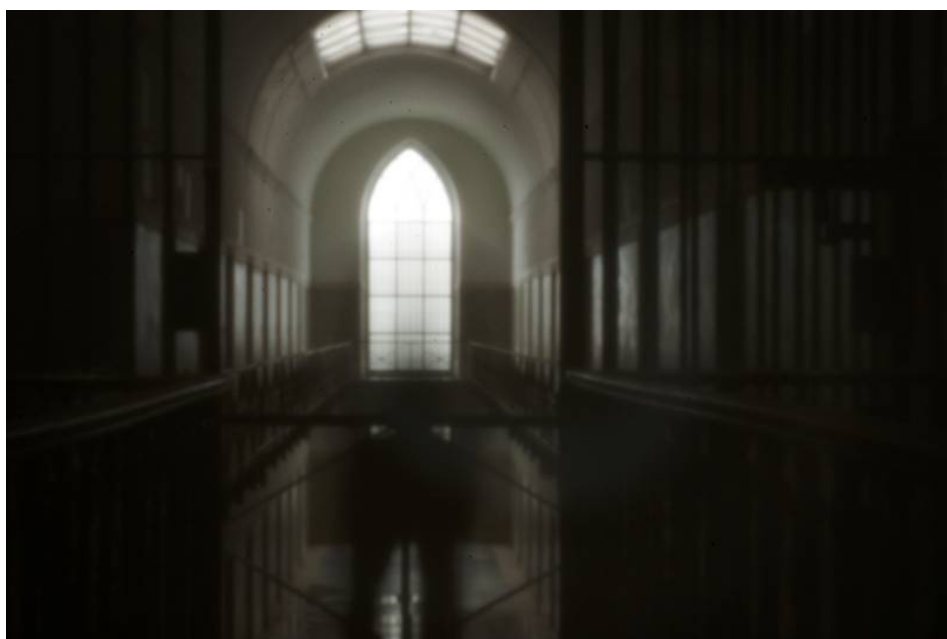
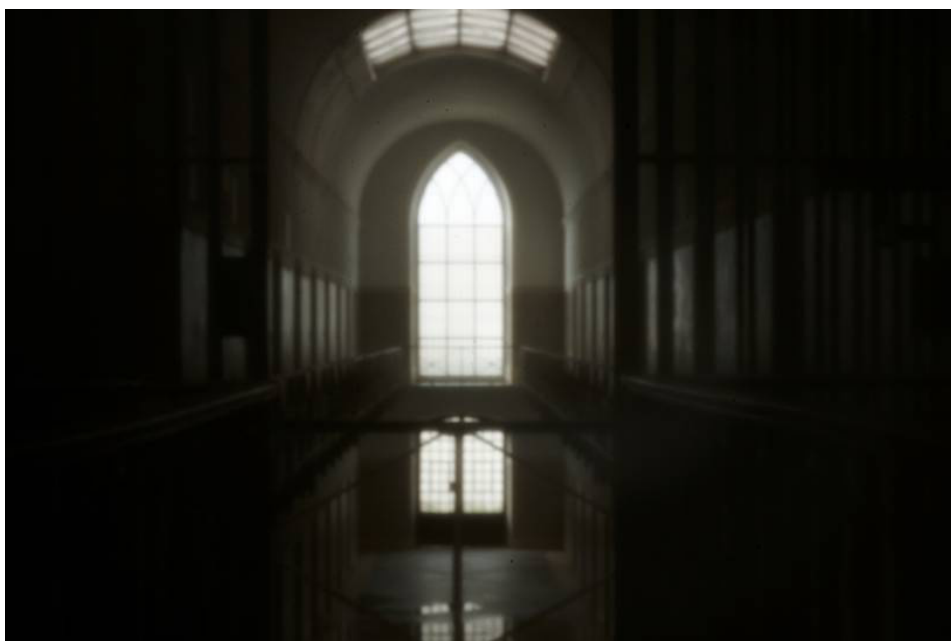


C. O OLHAR SUBJETIVO SOBRE O EX PRESIDIO MILITAR DE SANTARÉM (da escuridão à luz)

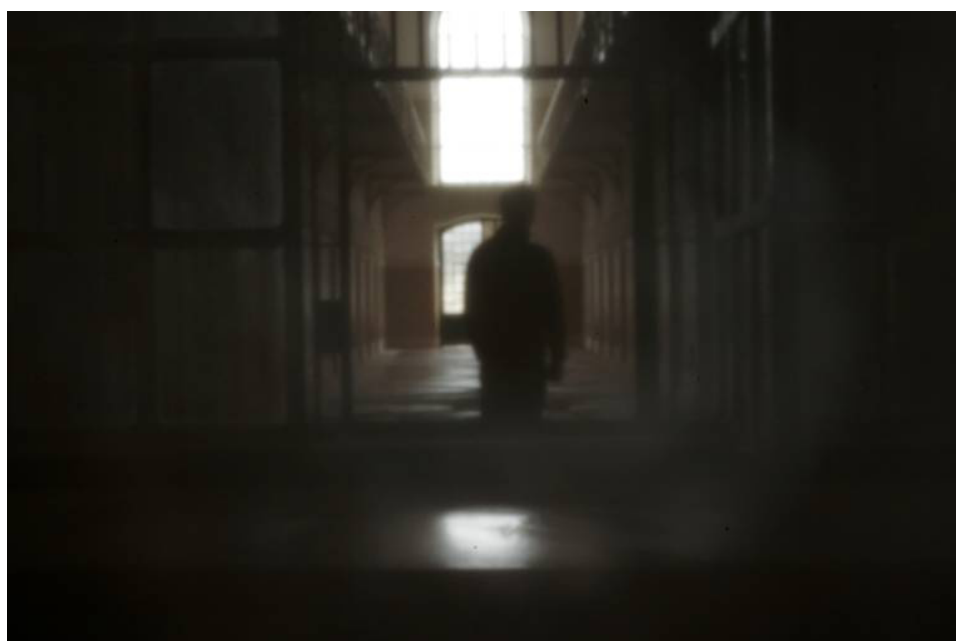
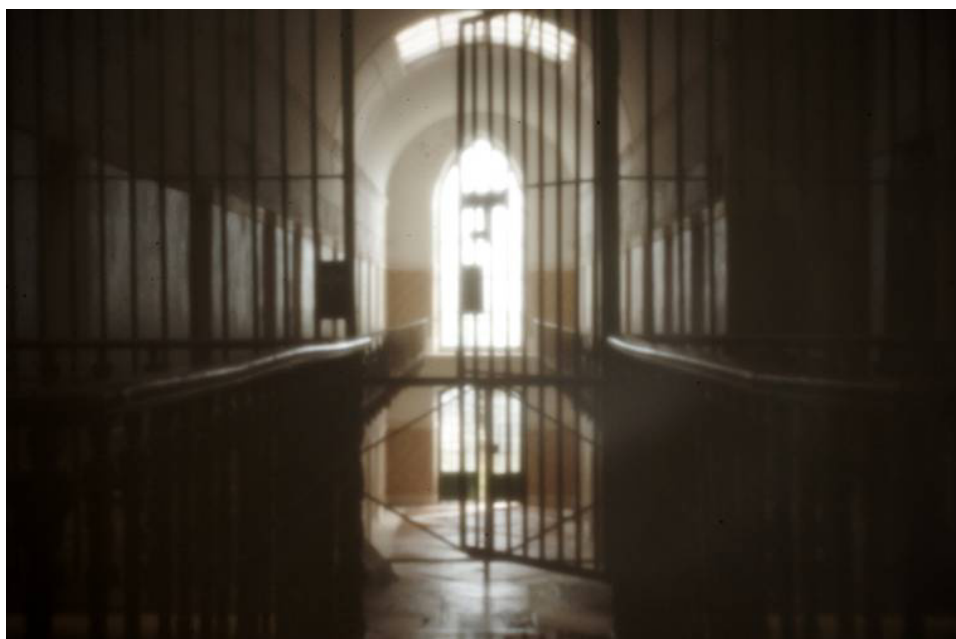


















XI. CONCLUSÃO

“Einstein's space is no closer to reality than Van Gogh's sky. The glory of science is not in a truth more absolute than the truth of Bach or Tolstoy, but in the act of creation itself. The scientist's discoveries impose his own order on chaos, as the composer or painter imposes his; an order that always refers to limited aspects of reality, and is based on the observer's frame of reference, which differs from period to period as a Rembrandt nude differs from a nude by Manet.” ²⁷¹

A beleza do edifício do ex Presídio Militar de Santarém foi o que me motivou a realizar um trabalho fotográfico que fosse mais do que um registo fotográfico das suas características arquitetónicas (acervo fotográfico). A realização de um trabalho fotográfico de cariz documental centrado na arquitetura do edifício seria uma repetição de projetos semelhantes sobre este ou outros edifícios prisionais.

O desafio seria então a realização de um trabalho autoral que pudesse trazer um novo olhar sobre o edifício panótico.

Este desafio orientou-me primeiramente para uma vertente “espiritual” do edifício.

O bater das asas das pombas em silêncio ecoa na alma e eleva-nos para outras imagens que não as imagens frias advindas da racionalidade dos sistemas prisionais perfeitos e de segurança máxima, transportando outras interpretações.

A perfeição do edifício é mais do que o sistema prisional perfeito e chega-nos aos sentidos em teclas de piano, numa poética difícil de descrever em palavras. Como uma paragem no tempo.

O espaço-prisão não se encerra na visão objetiva e racional do olhar autoritário que tenta formatar a reclusão. Especialmente, não se encerra num “Deus falso” de um olho que tudo vê e controla.

O espaço-prisão pode ser um espaço de introspeção, ainda que nem sempre consciente, um espaço de “liberdade” que pode trazer à consciência toda a prisão que reside na mente. O labirinto é repleto de possibilidades.

²⁷¹ <http://www.quotationspage.com/quote/22581.html>

A visão é individual. É uma elevação possível pessoal e intransmissível sentida no âmago do ser e não traduzível, possivelmente veiculada pela desilusão e pelo desespero.

A verdade é uma verdade esquecida que na escuridão se revela, em tom de consciência, daqueles que a esta reclusão deliberada se entregam.

Da exploração do espaço do ex Presídio, da análise dos múltiplos conceitos a ele associados e da pesquisa de autores de referência que me serviram de inspiração, surgiu este novo Projeto que culmina na importância do fotógrafo enquanto arquiteto do “olhar” sobre a Prisão.

O fotógrafo pode optar, estando livre. Em liberdade, o olhar artístico é outro e sem limites ou diretrizes.

A decisão tomada foi a de uma bifurcação, um olhar dualista que “tudo vê”, ou seja, um olhar fotográfico que transporta as duas visões, tentando desconstruir as prisões como as vimos até aqui e criando um novo espaço de análise, que nos orienta por dois corredores diferentes que se unem num centro radial, a mente, que tudo une e tudo compreende. A arquitetura é uma arquitetura do olhar, poder que fica entregue ao fotógrafo que escolhe e constrói os dois olhares.

Surge uma visão mais ampla e mais consciente, confrontando o espectador com uma estrutura panótica que congrega o lado racional e o lado emocional, a visão objetiva e a visão subjetiva, “obrigando-o” a ver as duas ao encerrá-lo numa apresentação panótica das imagens.

O espectador é apanhado na teia do panótico, reforçando o conceito base e o que se pretende transmitir.

Assim, o edifício pode ser visto sob uma orientação racional e objetiva, com destaque para a arquitetura magnânima, sublime e perfeita, sob o olhar da autoridade ou, sob um olhar subjetivo, na qual a prisão pode ser um lugar que potencia um renascimento, ou a redenção.

No olhar objetivo, anulei os contrastes, nivelando a luz nos corredores através da técnica de HDR, captei a perfeição arquitetônica do edifício tentando destacar a elegância das linhas e exacerbei a questão do labirinto e do formato panótico com a criação de uma panorâmica que nos confunde e nos cerca.

No olhar subjetivo existe contraste, imperfeição, caos, confusão, uma luz tênue que tenta rasgar a escuridão e metamorfose. Questões que explorei através do processo fotográfico

de Pinhole, processo artesanal, rude e imperfeito que visto por outro prisma, nos dá a chave para todo o universo e para a reconstrução do ser humano. Fotografei sem regras e de forma intuitiva e livre, acabando por ser esta a minha visão do edifício.

O Projeto culmina numa melodia que se compõe através das batalhas travadas entre a ciência e a religião, a ciência e a arte, a objetividade e a subjetividade, a organização e o caos, a lei e a fé... como parte de um todo que dança na nossa mente, numa busca que nunca cessa.

A luz e a escuridão fundem-se num significado que liga todas as coisas e que nos ajuda a intuir e integrar a linha da vida. Em melodia... em consciência.

O que é a Prisão? (no seu sentido mais lato, aplicado a todos os contextos metafóricos)

A Prisão (aqui aplicada a tudo o que nos rodeia e possa ser entendido como prisão) ensina a encontrar a chave da nossa mente. Essa chave orienta uma nova leitura da vida, das suas dicotomias, do paradoxo que lhe é inerente e da sua imprevisibilidade.

Somos silenciados por rasgos de luz quando a escuridão parecia o fim. A objetividade e a subjetividade unem-se em concordância, mais perto da explicação do universo.

“Recomeça...
Se puderes,
Sem angústia e sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.
De nenhum fruto queiras só metade.
E, nunca saciado,
Vai colhendo
Ilusões sucessivas no pomar
E vendo
Acordado,
O logro da aventura.

És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças.”
Miguel Torga, *Diário XIII*272

272 <https://poemasdomundo.wordpress.com/category/miguel-torga/>

XII. BIBLIOGRAFIA

A Bíblia sagrada contendo o velho e o novo testamento (traduzido por Padre António Pereira de Figueiredo). Depósito das escrituras sagradas: Lisboa, 1963.

ADRIANO, Paulo - *Penitenciária Central de Lisboa: A Casa do Silêncio e o despontar da arquitectura* - Tese de Mestrado de Arte, Património e Teoria do Restauro. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Lisboa, 2011.

AÏVANHOV, Mikhaël Omaraam - *A linguagem das figuras geométricas*. Coleção Izvor, Publicações Maitreya: Porto, 2010.

ALCAIDE, Victor Nieto - *La luz, símbolo y sistema visual*. Ediciones Cátedra: 1997.

ANG, Tom - *Manual de fotografia digital*. DK: 2009.

CARVALHO, Adalberto Dias de (org.) - *Solidão, educação e condição humana*. Edições Afrontamento: Porto, 2011.

COUTURIER, Elisabeth Couturier - *Talk about contemporary photography*. Flammarion: 2012.

CYRULNIK, Boris - *Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana*. Editions Odile Jacob, Instituto Piaget (Direitos reservados para a língua portuguesa), Tradução de Ana Rabaça: Lisboa, 2001.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Instituto Antônio Houaiss da Lexicografia Portugal, Temas e Debates: Porto, 2001.

FIZZOTI, Eugenio - *Para ser livre*. Paulinas: Lisboa, 1996.

FOUCAULT, Michel - *Vigiar e punir: nascimento da Prisão* (tradução de Raquel Ramalhete). Vozes: Petrópolis, 1987.

FREGOLENT, Alessandra - *Louvre, Paris*. Everest Editora: Lisboa, 2005.

Hope and Faith. Encontros da imagem: Braga, 2014.

JESUS, Santa Teresinha do Menino - *História de uma alma – autobiografia de Santa Teresinha do Menino Jesus*. Livraria Apostolado da Imprensa, Braga.

JÜNGER, Ernst - *O passo da floresta* (ensaio). Livros Cotovia: Lisboa, 1995.

KUNDTZ, David - *Parar – como parar quando temos de continuar*. Tradução de Paula Cortes. Sinais de Fogo: Lisboa, 1998.

Louvre Paris, Everest Editora: Sintra, 2005.

MARCOS, Luís Rojas - *Superar a adversidade – o poder da resiliência*, Tradução de Maria Mateus. Editorial Planeta: Lisboa, 2010.

MARTINS, José Miguel - *Penitenciária de Coimbra: Permeabilidade e inserção no espaço urbano*, Dissertação de Mestrado integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura: Coimbra 2011.

PEVSNER, Nikolaus - *História de las tipologias arquitetónicas*. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 1980

PIERRE, Abbé – *Testamento*. Editorial Notícias, (S.L).

TAVARES, Gonçalo M. - *Atlas do corpo e da imaginação – teorias, fragmentos e imagens*, Editorial Caminho: Alfragide, 2013.

URIBE, Félix Núñez - *Deus é humor*. Gráfica de Coimbra: Coimbra, 1997.

VALDÉS, Alfonso de - Diálogo de las cosas ocurridas en Roma. Edición J. Fernández Montesinos: Madrid, 1959.

WYLIE, Donovan - *The Maze*. Granta Books: London, 2004.

WRAY, William - *Leonardo da Vinci nas suas próprias palavras*. Fubu Editores: Porto, 2006.

A. DOCUMENTOS CONSULTADOS NA INTERNET:

(Não disponível): <http://arqhist.exercito.pt/details?id=154178>

(Não disponível): <http://www.geog.psu.edu/courses/geog497b/readings/koskela.pdf>

7 GRAUS – Estrela de Davi (Em linha). Portugal: 7G. Disponível na Internet:

<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/estrela-davi/>

ABOUT DHARMA – What is dharma (Em linha). (SL): AD. Disponível na Internet:

<http://www.aboutdharma.org/what-is-dharma.php/>

ADOBE – Photoshop (Em linha). EUA: Adobe. Disponível na Internet:

http://help.adobe.com/en_US/photoshop

ADONIM – Number six (Em linha). (SL): ADONIM. Disponível na Internet:

<http://www.adonim.com/numbers/number6.html>

ANDERSON, VICKY – Star tetrahedon, the star of david (Em linha). (SL): SHIFT FREQUENCY.

Disponível na Internet: <http://www.shiftfrequency.com/vicky-anderson-star-tetrahedron-the-star-of-david/#more-31268>

ARTSPACE – Candida Höfer (Em linha). EUA: ARTSPACE. Disponível na Internet:

http://www.artspace.com/candida_hofer

BALIHAR, DAVID – Pinhole cameras (Em linha). Czech Republic: PINHOLE. Disponível na

Internet: <http://www.pinhole.cz/en/pinholecameras/whatis.html>

BALTIMORE SUN – Hofer photos (Em linha). EUA: BS. Disponível na Internet:

http://articles.baltimoresun.com/2011-11-19/entertainment/bs-ae-hofer-photos-20111119_1_baltimore-museum-buildings-winston-tabb

BIBLIOTECA PLEYADES – The hexagram (Em linha). (SL): BP. Disponível na Internet:

http://www.bibliotecapleyades.net/sociopolitica/sociopol_brotherhoods01b.htm

BLAIR, SUSIE E JAAFARI, SHIRIN – These photos capture Guantanamo's double life: tropical prison and all American (Em linha). EUA: PRI. Disponível na Internet:

<http://www.pri.org/stories/2014-10-14/these-photos-capture-guantanamos-double-life-tropical-prison-and-all-american>

BLUE PHOTO - When the passion is overflowed: Justo Gallego (Em linha). Espanha: BF.

Disponível na Internet: <http://www.bluephotoagency.com/cuando-la-pasion-se-desborda-justo-gallego.html>

BRADBURY, RAY – Fahrenheit (Pdf em linha). (SL): TS. Disponível na Internet:

[http://teachersites.schoolworld.com/webpages/CAdams/files/fahrenheit%20451%20\(complete%20text\)1.pdf](http://teachersites.schoolworld.com/webpages/CAdams/files/fahrenheit%20451%20(complete%20text)1.pdf)

BROOK, PETE – A brief history of Prison Photography (Em linha). EUA: PRISON

PHOTOGRAPHY. Disponível na Internet: <http://prisonphotography.org/2011/02/12/a-brief-history-of-prison-photography/>

BROOK, PETE – Peter Brook (Em linha). EUA: PRISON PHOTOGRAPHY. Disponível na Internet: <http://prisonphotography.org/pete-brook/>

BROOK, PETE – Cornell Capa concerned about prisons (Em linha). Portugal: PRISON

PHOTOGRAPHY. Disponível na Internet: <http://prisonphotography.org/2009/07/03/cornell-capa-concerned-about-prisons/>

BROOK, PETE – Cornell Capa testifies on Attica (Em linha). EUA: PRISON

PHOTOGRAPHY. Disponível na Internet:

<http://prisonphotography.org/2009/07/03/cornell-capa-testifies-on-attica/>

BROOK, PETE – David Leventi (Em linha). EUA: PRISON PHOTOGRAPHY. Disponível na

Internet: <http://prisonphotography.org/tag/david-leventi/>

BROOK, PETE – Panopticon (Em linha). EUA: PRISON PHOTOGRAPHY. Disponível na

Internet: <http://prisonphotography.org/tag/panopticon/>

BROOK, PETE – Pinhole photography. (Em linha) EUA: PRISON PHOTOGRAPHY.

Disponível na Internet: <http://prisonphotography.org/tag/pinhole-photography/>

BURTYNSKY, EDWARD – China (Em linha). Canada: EB. Disponível na Internet:

http://www.edwardburtynsky.com/site_contents/Photographs/China.html

CARTER, PAUL – Eight and baptism (Em linha). (SL): DARTHMOUTH. Disponível na Internet:

<https://www.dartmouth.edu/~matc/math5.geometry/unit8/unit8.html#eightandbaptism>

CARVALHO, LÁZARO DE – O selo sagrado de Salomão (Em linha). Portugal: LC.

Disponível na Internet: <http://oloboeocordeiro.wordpress.com/2011/07/07/074-o-selo-sagrado-de-salomao/>

CHANDLER, OTIS – Nineteen eighty four (Em linha). EUA: GOOD READS. Disponível na

Internet: <https://www.goodreads.com/work/quotes/153313-nineteen-eighty-four>

DELCAMPE (Benjamin – Administrator) – Presídio Militar de Santarém – postal (Em linha). (SL):

DELCAMPE. Disponível na Internet: www.delcampe.net

DIGITAL PHOTOGRAPHY SCHOOL – Creating a panorama with Photoshop and photomerge

(Em linha). (SL): DGS. Disponível na Internet: <http://digital-photography-school.com/creating-a-panorama-with-photoshop-and-photomerge>

EARTH ACUPUNCTURE – Sacred geometry (Em linha). (SL): EA. Disponível na Internet:

http://earthacupuncture.info/sacred_geometry.htm

FAZLUL ISLAM – Diagram of the Universe (Em linha). Sylhet: FI. Disponível na

Internet: https://www.facebook.com/note.php?note_id=375446525798776

FEIRA DOS 23 – Estabelecimento prisional de Coimbra (Em linha). Portugal: Feira dos 23.

Disponível na Internet: <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisional-de-coimbra/>

FENSHUI SEMINARES – Sacred geometry (Em linha). EUA: FS. Disponível na Internet:

http://www.fengshuiseminars.com/sacred_geometry.html

FLANAGAN, JANE – David Leventi (Em linha). CANADA: SEENANDSAID. Disponível na

Internet: <http://seenandsaid.blogspot.pt/2011/06/david-leventi.html>

GIZMODO – What does it take to sell the most expensive photograph in history (Em linha). Australia: GIZMODO. Disponível na Internet:

<http://www.gizmodo.com.au/2013/07/what-does-it-take-to-sell-the-most-expensive-photograph-in-history/>

GLC MAJOR MODULE – Second exhibition of the day (Em linha). (SL): GLCMM. Disponível na

Internet: <http://glcmajoramodule.wordpress.com/2011/11/17/second-exhibition-of-the-day/>

GLOBAL RESEARCH – Big brother is watching you beyond Orwell's worst nightmare (Em

linha). Canada: GR. Disponível na Internet: <http://www.globalresearch.ca/big-brother-is-watching-you-beyond-orwells-worst-nightmare/5367023>

GREEN NEON LIGHT – Candida Höfer (Em linha). IRELAND: GNL. Disponível na Internet:

<http://greenneonlight.blogspot.pt/2009/11/candida-hofer.html>

HAARETZ (Online edition) - The Star of David: More than just a symbol of the Jewish people or Nazi persecution (Em linha). Israel : HAARETZ. Disponível na Internet:

<http://www.haaretz.com/1.574736>

HETHERINGTON, KEVIN – Foucault, the Museum and the diagram (Em linha). UK:

The Open University. Disponível na Internet:

http://oro.open.ac.uk/29709/1/Foucault_the_Museum_and_the_Diagram_v611.pdf

IGESPAR – Penitenciária distrital de Santarém (Em linha). Portugal: IGESPAR. Disponível na

Internet: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/73587/>

IMPORT PLANET – Lente Holga para Nikon (Em linha). (SL): IP. Disponível na Internet:

<http://importplanet.blogspot.pt/>

INSTITUTO DE ARTE E CULTURA GARATUJA – Camara escura, o início de tudo (Em linha). BR: IACG. Disponível na Internet: <http://garatujafotografia.blogspot.pt/2013/07/camara-escura-o-inicio-de-tudo.html>

JOLY, MARTINE – Introdução à análise da imagem (Pdf em linha). (SL): Venâncio Filho. Disponível na Internet: <http://pt.scribd.com/doc/16343510/Introducao-a-Analise-da-Imagem-Martine-Joly>

KAPUT – The tropics views from the middle of the globe – Kaput 04 (Em linha). GR: KAPUT. Disponível na Internet: <http://www.kaput.gr/en/04/the-tropics-views-from-themiddle-of-the-globe/>

KEYZER, CARL DE – Zona (Em linha). BÉLGICA: CK. Disponível na Internet: <http://www.carldekeyzer.com/>

KODAK – História da Fotografia (Em linha). BR: KODAK. Disponível na Internet: http://wwwbr.kodak.com/BR/pt/consumer/fotografia_digital_classica/para_uma_boa_foto/historia_fotografia/historia_da_fotografia02.shtml?primeiro=1

KOESTLER, ARTHUR – The act of creation (Em linha). (SL): QUOTATION SPAGE. Disponível na Internet: <http://www.quotationspage.com/quote/22581.html>

L'ART ET L'ARGENT– Andreas Gursky 99 cents (Em linha). FR: LL. Disponível na Internet: <http://art-et-argent.over-blog.com/pages/andreas-gursky-99-cents-et-la-bourse-de-tokyo-7195040.html>

LASSIE, LEEDS – Panopticism theory and practice. (SL): PHOTOGRAPHY CRITIQUES. Disponível na Internet: <http://leedslassie-photographycritiques.blogspot.pt/2012/10/panopticism-theory-and-practice.html>

LDS SYMBOLS – Eight (Em linha). (SL): LDSS. Disponível na Internet: <http://ldssymbols.com/eight/>

LE MONDE - DES LIVRES ET DES PHOTOS – Donovan Wylie Maze (Em linha). France: LEMONDE. Disponível na Internet:

<http://deslivresetdesphotos.blog.lemonde.fr/2009/05/07/donovan-wylie-maze/>

LEVENTI, DAVID – Opera / Prison (Em linha). EUA: DL. Disponível na Internet:

<http://www.davidleventi.com>

LINDGREN, KRISTIN – Picturing incarceration (Em linha). EUA: EXHIBITS HAVERFORD.

Disponível na Internet: <http://exhibits.haverford.edu/prisonobscura/picturing-incarceration/>

MACDONALD, COPTHORNE – Review of “A theory of everything” (Em linha). (SL):

WISDOM PAGE. Disponível na Internet: <http://www.wisdompage.com/toerevw.html>

MAGNUM PHOTOS – Bruno Barbey; Lu-Nan; Peter Marlow; David Leventi (Em linha). EUA:

MP. Disponível na Internet: <http://www.magnumphotos.com/>

MARLOW, PETER – The English Cathedral – Peter Marlow (Em linha). UK: AMAZON:

Disponível na Internet: <http://www.amazon.co.uk/The-English-Cathedral-Peter-Marlow/dp/1858945909>

MAS STUDIOS – Manufactured landscapes (Em linha). EUA: MS. Disponível na Internet:

<http://www.mascontext.com/issues/16-production-winter-12/manufactured-landscapes/>

MEMOIRE VIVE – Madeleine Dechavanisse (Em linha). (SL): MV. Disponível na Internet:

<http://www.memoirevive.org/madeleine-dechavassine-31639/>

MENORAH – Star of David (Em linha). (SL): MENORAH. Disponível na Internet:

<http://www.menorah.org/starofdavid.html>

MINERVA GARCÍA ROMAY - La Antigua Prisión Provincial de Coruña (Em linha).

Espanha: MGR. Disponível na Internet:

<http://antiguaprisionprovincialcoruna.wordpress.com/tag/barcelona/#jp-carousel-90>

MOROCCAN DESIGN – Eight point star (Em linha). (SL): MD. Disponível na Internet:

<http://moroccandesign.com/eight-point-star>

MYSTERY OF THE INIQUITY – The 8 pointed star symbol (Em linha). (SL): MTI.

Disponível na Internet: <http://mysteryoftheiniquity.com/2014/01/14/the-8-pointed-star-symbol/>

NEW YORK ART – It's boring at the top (Em linha). EUA: NYA. Disponível na Internet:

<http://nymag.com/arts/art/reviews/31785/>

NOVA ERA ALVORECER – O selo de salomão (Em linha). (SL): NEA. Disponível na

Internet: http://www.novaera-avorecer.net/o_selo_salomao.htm

NUNES, PAULO GOMES – Presídio Militar início do século XX (Em linha). Santarém, Portugal:

A MINHA SANTARÉM BLOGSPOT. Disponível na Internet:

<http://aminhasantarem.blogspot.pt/2010/12/presidio-militar-inicio-do-seculo-xx.html>

PEACH PIT - Scott Kelby's Digital Photography Tips: Which F-Stop to Use for HDR (Em linha).

EUA: PP. Disponível na Internet: <http://www.peachpit.com/articles/article.aspx?p=1845771>

PEOPLE OF AR – The six pointed star of Armenia (Em linha). (SL): PEOPLE OF AR. Disponível

na Internet: <http://peopleofar.wordpress.com/2012/01/14/the-six-pointed-star-of-armenia/>

POEMAS DO MUNDO – Miguel Torga (Em linha). Portugal: PM. Disponível na Internet:

<https://poemasdomundo.wordpress.com/category/miguel-torga/>

PORTO, GABRIELLA – Camara escura (Em linha). (SL): INFOESCOLA. Disponível na Internet:

<http://www.infoescola.com/fotografia/camara-escura/>

PRESSED – The stunning photography of Candida Höfer and an amazing option for those of us who cant afford it (Em linha). EUA: PRESSED. Disponível na Internet:

<http://pressedinbrooklyn.wordpress.com/2011/12/03/the-stunning-photography-of-candida-hofer-and-an-amazing-option-for-those-of-us-who-cant-afford-it/>

PRINDLE, DREW – What is HDR beginners guide to high dynamic range photography

(Em linha). (SL): DIGITALTRENDS. Disponível na Internet:

<http://www.digitaltrends.com/photography/what-is-hdr-beginners-guide-to-high-dynamic-range-photography/#ixzz3HwyfSv50>

ROSS, RICHARD – Architecture of authority (Em linha). EUA: RR. Disponível na Internet:

<http://richardross.net/architecture-of-authority-c8ac7>

ROSS, RICHARD – Juvenile in justice (Em linha). EUA: RR. Disponível na Internet:

<http://richardross.net/juvenile-in-justice>

ROSS, RICHARD – Juvenile in Justice (Em linha). EUA: RR. Disponível na Internet:

<http://richardross.net/juvenile-in-justice>

SAGE PUBLICATIONS – Encyclopedia of Prisons and Correctional facilities (Pdf em

linha). (SL): SP. Disponível na Internet:

<http://www.sagepub.com/hanserintro/study/materials/reference/ref8.1.pdf>

SAGER, JOSH – The digital panopticon (Em linha). EUA: THE PROGRESSIVE CYNIC.

Disponível na Internet: <http://theprogressivecynic.com/2013/06/25/the-digital-panopticon/>

SANTARÉM DIGITAL – Penitenciária distrital de Santarém (Em linha). Santarém, Portugal: SD.

Disponível na Internet: <http://www.santaremdigital.com/penitenciaria-distrital-de-santarem.html>

SEAWELL – Fight the power (Em linha). EUA: SEAWELL. Disponível na Internet:

<http://seawell.wordpress.com/2011/02/14/fight-the-power/>

SFGATE – Zoologischer Garten Candida Höfer's photos (Em linha). EUA: SFGATE. Disponível

na Internet: <http://www.sfgate.com/art/article/Zoologischer-Garten-Candida-Hofer-s-photos-3270803.php>

SHEA, MARY – Star of David (Em linha). EUA: MS. Disponível na Internet:

<http://www.maryshea.com/star.html>

SILLIKER, JARED – Manufactured Landscapes our impact exposed (Em linha). (SL):

INHABITAT. Disponível na Internet: <http://inhabitat.com/manufactured-landscapes-our-impact-exposed/>

SO FÍSICA – Camara escura (Em linha). BR: SF. Disponível na Internet:

<http://www.sofisica.com.br/conteudos/Otica/Fundamentos/camaraescura.php>

SOJOURNER INSTITUTE (Em linha). TRYON: SI. Disponível na Internet: <http://www.sojourner-institute.com/newsite/commentaries/part7g.html>

TARNER, DUN – Camera obscura (Em linha). (SL): SUBSTREET. Disponível na Internet:

<http://substreet.org/hazelwood/camera-obscura-iso-200/>

TEEN, STAN (MERU FOUNDATION) – Triangle (Em linha). (SL): MF. Disponível na Internet:

<http://www.gaiamind.com/triangle.html>

THE GUARDIAN – Candida Hofer Photography (Em linha). EUA: TG. Disponível na

Internet: <http://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2013/feb/07/candida-hofer-photography>

THE SLATE GROUP – David Leventi opera documents - the great opera houses around the world photos (Em linha) – EUA: SLATE. Disponível na Internet:

http://www.slate.com/blogs/ behold/2013/06/24/david_leventi_opera_documents_the_great_opera_houses_around_the_world_photos.html

THE SPECTATOR – In the cold light of dawn (Em linha). UK: TS. Disponível na Internet:

<http://www.spectator.co.uk/books/8787621/in-the-cold-light-of-dawn/>

THE UPLIFTING CRANE – The origin of the six pointed star (Em linha). (SL): TUC. Disponível

na Internet: <https://theupliftingcrane.wordpress.com/2010/02/20/the-origin-of-the-6-pointed-star/>

THEORY NOW – Paradox of Panoptic (Em linha). (SL): TN. Disponível na Internet:

<http://theorynow.blogspot.pt/2013/04/paradox-of-panoptic.html>

TUTS PLUS – A history of photography part 1 – the beginning photo 1908 (Em linha). (SL): TP. Disponível na Internet: <http://photography.tutsplus.com/articles/a-history-of-photography-part-1-the-beginning--photo-1908>

TUTS PLUS - How to Shoot and Post-Process Professional HDR Photos in One Day (Em linha). (SL): TP. Disponível na Internet: <http://photo.tutsplus.com/tutorials/hdr/how-to-shoot-and-post-process-professional-hdr-photos-in-one-day/>

URBANAUTICA – Cornell Capa (Em linha). (SL): URBANAUTICA. Disponível na Internet: <http://www.urbanautica.com/post/10800667870/cornell-capa>

VALADARES, SAURNINO – La catedral de Don Quijote (Em linha). Espanha: LA NATION. Disponível na Internet: <http://www.lanacion.com.ar/1537517-la-catedral-de-don-quijote>

WIKIPEDIA FOUNDATION – HEXAGRAM (Em linha). EUA: WIKIPEDIA. Disponível na Internet: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hexagrama#mediaviewer/File:Hexagram.svg>

WIKIPEDIA FOUNDATION – Magen David Adom (Em linha). EUA: WIKIPEDIA. Disponível na Internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Magen_David_Adom

WIKIPEDIA FOUNDATION – Mug Shot (Em linha). EUA: WIKIPEDIA. Disponível na Internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Mug_shot#mediaviewer/File:AlCaponemugshotCPD.jpg
http://en.wikipedia.org/wiki/Mug_shot

WIKIPEDIA FOUNDATION – Panoramic from Lookout Mountain Tenn 1864 (Em linha). EUA: WIKIMEDIA. Disponível na Internet: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Panoramic_from_Lookout_Mountain_Tenn.,_1864.jpg#metadata

WIKIPEDIA FOUNDATION – Prison Pentonville (Em linha). EUA: WIKIPEDIA. Disponível na Internet: http://en.wikipedia.org/wiki/HM_Prison_Pentonville

WIKIPEDIA FOUNDATION – Star of David (Em linha). EUA: WIKIPEDIA. Disponível na Internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Star_of_David

WIKIPEDIA FOUNDATION – Yellow Badge (Em linha). EUA: WIKIPEDIA. Disponível na Internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Yellow_badge

WILGUS, JACK AND BEVERLY – What is the camera obscura (Em linha). (SL): BRIGHT BYTES. Disponível na Internet: <http://brightbytes.com/cosite/what.html>

B. RECURSOS AUDIOVISUAIS:

“Amongst white clouds” - <https://www.youtube.com/watch?v=FumyvVOVbaY>

“The star of David decoded” - <https://www.youtube.com/watch?v=BeMe85m4eRo>

“Foucault habla sobre el poder” - <https://www.youtube.com/watch?v=sWyHL2iwXMI>

Excerto “The camera obscura – BBC” http://vk.com/video5130942_169349523

XIII. ANEXOS

A. PROJETO RESILIÊNCIA

O homem transcende-se e metamorfoseia-se na tentativa de sobreviver.

A cura parece esconder-se nessa busca existencial e numa recuperação de "identidade" e de amor-próprio. Em suma, a cura está na reconstrução e o renascimento surge no "coração do trauma".

Aquilo que somos ajuda-nos a seguir para o que queremos ser sem lesões exacerbadas do tempo em que já fomos ou vivemos uma outra coisa qualquer.

Às vezes há uma luz que se apaga, há momentos duros que nos esmurram as entranhas.

Será o ser humano "elástico"? Será esta elasticidade o "tempo" que tudo parece curar?

Há pessoas que parecem mais elásticas e resistentes do que outras sabendo cultivar essa capacidade de resiliência que por vezes nos parece sobre-humana.

Este projeto visa ilustrar com fotografias o conceito de resiliência tendo como base uma Prisão através de imagens que representam as "metamorfoses" pelas quais os reclusos passam. Haverá sempre um episódio traumático (neste caso; a toxicodependência; o crime; a prisão, a morte de alguém muito próximo) e uma busca pela cura entendida aqui como um renascimento. Uma nova oportunidade.

Entre estes dois estados («trauma»/renascimento), surgem objetos e tatuagens que, de alguma forma, ajudam a ultrapassar o trauma (simbolicamente), recordando bons momentos, pessoas, a fé ou aquilo que lhes dói.

Na base das tatuagens encontramos uma fé inquestionável e um Jesus Cristo no qual descobrimos o símbolo máximo da redenção.

A base da delinquência aqui representada pela falta de bases emocionais e pelo mundo da droga desvanece-se no Estabelecimento Prisional fotografado, sendo este um regime de Prisão-escola em que é permitido aprender uma profissão e ter uma vivência prisional construtiva, mais livre e menos dura do que numa prisão convencional. Vindos de estruturas familiares pobres e frágeis têm noção de que os amigos eram "más companhias" como as mães diziam.

Estamos perante uma delinquência inconsciente, advinda da falta de conhecimento e da falta de capacidade para dizer NÃO.

O objeto de culto, sempre religioso ou representativo da família e dos amigos (muitos deles também presos ou mortos) constitui uma marca, tantas vezes na pele em forma de tatuagem. Não se conseguem separar da fotografia dos pais, das cartas da ex-namorada ou da loucura do Futebol. A luz parece atingir esses pertences como se a nova vida a eles estivesse presa.

Algum remorso, algum otimismo mas muito descrédito em relação ao que os espera lá fora.

A droga e os amigos foram quase sempre os culpados. Mas apenas a consciência da culpa lhes permite a reconstrução.

A marca fica, talvez mais uma tatuagem...

Quase se sente o choro dos primeiros dias de prisão.

Ainda assim acreditam que "Só deus os pode julgar"! Não conhecem outras vidas.

O futuro, esse, é uma nova página, para muitos, dependente da sorte.

Ainda assim, há casos de sucesso em que esse episódio parece um passado longínquo.

RES\LiÊNCIA

1. (fis) propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica.
2. (fig) capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças.





